

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – PPGCS**

DOUTORADO

KATIUSCE FACCI PERUFO

**DIMENSÕES DO ENVELHECIMENTO E SOCIABILIDADES NA
CONTEMPORANEIDADE: um estudo em Santa Maria/RS**

SÃO LEOPOLDO - RS

2014

Katiusce Faccin Peruffo

**DIMENSÕES DO ENVELHECIMENTO E SOCIABILIDADES NA
CONTEMPORANEIDADE: um estudo em Santa Maria/RS**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como requisito parcial para obtenção do Título de Dr. em Ciências Sociais, com ênfase em Políticas e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. José Luiz Bica de Mélo

São Leopoldo – RS

2014

Katiusce Faccin Perufo

**DIMENSÕES DO ENVELHECIMENTO E SOCIABILIDADES NA
CONTEMPORANEIDADE: um estudo em Santa Maria/RS**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Senso* em Ciências Sociais, ênfase em Políticas e Práticas Sociais, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

São Leopoldo-RS, 05 de junho de 2014.

Prof. Dr José Luiz Bica de Mélo
UNISINOS - Brasil

Prof. Dr^a Alice Maria Delerue Alvim de Matos
UMinho - Portugal

Prof. Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini
UFSM - Brasil

Prof. Dr José Rogério Lopes
UNISINOS - Brasil

Prof. Dr José Ivo Follmann
UNISINOS - Brasil

*Aos idosos, sujeitos desta pesquisa que
aclararam as dúvidas e os anseios da
pesquisadora.*

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final de mais uma etapa, traduzida em um grande desafio, desenhei um percurso em minha mente e pude percorrê-lo livre de obstáculos intransponíveis e, logo, algumas homenagens, mais que simples agradecimentos, são necessários.

A Deus, por me amar e me fornecer tudo o que é necessário para alcançar meus objetivos. A laicidade da seara acadêmica não me impede de compreender que faço parte de um todo, gerida por uma força me deu a bênção da vida. Muito obrigada às Divindades que me guiam, fomentando a sorte de todas as coisas que devo aprender.

Aos meus avós paternos, Helena e João, ambos (*in memoriam*) e maternos, Maria e Alberto, (*in memoriam*), vocês originaram seres preciosos para mim, meus pais, Jorge e Maria de Fátima, estes dois cujo amor me permitiu o verbo mais básico e mais complexo da existência humana: *SER*.

Nesse ínterim, um agradecimento especial a minha mãe, Maria de Fátima, que com 29 anos de idade, separou-se do meu pai e educou suas filhas alicerçadas na verdade, ética e postura. Eu te amo, mãe!

Não menos importante, a minha eterna gratidão à mãe do coração, Fulvia, que me incentivou a seguir esta carreira, além de apoiar e aceitar este desafio junto comigo, por deixar lanches ao lado do computador, nas noites em que eu, literalmente, amanhecia escrevendo. E, principalmente, por sempre acreditar em mim, me apoiar até mesmo na aventura do Doutorado Sanduíche e por me proporcionar ser respeitada, acima de tudo.

À minha irmã, Karine, por ceder seu apartamento em Porto Alegre e sempre me esperar com guloseimas gostosas. Obrigada pelo abraço, pelo carinho, pela tua existência.

A todos os demais familiares por aceitarem a minha ausência em suas vidas, o que colaborou muito para a concretização desta pesquisa.

À filosofia Seicho-No-le que sempre me fornece base e suporte emocional, através da meditação matinal, praticada todos os dias sem falta e que me tornou uma pessoa mais tranquila e equilibrada, adjetivos importantes para esta fase da minha vida.

É difícil encontrar palavras para agradecer ao meu orientador e hoje, atrevo-me a chamá-lo de amigo, Prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo. Desde o início da sua orientação encontrei nele um incentivador, mostrando-se disposto a orientar e apoiar, fazendo, não raro, muito mais do que sua função de orientador lhe exigiria, pois em muitos momentos difíceis da pesquisa, bastava uma conversa e orientação, “via Skype” que novamente a empolgação retornava e eu adquiria mais forças pra continuar na pesquisa.

À Prof. Dra. Alice Maria Delerue Alvim de Matos, “a mente brilhante” que, do outro lado do oceano, sem conhecer-me, apenas via e-mail, aceitou orientar-me por conta do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. Mostrou-se sempre solícita a tudo o que eu necessitava. Encontrei nela uma crítica atenta e criteriosa do meu trabalho. A sua visão ampla acerca do envelhecimento populacional contribuiu de forma decisiva para o meu crescimento intelectual, na medida em que me mostrou novos caminhos de reflexão teórica. Minha eterna gratidão!

À professora Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini que, desde a graduação é o modelo de professora e a ser seguido. Almejo, quiçá, ser sua seguidora.

À CAPES, agradeço o apoio financeiro, na concessão da bolsa para a realização do Doutorado Sanduíche, realizado na Universidade do Minho/Braga, Portugal.

Quando do exame de qualificação, pude contar com dois excelentes leitores, o Prof. Dr. José Rogério Lopes e o Prof. Dr. Carlos Gadea. Gostaria de agradecer pelo empenho e interesse demonstrados pelo meu trabalho, bem como pelas suas críticas e sugestões, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento do mesmo.

A todos os professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em especial ao Pe. e Prof. Dr. José Ivo Follmann pelas inestimáveis contribuições na disciplina de Seminário de Tese I e II.

À Maristela, secretária do PPGCS, super profissional e amiga, sempre procurou colaborar para minimizar os trâmites acadêmicos. Muito obrigada, “Maris”, carinhosamente chamada por nós.

Minha eterna gratidão aos idosos que colaboraram para a realização desta pesquisa, através das entrevistas, conversas e vivências. Desejo ser e viver como vocês.

Por derradeiro, minha eterna gratidão a todas as pessoas e fatos que colaboraram para a concretização de mais esta etapa na minha vida. Muito obrigada!

Nesta tese, embora científica, subjetivamente falo sobre meu “futuro eu”, pois a certeza da finitude desta vida é inexorável e a velhice, ao mesmo tempo em que a rejeitamos, desejamo-la. É o antônimo do viver.

(Kátiusce Faccin Peruffo)

RESUMO

DIMENSÕES DO ENVELHECIMENTO E SOCIABILIDADES NA CONTEMPORANEIDADE: um estudo em Santa Maria/RS

Autora: Katiusce Faccin Perufo
Orientador: Prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo

Esta tese objetiva analisar a participação dos idosos na definição das políticas públicas pós Constituição Federal de 1988 e como se processa a atuação nas novas propostas de políticas e espaços de sociabilidade. Isso tudo baseado nas diversas sociabilidades que se fazem presentes no contexto do envelhecimento populacional. O olhar analítico foi orientado, principalmente, pelo conceito de “sociação” formulado por George Simmel, pelo conceito de “representações sociais”, desenvolvido por Serge Moscovici, e pela formulação “tribos urbanas” de Michel Maffesoli. Para tanto, optou-se pela pesquisa qualitativa com orientação analítico-descritiva, mediante amostra por conveniência e entrevistas semiestruturadas com 30 idosos de idades entre 65 e 76 anos, residentes na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Os sujeitos da pesquisa são idosos pertencentes a grupos de convivência; idosos dirigentes de entidades representativas da velhice; idosos participantes de espaços culturais e locais públicos que se encontram ritualisticamente e idosos escolhidos aleatoriamente. Nesse sentido, identifica-se a ausência quase completa dos próprios idosos em meio às ações que visam promover a sua cidadania. Em contrapartida, as entidades representativas tendem a acumular maior capital social e adquirem maior confiança dos idosos que, muitas vezes se subtraem de estar à frente dos movimentos. Não obstante, os idosos, participantes de espaços culturais e dos grupos de convivência, ressignificam suas vidas e possuem traços que se considera como característicos das novas “tribos” da contemporaneidade. Face às sociabilidades, o voluntariado assume grande relevância entre eles, logo, buscam reconstituir-se enquanto novos sujeitos e assumem o protagonismo em suas vidas. Assim sendo, percebe-se que a construção homogênea de “ser idoso”, parece perder força enquanto categoria explicativa, visto a heterogeneidade e a pluralidade do processo do envelhecer e, assim, uma “desmodelização” da velhice, a partir do significado construído pelo idoso, do seu próprio cotidiano. Diante disso, sugere-se a denominação “sênior” para os idosos do século XXI.

Palavras-chave: Idoso; Sociabilidades; Representações Sociais; Políticas Públicas; “Tribos”; “Sênior”.

ABSTRACT

DIMENSIONS OF AGING AND SOCIABILITIES IN THE CONTEMPORARY: a study in Santa Maria/RS

Author: Katiusce Faccin Perufo
Advisor: Dr. José Luiz Bica de Mélo

This thesis aims to analyze the participation of the elderly people in public policies definition after the Federal Constitution of 1988 and how the operation on the new proposals for political and social spaces happens. This is all based on some sociability that is present in the context of population aging. The analytical gaze was driven mainly by the concept of 'association' formulated by George Simmel, by the concept of 'social representations' developed by Serge Moscovici, and the wording 'urban tribes' by Michel Meffesoli. In order to do so, we opted for a qualitative research with analytical-descriptive orientation, through convenience sample and semi-structured interviews with 30 individuals aged between 65 and 76 years living in the city of Santa Maria, in Rio Grande do Sul state, Brazil. The research subjects are elderly people belonging to coexistence groups; elderly leaders of organizations representing the elderly citizens; elderly participants of cultural spaces and public places that meet each other ritualistically and seniors randomly chosen. In this sense, it is identified the almost complete absence of the elderly subjects themselves amidst the actions to promote their citizenship. In contrast, the representative entities tend to accumulate greater social capital and to acquire greater confidence of the elderly people who often fall outside of being ahead of the movement. Nevertheless, the elderly ones who take part in cultural spaces and groups of living give a new meaning to their lives and have traits that are considered as characteristic of the new 'tribes' of the contemporary age. Facing the sociability, the volunteering crew is of great importance among them, so they seek to reconstitute themselves as new subjects and to take the center stage so that they are the main actors of their lives. Therefore, it is perceived that a homogeneous construction of 'being old', seems to lose strength as an explanatory category, as the heterogeneity and plurality of the aging process and thus a 'destruction of the model' of old age, from the meaning constructed by the elderly one and his own daily life. Therefore, we suggest the 'senior' designation for the elderly people of the XXI century.

Keywords: Aged; Sociability; Social Representations; Public Policy; 'Tribes'; 'Senior'.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01	Perfil sociodemográfico individual dos idosos entrevistados	26
Figura 01	Mapa do local pesquisado	28
Figura 02	Oficina no Acampavida sobre massagens (Curso de Fisioterapia)	29
Quadro 02	Esperança de vida ao nascer, na França, a partir do séc. XVII	48
Figura 03	Exemplo de denominação “sênior” / Portugal	50
Figura 04	Exemplo de denominação “sênior” / Brasil	51
Figura 05	Exemplo de denominação “sênior” / Brasil	51
Quadro 03	Taxa de mortalidade Infantil a cada 1000 nascimentos 1890-2010	54
Quadro 04	Taxa de fecundidade	55
Quadro 05	Esperança de vida ao nascer	56
Quadro 06	Taxas anuais de crescimento da população total de 65 anos ou +	57
Quadro 07	Indicadores selecionados da população projetada 1980 – 2050	58
Gráfico 01	Pirâmide etária – Censo 2010	60
Quadro 08	Taxa de analfabetismo entre pessoas de 60 anos ou + por regiões	60
Gráfico 02	Número de pessoas com mais de 60 anos no Brasil	61
Gráfico 03	Crianças de até 04 anos e idosos de 60 anos ou +	62
Gráfico 04	Contagem populacional Brasil, Rio Grande do Sul e Santa Maria	62
Gráfico 05	Perfil socioeconômico dos idosos brasileiros	73
Quadro 09	Taxa de analfabetismo no Brasil entre idosos	74
Figura 06	Placa de Atendimento Preferencial	117
Figura 07	Nota de jornal acerca do comprometimento com a temática	123
Quadro 10	Renda mensal dos entrevistados	136

Quadro 11	Trabalho e renda dos entrevistados	136
Quadro 12	Uso das tecnologias de comunicação	140
Quadro 13	Entrevistados participantes em grupos antes/após aposentadoria	143
Figura 08	Representantes da AGPAMAR / Sindicato Trabalhadores Rurais	148
Figura 09	Acampavida – Oficina de Direito	153
Figura 10	Acampavida – Oficina de fisioterapia	153
Figura 11	Acampavida – Cuidados com a beleza e a saúde	154
Figura 12	Acampavida – Grupo da instituição Lar das Vovozinhas	154
Figura 13	Acampavida – Academia de musculação e atividades físicas	155
Figura 14	Acampavida – Atividades de recreação	155
Figura 15	Acampavida – Atividades aquáticas	156
Figura 16	Acampavida – Atividades lúdicas	156
Gráfico 06	Prática do voluntariado entre os entrevistados	159
Figura 17	Grupo Mexe Coração em ação voluntária	162
Figura 18	Grupo SESC em ação voluntária	163
Figura 19	Grupo Mexe Coração em ação voluntária	164
Figura 20	Tribos – Grupo Mexe Coração em Semana do Idoso	176
Figura 21	Tribos – Grupo SESC em Semana do Idoso	176
Figura 22	Tribos – Grupo SESC Caminhada contra a violência	177
Figura 23	Tribos – Apresentação Coral UnATI	177
Figura 24	Tribos – Caminhada a favor das vítimas da Boate Kiss	178
Figura 25	Tribos – Apresentações grupais	181
Figura 26	Tribos – Apresentação evento Santa Maria em Dança	181
Figura 27	Tribos – Apresentação evento Santa Maria em Dança	182
Figura 28	Tribos – Apresentações grupais Semana da Páscoa	182
Figura 29	Tribos – Grupo de Convivência Igreja Seicho-No-Ie em dinâmicas	182
Figura 30	Tribos – Grupo de convivência em apresentações artísticas	183
Figura 31	Tribos – Grupo Igreja SNI em excursão às Águas Termais	183

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil
AAPECAN – Associação de Apoio às Pessoas com Câncer
AGPAMAR – Associação dos Grupos de Pessoas Adultas Maiores Rurais
ANG – Associação Nacional de Gerontologia
APAE – Associação de Pais e Alunos dos Excepcionais
CACC – Centro de Apoio à Criança com Câncer
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFD – Centro de educação Física e Desportos
COBAP – Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas
COMID – Conselho Municipal do Idoso
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
FAMES – Faculdade Metodista de Santa Maria
FUNRURAL – Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LIONS – Lions Clubs Intenational
LOAS – Lei de Assistência Social
NIEATI – Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade
NUPEN – Núcleo de Preparo para o Envelhecimento
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
PAIE – Plano Internacional para o Envelhecimento
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNI – Política Nacional do Idoso
RENADI – Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa
SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SESC – Serviço Social do Comércio
UFMS – Universidade Federal de Santa Maria
UMinho – Universidade do Minho
UNIFRA – Universidade Franciscana
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UnATI – Universidade Aberta para a Terceira Idade

EJA – Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	17
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	17
1.2	HIPÓTESES.....	19
1.3	OBJETIVOS.....	20
1.3.1	Objetivo Geral.....	20
1.3.2	Objetivos Específicos.....	20
1.4	JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO.....	21
1.5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
1.6	ESTRUTURA DA TESE.....	30
2	CAPÍTULO 2 – O ENVELHECIMENTO COMO QUESTÃO SOCIAL.....	35
2.1	PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.....	35
2.2	PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....	52
2.3	PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: SOCIABILIDADES PRESENTES NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	64
2.3.1	Velhice e ação política.....	75
3	CAPÍTULO 3 – O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DO ENVELHECIMENTO.....	80
3.1	LITERALMENTE FALANDO: AS MÚLTIPLAS PARTICIPAÇÕES SOCIAIS.....	80
3.2	LITERALMENTE FALANDO: AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	86
3.3	LITERALMENTE FALANDO: AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES.....	94
4	CAPÍTULO 4 – CONTEXTOS E DIMENSÕES DE SOCIABILIDADE.....	112
4.1	DIMENSÃO POLÍTICA.....	116
4.2	DIMENSÃO RELIGIOSA.....	128
4.3	DIMENSÃO SOCIAL.....	134
4.3.1	Redes sociais.....	137

4.3.2 Grupos de convivência.....	141
4.3.3 Voluntariado.....	158
4.3.4 As possíveis “tribos contemporâneas”	169
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
BIBLIOGRAFIA.....	197
ANEXO A.....	208
ANEXO B.....	210

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

“Viver é envelhecer, nada mais.”
(Simone de Beauvoir)

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Estudos demográficos demonstram o rápido e expressivo crescimento da população idosa no mundo, resultado da diminuição progressiva das taxas de mortalidade e fecundidade. Estima-se que em 2050 existirão dois bilhões de idosos no mundo, sendo que dois terços deles estarão vivendo nos países em desenvolvimento. Nesse sentido, percebe-se a aposentadoria como o determinante social de “ser idoso”, na medida em que, na França, *a priori*, houve essa denominação. Para tanto, não apenas no sentido de provocar mudanças no cotidiano destes, mas por impingir a necessidade de uma readaptação, pois, a partir da análise desta pesquisa, exige que exercitemos um novo olhar acerca do “ser idoso”.

Porém, somente a partir da Constituição Federal de 1988, o tema da velhice passou a ser considerado como um problema social relevante. Dessa maneira, as publicações centraram-se majoritariamente presente nas Ciências da Saúde e nas Ciências Humanas, dado os aspectos mais frágeis no contexto do envelhecimento. Isso significa que, apesar dos aspectos biológicos que envolvem o fenômeno do envelhecimento, as classificações e identificações da velhice dependem essencialmente dos contextos sociais e históricos nos quais a mesma é vivenciada. Por conseguinte, gerou-se então, uma lacuna em pesquisas sociais, isto é, na área das Ciências Sociais. Nesse sentido, surge a preocupação de proporcionar uma visão social do processo do envelhecimento, reconhecendo que, nesse processo, cruzam-se forças originárias, quer do sujeito e do contexto em que está inserido, como também, da interação entre ambos.

Notadamente, há de se observar que o aumento da população idosa, transcende os limites brasileiros e se desvela, portanto, como um fenômeno mundial de grande repercussão, retrata um novo desenho demográfico, que influencia diretamente a estrutura social, política e econômica no Brasil. Especificamente no

caso brasileiro, segundo o IBGE (2010), cerca de 20,5¹ milhões de brasileiros são idosos² (9,7% da população), e esse grupo está a crescer e demandar mais ações e políticas para melhores condições de vida, além da seguridade de seus direitos elementares (cidadania, igualdade, saúde, educação, previdência, habitação), entre outros.

Vale ressaltar que a OMS (Organização Mundial da Saúde) tornou público que o envelhecimento populacional tem se desenvolvido gradualmente, como resultado do melhoramento no padrão de vida da maioria da população sobre um período de tempo relativamente longo. Após a Revolução Industrial, sobretudo, os avanços tecnológicos no campo da medicina, incluindo o desenvolvimento de novas e eficazes drogas e vacinas, melhor controle das doenças transmissíveis, contenção de afecções crônicas, melhora das condições sanitárias e a redução da fecundidade têm favorecido o aumento da esperança de vida das populações³.

Nessa lógica, segundo Oliveira (1999), com o aumento contingencial da quantidade de idosos, a sociedade os observa numa situação típica de marginalização social, na proporção em que ergue contra eles inúmeras barreiras sociais e desenvolve atitudes de preconceitos e discriminação social. Percebe-se, então, que o idoso não tem um espaço de ação, nem mesmo na sociedade, onde ele se encontra cada vez mais excluído. A sociedade impõe imperativos de produção, agilidade e modernidade. O idoso, por questões biológicas, pode apresentar algumas limitações ou dificuldades, mas isso não significa a incapacidade de realizar tarefas. Porém, na perspectiva atual, o idoso é considerado muitas vezes como incômodo, por não atuar na velocidade e na maneira em que a sociedade julga mais correta ou mais adequada.

Em vista disso, os preconceitos acerca da velhice elucidam as faces da discriminação e opressão que muitos idosos sofrem, por serem considerados sujeitos improdutivos e incapazes de aprender. Não obstante, ele fica caracterizado como um peso para a sociedade, isso muitas vezes o oprime, considera que seus

¹ Dado obtido do CENSO 2010: 20.590.599 pessoas com mais de 60 anos de idade. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 14 de janeiro de 2012.

² Segundo a OMS (Organização Mundial da saúde), para fins de levantamentos demográficos, é considerado *idoso* o indivíduo com idade igual ou superior a 65 anos, nos países desenvolvidos e 60 anos ou mais, nos países em desenvolvimento. http://www.previdenciasocial.gov.br/arquivos/office/3_081208-173354-810.pdf. Acesso em 22/03/2012.

³ Dados obtidos em <http://www.who.int/publications/es/> Acesso em 11 de outubro de 2013.

conhecimentos são ultrapassados e suas experiências não tem significado. Por vezes, é visto como incapaz de estabelecer suas aspirações, cabendo somente o que lhe é imposto ou referido.

Dessa forma, a presente investigação se reveste de uma tentativa de abrir novos horizontes na análise do envelhecimento populacional, quando procura analisar como os sujeitos idosos constroem a realidade através dos processos de comunicação e participação social.

Face esse assunto, esta tese busca responder a seguinte questão:

Como se dá a representatividade dos idosos na definição das políticas públicas pós Constituição Federal de 1988 e, como estes, aderem ou formulam novas propostas de políticas e de espaços de sociabilidade? Há a tendência de serem mais protagonistas ou apenas espectadores? Sujeitos ou sujeitados?

Com base nessa problemática de pesquisa, elaboraram-se hipóteses que motivaram a pesquisar os diversos aspectos e elementos que responderão a questão.

1.2 HIPÓTESES

a) Em contextos de sociabilidade com caráter político, os idosos não se constituem como protagonistas no processo de reivindicação, formulação e propostas de políticas públicas relacionadas ao processo de envelhecimento, tornando-se apenas espectadores;

b) Nos espaços de sociabilidades culturais, os idosos, em sua grande maioria, são os protagonistas “em cena”;

c) Os grupos de idosos, marcados por encontros frequentes, ressignificam suas vidas e possuem traços que identificam como sendo as novas “tribos” da contemporaneidade;

d) Os encontros grupais têm importância significativa no sentido de promover a reconstrução das identidades, propiciar o resgate de vínculos sociais e desvinculá-los da ideia que o estar idoso é sinônimo de doença e discriminação;

e) O voluntariado, ação protagonista que se faz presente nessa faixa etária, além de ser incentivado pela ONU⁴, como um dos objetivos e compromissos a serem adotados pelos países, preocupados em manter uma sociedade para todas as idades, também é incentivado pelos grupos de convivência, porém, não é citado e nem valorizado em políticas públicas, ou seja, não há interesse por parte dos órgãos públicos em investir nessa atuação.

1.3 OBJETIVOS

A partir da análise, *a priori*, com o problema de pesquisa definido e com as hipóteses propostas, elaboram-se os seguintes objetivos:

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a participação e representatividade dos idosos na definição das políticas públicas pós Constituição Federal de 1988, e também, como se processa a atuação nas novas propostas de políticas e espaços de sociabilidade.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Através de questionários, traçar o perfil dos idosos, na cidade de Santa Maria, a fim de conhecer a realidade que os cerca;
- b) Analisar a intervenção dos idosos no processo de formulação das políticas públicas (municipais, estaduais e nacionais);
- c) Identificar a atuação e representatividade dos idosos nos espaços políticos de sociabilidade;
- d) Identificar a atuação e representatividade dos idosos nos espaços culturais de sociabilidade;

⁴ Organização das Nações Unidas.

- e) Analisar em que medida o trabalho voluntário realizado pelos idosos contribui como mecanismo para que se mantenham socialmente ativos, além de aumentar e manter o bem estar pessoal e coletivo;
- f) Reconhecer os aspectos que identificam os idosos, integrantes dos grupos de convivência, como os integrantes das “novas tribos” da contemporaneidade;
- g) Analisar em que medida, nesse contexto da ressocialização do idoso, a partir dos encontros grupais, há a reconstrução de suas identidades.

1.4 JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa “Atores Sociais, Políticas Públicas e Cidadania”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

Também, o assunto do envelhecimento populacional permeia minha formação acadêmica desde o Mestrado em Integração Latino-Americana da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), pois o tema de dissertação transcorreu sobre uma “Análise da efetividade do Estatuto do Idoso no Brasil e suas implicações frente ao processo de envelhecimento populacional”.

Além disso, outros motivos pelos quais se pesquisou esta temática: o aumento significativo do número de idosos na população mundial, em particular no Brasil; os escassos estudos na área da Sociologia; a necessidade de conhecer e dar visibilidade às particularidades do viver dessa população, com a finalidade de divulgar esses dados, corroborando com a literatura na área das Ciências Sociais. A possibilidade de analisar os grupos de convivência e os idosos, pela ótica sociológica e, principalmente, responder como está a intervenção do sujeito idoso no contexto das políticas públicas e das novas propostas de sociabilidade. O seu papel está mais como protagonista ou espectador?

É interessante ressaltar que a aproximação dos conceitos de envelhecimento, identidade, sociabilidade e representações sociais permitem contribuir com o diálogo entre a teoria e a realidade que se apresenta. Tal colaboração é assegurada pela utilidade do trabalho aos demais, pela contribuição cumulativa (ou seja, pelo que ele acrescenta ao conjunto do conhecimento científico do tema), pela importância do

tema e da abordagem e pelas possíveis contribuições com estudos que buscam a superação de lacunas no conhecimento.

Desse modo, ao se pensar nas repercussões do crescimento da população idosa nos âmbitos social, cultural e político, considera-se um estudo dessa natureza, de grande relevância, o que permitirá uma compreensão dos aspectos sociais que envolvem a questão do envelhecimento populacional, como também, novos aportes teóricos, análise e investigação empírica. Isso apresenta uma nova realidade sobre o processo de envelhecimento, no contexto contemporâneo, além de dar maior visibilidade aos estudos sobre o envelhecimento, na área das Ciências Sociais.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se por um estudo de cunho qualitativo. Nesse sentido, Minayo (1994) observa que não só o pesquisador dá sentido ao seu trabalho, mas os seres humanos, os grupos sociais, a sociedade interfere na sua produção ressignificando as suas ações. É nesse encadeamento que esta proposta pesquisou seres humanos, sua cultura, seu cotidiano, seus problemas frente à sociedade. Assim, adotaram-se passos metodológicos rigorosos e comprometidos, que foram traçados durante o trabalho de campo e na articulação deste com o referencial teórico, com o auxílio das sessões de orientação.

Para tanto, as pesquisas qualitativas em Ciências Sociais trabalham com significados, motivações, valores e crenças. Eles não podem ser reduzir a dados quantitativos, embora Minayo (1994) explique que os dados qualitativos e quantitativos podem fazer parte de uma mesma pesquisa, pois se complementam.

Assim, o ponto de partida para a primeira fase da pesquisa foi o aprofundamento bibliográfico, para consolidar o referencial teórico. Nesse ínterim, foi realizado um período de Doutorado Sanduíche no Exterior, programa subsidiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), na Universidade do Minho, em Portugal, para aprofundar-se no tema das principais teorias sociológicas acerca do envelhecimento populacional. Essa intenção é reforçada pela análise de Becker (1999), ele afirma ainda que se devam inventar maneiras de estudar e compreender as questões que a realidade e as teorias suscitam.

É nesse sentido que se entende existirem alguns princípios metodológicos gerais, que orientam esta pesquisa predominantemente qualitativa, que, a partir dessa definição geral, parece mais adequado, neste momento, esboçar as prováveis estratégias e instrumentos de investigação do objeto de estudo.

Para a sistematização da presente proposta de pesquisa lançou-se mão, sobretudo e inicialmente, da pesquisa bibliográfica, utilizou-se o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros, periódicos e obras congêneres.

Outro importante instrumento para organizar esta pesquisa foi a análise das políticas públicas pós Constituição Federal de 1988. Ainda, as informações e serviços disponíveis por meio da rede de computadores, eficientes para consulta a bibliotecas virtuais, sítios de órgãos públicos, Prefeituras Municipais, Secretarias de Educação, Sindicatos, Estatutos, enfim, demonstram-se fontes das quais não se pode prescindir.

A pesquisa bibliográfica permeou todas as fases de construção desta pesquisa, tornou-se intensificada no decorrer das orientações, no Brasil e, principalmente em Portugal, uma vez que se entende que, é preciso dispor do maior número possível de conhecimentos ou informações, para dar seguimento às etapas propostas.

Na sequência, como estratégia de investigação, optou-se pela orientação analítico-descritiva, que, recoloca o indivíduo no centro das intervenções, apontam-se objetivos e questionamentos iniciais. Não obstante, esta estratégia é rica em dados descritivos, e precisa ter um plano de ação flexível para estudar a realidade de maneira contextualizada e complexa. Para Lüdke e André (1986), a preocupação principal ao se desenvolver esse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular. Isso significa que o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada.

No entanto, apesar de propor a investigação analítico-descritiva, espera-se que a pesquisa proposta possa se tornar a “expressão” de outros casos análogos, o que, na perspectiva de Becker (1999), se traduz na ideia de que, esta técnica engendra formulações teóricas mais gerais em relação à regularidade do fenômeno estudado.

Além disso, o desafio inicial foi pensar formas de instrumentalizar a coleta de dados de modo que eles se concretizassem em uma sequência de atos

operacionalizáveis, a fim de permitir e encaminhar a concretização e viabilidade da pesquisa empírica. Ou então, como argumenta Bourdieu (2010, p. 20), servissem a “converter problemas abstratos em operações científicas inteiramente práticas” – o que supõe uma relação muito especial com o que se chama geralmente “teoria” ou “prática”.

A coleta de dados está necessariamente relacionada ao tema investigado e aos pressupostos teóricos desta pesquisa, na tensão de obter elementos para que os objetivos propostos da pesquisa pudessem ser alcançados. Para tanto se pensou, inicialmente, nos seguintes instrumentos:

Como instrumento exploratório da pesquisa e coleta de dados, elaborou-se um roteiro de questionário piloto (ANEXO A), pela pesquisadora, em conjunto com o orientador. Foram realizadas 19 (dezenove) entrevistas com idosos acima de 60 anos, das mais diversas profissões e classes econômicas, a fim de explorar e tomar conhecimento das suas percepções acerca do atual contexto em que vivem e, principalmente, como se veem quando chamados de “idosos, velhos, terceira idade”, etc.

Nesta pesquisa exploratória houve o consentimento dos idosos e a preferência por não usar nomes fictícios e sim, seus próprios nomes, visto a importância dada à pesquisa.

Também, a “observação participante” configurou-se como elemento importante na coleta de dados, visto que, a pesquisadora acompanhou as atividades diárias dos grupos de idosos, observou as pessoas, como falam e o que dizem, como se comportam nas situações que vivenciam diariamente e como sentem o mundo enquanto “seres fragilizados”. Concomitantemente, buscou-se criar vias de diálogos informais e não estruturados com os próprios idosos, líderes comunitários, políticos, chefes/representantes dos poderes municipais, a fim de descobrir quais interpretações têm acerca do objeto deste estudo, e acima de tudo, quais representações sociais estão presentes nestes diálogos. Essa imersão no contexto pesquisado abarca um dos principais objetivos da observação participante, que foi proporcionar à pesquisadora “um banho de realidade”.

Como outra opção de coleta de dados, de forma a complementar a “observação participante” utilizou-se o “diário de campo”, que, seguindo a orientação de Winkin (1998), ele aconselha que os diários de campo devam ser mantidos com extrema regularidade e disciplina, pois caso contrário perde-se a função catártica do

instrumento. Segundo esse autor, é rigorosa a sua análise quanto ao instrumento de coleta de dados, pois, para ele, se o registro for realizado em outro dia, perde-se a força das emoções que foram produzidas naquele momento específico de contato, isso porque o diário será para o pesquisador o lugar do corpo-a-corpo consigo mesmo, ante o mundo social estudado. Trata-se, portanto, de um documento pessoal, íntimo e espontâneo, no qual o pesquisador pode manter uma descrição e reflexão contínua de seu trabalho, interações e descobertas, estabelecendo uma conversa reflexiva/investigativa com seu fazer. E, assim, como uma das mais importantes funções, dar força reflexiva e analítica ao processo de pesquisa, pois isso permite ao pesquisador perceber as regras de natureza generalizante e as impressões de regularidade.

Acredita-se que, para esta pesquisa, o diário de campo foi de extrema necessidade, importância e relevância.

Após os instrumentos de “observação participante” e “diário de campo”, utilizou-se novamente, a técnica das entrevistas, já que, em um primeiro momento, como pesquisa exploratória fez-se uso dessa técnica, porém, neste outro momento, as entrevistas semiestruturadas se converteram em um instrumento de extrema importância, pois nessa etapa, a pesquisadora foi capaz de relacionar a visão do processo social que estava implícito nas diferentes situações.

A utilização conjunta da pesquisa de campo e da entrevista (semiestruturada que contemplou a vida dos idosos) auxiliou a pesquisadora a compreender e contextualizar os dados, revelando as dimensões de uma realidade social multifacetada, de acordo com Fonseca (1998).

Dessa forma, elaborou-se um roteiro (ANEXO B), pela pesquisadora, orientador e coorientadora de Portugal, com trinta e nove (39) questões abertas relacionadas aos objetivos do estudo. As trinta e nove questões estão divididas em cinco grupos temáticos: lazer, trabalho, relações sociais, grupos de sociabilidade e políticas/direitos. Conforme orientação, esse formato possibilitou um melhor entendimento com os entrevistados, como também, uma análise de conteúdo mais estruturada e objetiva, de acordo com a proposta da pesquisa.

Foram entrevistados 30 (trinta) idosos de 65 a 76 anos. Foram mapeados grupos de idosos da cidade de Santa Maria, representantes de Instituições ligadas aos idosos, participantes de espaços políticos de sociabilidades, participantes de espaços culturais de sociabilidade, em igrejas, residências e espaços públicos da

cidade, escolhidos por conveniência. A seleção dos entrevistados deu-se à luz da teoria das representações sociais, ou seja, procuraram-se contextos diferentes a fim de se chegar a representações diferentes.

Nesta segunda fase da pesquisa, a partir do consentimento dos idosos, optou-se por utilizar o nome verdadeiro dos entrevistados, porém, neste momento, utilizou-se códigos nas falas, “M” para mulheres e “H” para os homens. Estes códigos estão ajustados com o quadro a seguir.

1) Os grupos foram: Grupo SESC Maturidade Ativa, Grupo Mexe Coração, NUPEN (Núcleo de Preparo para o Envelhecimento), estes, do perímetro urbano e Grupo Novo Milênio de Santa Flora (perímetro rural da cidade);

2) Idosos dirigentes de entidades representativas da velhice e espaços políticos de sociabilidade: COMID (Conselho Municipal do Idoso de Santa Maria), AGPAMAR (Associação dos Grupos de Pessoas Adultas Maiores Rurais) e Pastoral da Pessoa Idosa (ligada à Igreja Católica).

3) Idosos participantes de espaços culturais de sociabilidade: grupo de artesãs e idosos que se encontram ritualisticamente em locais públicos da cidade de Santa Maria e idosos participantes de diferentes igrejas;

4) Idosos escolhidos aleatoriamente em suas residências.

Quadro 01 - Perfil sociodemográfico individual dos idosos entrevistados

Nome	Sexo	Est. Civil	Profissão	Idade	Escolaridade
Belveni*	F	Casada	Comerciária	68	Ensino Médio
Neisa	F	Casada	Professora Est.	65	Superior
Edir*	F	Casada	Professora Univ.	69	Superior
Auria	F	Solteira	Professora Est.	67	Superior
Iraci	F	Divorciada	Professora Est.	74	Superior
Lizete*	F	Casada	Agricultora	65	Ens.Fundamental
Fulvia	F	Viúva	Professora Est.	76	Superior
Maria Ondina	F	Casada	Do lar	72	Ens. Fundamental
Donata	F	Viúva	Func. Pública	65	Superior
Mª Isolete	F	Casada	Func. Pública	67	Superior incomp.
Zoé	F	Divorciada	Agricultora	72	Ens. Médio
Zilma	F	Casada	Do lar	74	Ens. Fund. Incomp.

Ruth	F	Viúva	Costureira	69	Ens. Fund. Incomp.
Helena	F	Viúva	Do lar	71	Ensino Médio
Maria	F	Viúva	Do lar	74	Ens. Fund. Incomp.
Araci	F	Casada	Professora Mun.	67	Superior
Rosa	F	Divorciada	Do lar	69	Ens. Fund. Incompleto
Luiza	F	Solteira	Advogada	71	Superior
Anete	F	Viúva	Do lar	70	Ensino Fund.
Clair	F	Solteira	Professora Est.	73	Ens. Superior
Luci	F	Casada	Comerciária	71	Ensino Fund.
Manoel	M	Casado	Militar	65	Ensino Médio
Luis*	M	Casado	Motorista	66	Ens. Fund. Incomp.
Alcides	M	Casado	Policia Militar	71	Ensino Médio
João Manoel	M	Solteiro	Mecânico	65	Ensino Médio Incompleto
Valter*	M	Casado	Agricultor	66	Ens. Fund. Incomp
João	M	Casado	Militar	70	Ensino Médio
Victor	M	Casado	Ferrovário	67	Ensino Fund.
Carlos	M	Casado	Bancário	67	Ensino Médio
Valdemar	M	Casado	Comerciário	69	Ensino Fund.

*Idosos que estão aposentados, porém, permanecem trabalhando.

Fonte: elaborado pela autora da tese

Portanto, todas as técnicas citadas estabeleceram um diálogo sobre o tema desta pesquisa, tendo como fim último, fortalecer e dar crédito aos dados compilados ao longo da pesquisa, de forma que os resultados finais pudessem constituir um entrelaçamento da revisão bibliográfica, dos dados das entrevistas, das observações de campo e das reflexões da pesquisadora.

O local pesquisado é o município de Santa Maria que está localizado na Região Sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, na Região Central do estado. É denominado o município “Coração do Rio Grande”, devido a sua localização geográfica. Por abrigar uma grande quantidade de instituições de ensino – inclusive uma das maiores instituições públicas de ensino superior do Brasil, é conhecida também, como a “Cidade Cultura”.

Figura 01 – Mapa do local pesquisado



Fonte: ATLAS Geográfico. Ed. Ciranda Cultural, 2007.

Optou-se pela pesquisa de campo neste município, pois a pesquisadora já obteve contatos prévios com os grupos em virtude de pesquisas anteriores a esta e, principalmente, pela receptividade dos mesmos.

Quanto à população em estudo, conforme já citado anteriormente a cidade de Santa Maria sedia 80 grupos de convivência cadastrados no COMID (Conselho Municipal do Idoso), além de outros mais recentes que, até o presente momento, não constavam como cadastrados no Conselho. Porém, o critério para seleção da população de estudo, partiu dos critérios de níveis socioeconômicos, antiguidade, número de participantes e visibilidade social, ou seja, são grupos que participam ativamente de atividades sociais.

Principalmente pela quantidade de grupos de convivência, na cidade de Santa Maria, há frequentemente realização de festividades dentro deles e entre eles, seja semanalmente como mensalmente. Diante dessa realidade, ou seja, da quantidade de eventos promovidos na cidade, há uma visibilidade na mídia de certos grupos (por hora entrevistados), que mantém a frequência de participação.

Vale salientar que, a Universidade Federal de Santa Maria, sedia o NIEATI (Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade), criado em 1984, ou seja, há 30 anos. Vários projetos voltados ao envelhecimento humano integram esse Núcleo, sendo que uma média de 76 grupos de idosos participam das atividades propostas⁵. Nesse sentido, há uma atividade proposta pelo Núcleo que é o “Acampavida”, evento anual que ocorre nas dependências da Universidade e reúne, em 02 (dois) dias, mais de 1500 (mil e quinhentas) pessoas, acima de 55 anos de idade. Nesses 02 (dois) dias, diversos cursos da Instituição participam com atividades relacionadas à qualidade de vida, saúde, bem estar, além de atividades lúdicas e culturais.

Abaixo, a foto elucidando o evento.

Figura 02 – Oficina no Acampavida sobre massagens (Curso de Fisioterapia)



Fonte: Arquivo pessoal, em trabalho de campo. Out/2012

Entretanto, a cidade de Santa Maria tem um leque imenso de grupos de convivência, com atividades regulares que permite ser um campo fértil de pesquisas. Da mesma forma, uma grande maioria desses idosos, a partir de conversas informais com a pesquisadora, no evento Acampavida, não apenas participam de bailes, atividades físicas, como mantêm um estilo de vida ativo, mostram-se pessoas independentes e autônomas.

Em concordância com PORTELLA (2004), a participação dos idosos nesses eventos, nos quais desenvolvem várias atividades, leva a construção de uma utopia

⁵ Disponível em: <http://coral.ufsm.br/nieati/>. Acesso em 01/11/2013.

de envelhecer saudável. Pois, após entrarem em algum grupo, observam-se mudanças na vida dessas pessoas, em relação à sua vida cotidiana, sua alimentação, suas atividades motoras e intelectuais. Enfim, é o objetivo desses eventos e encontros, sendo que, o simples fato de sair de sua casa, encontrar pessoas em condições iguais, manter conversas sobre vários assuntos, distrair-se com novidades, movimentar-se em atividades físicas, são, de fato, mecanismos capazes de tornar o envelhecimento em uma fase da vida muito boa, prazerosa, com qualidade e dignidade.

Dessa forma, o momento contemporâneo suscita um leque de opções de sociabilidades presentes no universo do envelhecimento populacional, principalmente na cidade de Santa Maria, onde já existe um trabalho consolidado com grupos de convivência e espaços voltados para a congregação dos idosos.

1.6 ESTRUTURA DA TESE

A tese está dividida em quatro capítulos.

Neste primeiro capítulo, apresentou-se uma visão contextualizada da tese, através dos seguintes subtítulos: o problema de pesquisa; as hipóteses; os objetivos (geral e específicos); a justificativa e fundamentação; os procedimentos metodológicos e a estrutura da tese.

No segundo capítulo trata-se das concepções de diferentes pesquisadores com relação ao envelhecimento propriamente dito. Contextualiza-se o processo do envelhecimento, a partir de seus aspectos históricos e conceituais. Em seu aspecto histórico percebe-se que a reflexão sobre o envelhecimento não é tema atual, visto que, Marco Túlio Cícero (2006), que viveu 106 à 43 a.C. em sua obra “Saber Envelhecer” expõe o personagem Marco Valério Corcino, onde viveu até os cem anos (ultrapassando a esperança de vida da época) e portanto, essa vivência prolongada lhe trouxe respeito e autoridade. Também, neste subtítulo, procura-se enfatizar as teorias sociais, considerando que, as categorias de idade que hoje nos parecem claramente definidas foram construídas social e historicamente de acordo com a necessidade e os interesses dos grupos de poder. Assim, é possível notar que a construção social da velhice constrói e reconstrói de acordo com os princípios ideológicos vigentes. Para tanto, compreendemos que a categoria “idosos” é apenas

uma categoria nominal e, portanto, não tem consistência científica, visto que a sua denominação deu-se na França, em meados do século XIX e XX, onde a esperança de vida alcançava, em média, os 40 anos e então, “idosos” eram denominados aqueles que possuíam maior poder e condições socioeconômicas vantajosas e em contrapartida, “velhos” eram aqueles desprovidos de maiores capitais. Entretanto, no atual contexto social, sugerimos romper com estas definições preconceituosas e discriminatórias e lançarmos um novo olhar não apenas para o envelhecer humano, mas para os “envelheceres humanos”, visto a heterogeneidade e a pluralidade que a velhice se apresenta. Portanto, sugere-se a denominação “sênior”, a qual compreendemos que perpassa e transcende os estigmas históricos de ricos/pobres. Já, no subtítulo, “processo de envelhecimento: aspectos demográficos” traça-se um panorama do envelhecimento populacional do Brasil e após, de Santa Maria, local da pesquisa. Posteriormente, analisam-se as sociabilidades presentes no contexto das políticas públicas, vistas a partir da Constituição Federal de 1988, da Lei de Orgânica de Assistência Social da Política Nacional do Idoso e do Estatuto do Idoso. Com isso, busca-se compreender a intervenção dos idosos no processo político de formulação e reivindicação destas políticas sociais, analisando historicamente que, as primeiras ações sociais, no Brasil, destinadas aos idosos eram caracterizadas por ações assistencialistas e caritativas. Posteriormente, ainda neste capítulo, discorre-se sobre a questão “Velhice e ação política”, revendo a ausência dos idosos no processo das políticas públicas, destacando Bosi (1994), a autora argumenta que no Brasil jamais existiu um movimento reivindicatório formado apenas por idosos.

No terceiro capítulo, compreende-se o contexto contemporâneo do envelhecimento, ou seja, “literalmente falando” das múltiplas participações sociais as quais motivam as sociabilidades presentes, enfatizando SIMMEL (1983) quando analisa a sociabilidade como questão de suma importância para o estudo da estrutura da sociedade. Afirma ele que a vida social constrói-se no âmago da interação entre os homens e o processo de “sociação” como também, comporta a dinâmica do jogo do qual os homens se organizam em sociedade. Na sequência, como subtítulo, consideram-se as “múltiplas representações sociais” que se fazem presentes no envelhecimento, com as contribuições de Moscovici (2009). O autor teoricamente explica que as representações sociais agem, não apenas como legitimadoras do senso comum, mas enfatiza a importância das comunicações que regem as condutas e interações entre as pessoas. Nesse ínterim, como experiência

em análise do conceito de “representações sociais”, deu-se na experiência em Portugal, por conta do Estágio de Doutorado Sanduíche, em visitas a Instituições de idosos, analisando as distintas representações que se fazem presentes, embora em contextos semelhantes. E, por fim, constituindo este capítulo, analisam-se as “múltiplas identidades” que se fazem presentes no universo do envelhecer humano, destacando falas de idosos, adquiridas nas entrevistas desta pesquisa, destacando autores que tratam dessa temática, de forma a potencializar essa questão. Aponta-se que os idosos, representam múltiplas identidades, sejam elas de comportamento, seja no vestir, a fim de que possam adaptar-se aos diferentes contextos os quais frequentam e também, como forma de serem aceitos, visto que, em função da idade, já existe um estigma de rejeição, tanto por parte da sociedade, como por parte da família.

No quarto e último capítulo apresenta-se a análise de conteúdo das entrevistas, enfatizando os “contextos e dimensões de sociabilidades”. Para tanto, três dimensões são relevantes no universo do envelhecimento em Santa Maria: a “dimensão política”, que reforça a não participação dos idosos nas questões relacionadas à política, a “dimensão religiosa” presente em todos os idosos entrevistados e a “dimensão social”. No entanto, inserida na dimensão social, consideram-se as diversas redes sociais que compõem o dia a dia dos entrevistados e que elas tornam-se importantes *ferramentas* para a manutenção dos vínculos sociais; na sequência os “grupos de convivência” que ressignificam a vida desses idosos, surgindo como uma necessidade de se criar uma nova forma de viver a velhice, reinventado o agir dos entrevistados. Como subtítulo o “voluntariado” incentivado, *a priori*, pela ONU (Organização das Nações Unidas) através das propostas do Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, com o objetivo de garantir uma melhor qualidade de vida. Através da pesquisa, notadamente se percebeu um maior engajamento social e como forma de protagonismo social desses idosos. E, por fim, apresentam-se as possíveis “tribos contemporâneas” identificadas nos grupos de convivência. Assim, a partir da postura dos idosos percebe-se o rompimento de paradigmas relacionados ao agir e ao vestir e então, sente-se a necessidade de lançar novas intervenções, novas explicações e novas análises do envelhecimento humano, tomando por base os grupos de convivência.

Entre amigas

*E não é bem vinda a velhice.
Isso é verdade corrente.
É cruz-credo, é Deus-me-livre,
É bruxa pra toda gente.*

*Também se sabe, no entanto,
qual a outra alternativa.
E ninguém deseja tê-la.
A gente quer é ficar viva.*

*Pois então, não há remédio.
Ela vem e nos tortura.
Ri de nós diante do espelho:
sarcasmo, maldade pura.*

*Mas é preciso enfrentá-la,
fingir que ela não existe,
lembrar o impulso jovem
que lá dentro inda persiste.*

*Seguir a olhar estrelas,
ir superando limites.
Enquanto houver energia,
deixar que a chama se agite.*

*Por isso, amiga, não sofras
porque é feio teu pescoço.
Importa que a alma brilhe;
cante o peito em alvoroço.*

*Ouve o teu grande doutor,
tão gentil e tão moço:
“Com tanta coisa bonita,
quem olhará o pescoço?”*

*Mesmo tirando o excesso
Da adorável gentileza,
fica no ar um perfume
de confiança, de leveza.*

*Essa beleza invisível
que teu doutor enxergou
pode sempre vir à tona.
É flor d’alma, não murchou.*

*Põe fé nesse teu sorriso,
no olhar e em sua luz.*

*Faz dançar tua alegria.
É isso que nos seduz.*

*Pois então, minha amiguinha,
vai em frente, curte a vida!
E não queiras nem pensar
em validade vencida.*

Ruth Farias Larré
(Poeta Santamariense)

CAPÍTULO 2 – O ENVELHECIMENTO COMO QUESTÃO SOCIAL

Este capítulo pretende contribuir com obras que tratam dos diversos conceitos relacionados à velhice, a partir de uma revisão bibliográfica. Tem por objetivo percebê-la enquanto conceito e objeto de estudo, a fim de possibilitar um melhor entendimento do processo de envelhecimento e das diferentes interpretações sobre a realidade social, que se projeta na atualidade. Na sequência, abordam-se os aspectos demográficos do envelhecimento, especificamente no Brasil e na cidade de Santa Maria, onde a pesquisa foi realizada e, *a posteriori*, as sociabilidades presentes no contexto das políticas públicas, a partir da Constituição Federal de 1988.

2.1 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Há que considerar, *a priori*, que não só a velhice, mas todas as categorias de idade que hoje nos parecem claramente definidas foram construídas social e historicamente de acordo com a necessidade e os interesses dos grupos de poder. As três principais subdivisões do ciclo da vida humana: a infância, a fase adulta e a velhice – às quais se acrescentam hoje outras categorias classificatórias, como a adolescência, a meia idade e a terceira idade – foram sendo definidas e delimitadas na medida em que o advento da sociedade capitalista cultivaria um processo de racionalização da vida social. Com isso surgiu a idade cronológica como instrumento de controle preciso das etapas da vida humana, extremamente necessário numa sociedade baseada num modelo racional de organização, conforme a definição de Weber (1994).

A reflexão sobre o envelhecimento não é atual. Já, antes de Cristo, Marco Túlio Cícero (2006) viveu entre 106 a 43 a.C. e escreveu “Saber envelhecer” (também traduzido como “A velhice Saudável”). Essa obra explica que a discussão é antiga. Nela o autor cita o exemplo do personagem Marco Valério Corcino, que viveu até os cem anos, o que ultrapassava as esperanças de vida em determinado momento. Esse personagem teve uma vida considerada ativa e essa idade lhe

trouxe autoridade. Pode-se dizer que vários homens públicos citados, quando chegavam à velhice, sua autoridade era notada com a simples presença, portanto, Cícero (2006) valoriza a velhice que extrai da mocidade seus próprios fundamentos e a autoridade se baseia, não só com palavras, mas com uma vivência toda alicerçada na honestidade, no bom exemplo, recebe, assim, os “frutos do merecimento”.

Também, nas sociedades tradicionais, a valorização dos velhos sempre esteve intrinsecamente ligada à tradição e à transmissão desta. Ao velho era atribuído o papel de guardião das tradições, sendo que a memória do passado e a experiência da vida – bem como a noção de sabedoria vinculada à idade avançada – figuravam como suas principais qualificações dentro da sociedade tradicional. No entanto, com a ruptura dos modelos tradicionais, os velhos perderiam grande parte do seu valor social, não só porque as tradições e o passado seriam relegados a um segundo plano numa sociedade com “visão de futuro”, mas também porque a sociedade moderna passa a privilegiar habilidades próprias da juventude, como o vigor físico para o trabalho industrial e a capacidade de adaptação às inovações tecnológicas e organizacionais (BEAUVOIR, 1990).

Na nova ordem fundada pelo capitalismo industrial, o trabalho passa a ser o principal ponto de conexão com a realidade social e com a vida pública. A identidade individual passa a ser determinada pela inserção no processo produtivo e o valor dos indivíduos estaria vinculado à posição ocupada nesse processo. A nova classe dominante – a burguesia industrial – iria difundir uma ideologia fundada essencialmente na lógica do trabalho e do consumo de bens e serviços (CRUZ, 1999).

Assim, na moderna sociedade industrial, as pessoas passam a valer pelo que produzem e pelos bens que possuem. Os velhos operários, considerados inaptos ao trabalho industrial em virtude da idade, eram excluídos e marginalizados. A eles restavam a miséria, a indigência ou a caridade das classes favorecidas. Até finais do século XIX não havia nenhum sistema de aposentadoria ou pensão e a ação do Estado diante da situação dos velhos se resumia à distribuição de alimentos à população pobre em geral – e não especificamente aos velhos – e ao recolhimento daqueles que se encontravam em situação de indigência, que eram encaminhados para albergues, asilos ou hospitais (ALBA, 1992).

Vale destacar que os velhos pertencentes à classe dominante, geralmente proprietários de terras ou de indústrias, não sofriam os males da velhice tal como os velhos operários. Isso porque, além de suas posses lhes garantirem um considerável status social, a velhice em si estava associada à miséria vivida pelos velhos da classe operária. Nessa época, velhice era sinônimo de pobreza. O velho era o velho pobre. Os velhos ricos não eram chamados de velhos, mas sim de “idosos”. Em inglês, o termo velho (*old man*) diverge do idoso (*elderly*), o mesmo ocorrendo em francês, onde *vieux* (velho) distingue-se de *personne âgée* (idoso). Essas diferenças ilustram bem a divisão de classes que fragmenta a velhice desde os primórdios do capitalismo industrial (ALBA, 1992).

Entende-se que, no sistema capitalista, o trabalhador é obrigado a vender a sua força de trabalho para garantir a própria subsistência e/ou a de seus familiares. Contudo, a forma que a força de trabalho assume na sociedade capitalista – como mercadoria – contribui para a percepção do idoso sobre o envelhecimento basicamente como perda das funções físicas e mentais; resta, assim, pouco saldo positivo para o processo de envelhecimento, ancorado no acúmulo de experiência e sabedoria.

Nesse sentido, os idosos, a rigor, não mais fazem parte dessa força de trabalho. Constituem parcela da população que não atende aos anseios gerais de reprodução do capital, a qual depende da exploração do trabalho produtivo, portador de mais valor, e que, definitivamente é exercido pela parte da força de trabalho ativa. Em suma, para o capitalismo, não são “produtivos”, seu consumo “sustentado” pelos gastos sociais do Estado, constitui um “atentado” à economia nacional, na medida em que eleva o déficit previdenciário.

Essa questão pode ser explicada pela obra “O Capital”, de Karl Marx (2007), nela o autor descreve que o trabalhador não produz pra si, mas para o capital, aliás, não é suficiente que ele apenas produza, ele tem que produzir mais valia para o capitalista.

Além disso, essa obra faz um contraponto entre a visão que se tinha do idoso na sociedade tradicional e a visão que se tem atualmente. Os pré-conceitos, a própria visão estigmatizada, alicerçada pela visão materialista da sociedade, sobretudo, porque supervaloriza o trabalho na vida dos seres humanos e, quando ele deixa de ser vivenciado, pela aposentadoria, compromete a qualidade do envelhecimento/velhice do indivíduo, principalmente se lhe faltarem habilidades e

condições (individuais, sociais e econômicas) para incorporar e priorizar outras atividades e valores em sua vida.

Percebe-se que, com a Revolução Industrial, a transformação da sociedade causou transformações na estrutura familiar, nas relações de trabalho, nos valores econômicos, morais e éticos. Na sociedade capitalista e de consumo em que vivemos, o valor continua sendo atribuído às pessoas conforme sua capacidade de produzir bens materiais e, nesse contexto, a sociedade privilegia o novo, e o idoso é considerado como descartável, improdutivo e decadente.

Conforme destaca Bosi (1994, p. 81): “a noção que temos da velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações”. Na verdade, as mudanças decorrentes do desenvolvimento do capitalismo iriam levar a uma fragmentação clara entre a velhice dos pobres e a dos ricos, uma vez que a opulência em que viviam os velhos burgueses contrastava de forma aberrante com a dos velhos operários e camponeses, que dificilmente chegavam a uma idade avançada em virtude das precárias condições de vida. Neste sentido, Melchers (1995, p. 108) afirma que:

A velhice é um fenômeno de classe e toda a discussão ao seu sujeito revela o papel da estrutura das classes na experiência da vida (...) Foram as relações de produção que determinaram a noção e a definição da velhice. A velhice dos camponeses não é em nada comparável à dos artistas, dos comerciantes e da burguesia. Toda concepção da velhice remete às regras da civilização industrial estruturada pela experiência operária da vida e de seu destino⁶.

Assim, com o advento da modernidade no limiar da industrialização, a imagem do velho sábio e guardião das tradições, que predominava nas sociedades tradicionais, é substituída pela do velho inútil, pobre e excluído do processo produtivo. Mesmo porque a sociedade industrial, na condição de pós-tradicional, concebe como valores primordiais o novo, a mudança, a inovação e a produtividade, fundados na perspectiva de futuro. Dessa forma, o desenvolvimento do capitalismo industrial vem abalar profundamente a principal função social do velho: a de transmissor da memória. É por esse e outros motivos que Bosi (1994, p. 77) afirma que: “A sociedade industrial é maléfica para a velhice”. A mesma autora (1994, p. 18) destaca que:

⁶ Texto original em francês, tradução da pesquisadora.

A função social do velho é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, 'não merece o nome de cidade, mas o de servidão, solidão, barbárie', a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa.

Compreende-se que a ideia de classe social, mais precisamente a posição ocupada pelos indivíduos na estrutura social, tem papel determinante na vivência e identificação da velhice nas várias sociedades históricas, mas principalmente na sociedade capitalista. A espetacular concentração de riqueza nas mãos das classes dominantes e proprietárias, bem como o conseqüente aprofundamento da distância entre ricos e pobres tornaria bastante nítida a identificação da velhice como um problema das classes operárias, associando-a diretamente às ideias de pobreza e exclusão social (MELCHERS, 1995). Não obstante, o que houve foi a associação de estereótipos negativos da velhice (improdutividade, decrepitude, lentidão, incompetência social, etc) às classes operárias, enquanto que os ricos coube uma velhice carregada de imagens positivas, principalmente as referentes à sabedoria e experiência.

No entanto, a Revolução Industrial ocorrida na Europa a partir do século XVIII faria surgir um novo tipo de sociedade caracterizada, primeiramente, pelo aumento da divisão do trabalho e pela maior complexidade das relações sociais. Nesse processo, ocorre a passagem de uma sociedade fundada na tradição cultural e na continuidade das relações e estruturas sociais, para outra em que a inovação e a ruptura com o passado tornam-se as formas predominantes de solidariedade social, no sentido dado por Durkheim (1993).

Por conseguinte, de uma sociedade caracterizada pela “solidariedade mecânica⁷”, em que as tradições e as formas de organização social eram produzidas “mecanicamente” – ou de forma “automática”, ou seja, diretas – pelas gerações, e em que o apego à “consciência coletiva” empreendia comportamentos similares e comuns a todos os membros da coletividade, passou-se para um tipo de sociedade fundada numa “solidariedade orgânica”. Assim, a divisão do trabalho e a racionalidade dela decorrente iriam estruturar um tipo de organização social

⁷ Para Durkheim, a solidariedade do tipo mecânica, é a semelhança entre os indivíduos que gera o vínculo social e a solidariedade orgânica é aquela que resulta de uma alta divisão social do trabalho e então, é a diferença entre os indivíduos que faz com que haja o vínculo social (DURKHEIM, 1999).

caracterizada por um grau elevado de diferenciação e subjetivação das personalidades individuais, inerentes à ideia de especialização (DURKHEIM, 1993). É, portanto, dessa forma que o advento do capitalismo industrial faria desabar a sociedade tradicional, substituindo-a pela modernidade. Passa-se assim, de um tipo de sociedade em que a referência principal de organização era o passado, para outra voltada quase que totalmente para o futuro (GIDDENS, 1991).

É possível notar que a construção social da velhice, sob a perspectiva do contexto histórico-social constrói e reconstrói, de acordo com os princípios ideológicos vigentes, a identidade do idoso mostra quão relativa e abstrata ela é. Nas sociedades tradicionais, onde a memória e o passado eram valorizados e os idosos desfrutavam de relativa influência social e política, a imagem da velhice era associada à sabedoria. Por outro lado, nos contextos sociais onde a predominância é o novo, a mudança e a velocidade das transformações sociais e tecnológicas, o passado e a memória perdem o valor, frente à perspectiva exacerbada de futuro e a ênfase na necessidade de inovação. Nesse âmbito, o velho é tido como ultrapassado, obsoleto e representante de um passado que não tem mais valor social.

Percebe-se que, quando a temática do envelhecimento é abordada, principalmente pela área das ciências sociais, a ideia de “marginalização” é amplamente debatida, em argumentos sobre a funcionalidade de populações “excedentes”, bem como na criação de desvios e divergências de padrões de incorporação plena, nos “benefícios” do crescimento econômico. As populações “marginalizadas” não apenas incluem os idosos, mas adultos desempregados e empobrecidos, jovens e mulheres. Para tanto, considerando a relação indivíduo-sociedade, os “clássicos da sociologia”, dão suporte a esta pesquisa, a fim de analisar suas visões antagônicas, porém, explicativas do contexto desta.

Em suma, segundo Karl Marx, em sua crítica à ótica liberal, os indivíduos são considerados como engrenagens da máquina de crescimento do capital; as peças “velhas e obsoletas” devem ser substituídas por mais novas e aperfeiçoadas, e como aquelas não contribuem para a sobrevivência do capital e do seu regime, devem ser simplesmente descartadas ou relegadas a uma vida vegetativa, obtendo do Estado e da sociedade apenas o mínimo “tolerável”. Nesse caso, inclui a temática dos idosos, que, após a aposentadoria, a grande maioria já não produz bens materiais, muito menos, mais-valia, além também, da desvinculação dos proventos

em relação ao salário mínimo, enfim, a sociedade prepondera sobre o indivíduo – não há coesão, e sim conflito e dominação.

Nota-se, dessa forma, que a dominação é presença marcante em uma sociedade. Essa questão pode ser explicada pela obra de Max Weber (1989), na qual o autor não vê a sociedade preponderando sobre o indivíduo (idosos) e, portanto, para entendê-la é preciso compreender a ação social desses indivíduos, no caso, os idosos, como eles orientam suas ações, como se processam suas condutas sociais? São sujeitos ou são sujeitados? Os idosos que em sua maioria já não mais “produzem” e são automaticamente vistos como dominados, tanto pela família como pela sociedade.

Não obstante, os autores clássicos da sociologia, mesmo não tendo como temática o ‘envelhecimento’ em suas obras, conseguem descrever claramente a sociedade e, através de suas obras percebe-se que cada contexto histórico-social constrói e reconstrói a ideia de velhice de acordo com os princípios ideológicos vigentes, estabelecidos pelas forças sociais dominantes. Assim, não se sabe claramente em que idade ou momento da vida começa a velhice – pois é variável entre ricos e pobres, ou seja, pelas condições socioeconômicas, porém, é fundamental descrever o processo através do qual os indivíduos são socialmente designados como tais.

Émile Durkheim (1999), em sua obra “Da Divisão do Trabalho Social”, ao contrário de Marx, expõe que o mercado não tem força para organizar a sociedade, ao contrário, ele pode desorganizar e dissolver as relações, pois a economia não tem capacidade agregadora, e sim, são as organizações sociais (família, grupos, comunidade, etc.), a solidariedade que irão ligar os indivíduos (idosos) com a sociedade e então, passar esses valores, normas e regras de condutas sociais.

Em nossos tempos, na obra “Handbook of Sociology of Aging” (2011), (Manual de Sociologia do Envelhecimento), onde reúne grandes estudiosos e teorias acerca da Sociologia do Envelhecimento, as análises repousam na premissa de que a situação social dos idosos em todas as culturas está associada à modernização. Enfatiza que o envelhecimento é um processo social e que a idade é uma característica estrutural das sociedades.

Nesse mesmo raciocínio, na perspectiva de Champagne (1998, pg. 71) em sua obra “Iniciação à prática sociológica”, os autores veem a velhice não como uma característica substancial que acontece com a idade, mas uma “categoria cuja

delimitação resulta do estado das relações de força entre as classes e, em cada classe, das relações entre gerações, isto é, da distribuição do poder e dos privilégios entre as classes e entre as gerações”.

É importante salientar que essa obra contribui para esclarecer o termo “velhice”, que, segundo os autores, surge em meados do século XIX, da organização capitalista do trabalho. A “velhice dos operários é assimilada por invalidez, ou seja, incapacidade para produzir” (CHAMPAGNE, 1998, p.79). Para tanto, é necessário romper com as definições socialmente construídas e admitidas do fenômeno do envelhecimento, bem como a categoria “idosos”, “que não chega a ser um grupo social e sim categorias nominais” (velhos, jovens, adolescentes). Sendo assim, tais grupos não podem ter consistência.

Champagne (1998) explica e exemplifica o processo de “invenção da terceira idade” e assim, rompe com as definições socialmente admitidas do fenômeno. Para tanto, essa obra fornece legitimidade à tese, principalmente à parte inicial do estudo, a fim de não apenas reproduzir o termo “idoso”, “velhice” e “terceira idade”, como os demais trabalhos, mas sim, entender o processo de construção social.

Em contrapartida, Simone de Beauvoir (1990) procura desmistificar o conceito de velhice, que, segundo a autora ele não existe, é apenas um processo global de modificações no funcionamento do organismo. Ela explica que a velhice enquanto destino biológico é uma realidade inquestionável, embora o destino psicossocial da pessoa idosa seja uma realidade socialmente construída segundo o contexto sócio-político-cultural no qual ela se insere. Então, qualquer fase da vida humana apresenta perdas e ganhos na qualidade de vida, ou seja, encarar a velhice como uma instituição social, onde a própria idade social, não coincide com a idade cronológica, e que averiguamos e confirmamos no decorrer desta pesquisa.

Nesse sentido, velhice é também sujeita à criação de uma série de clichês, tais como: “a velhice é o tempo da liberdade, do lazer, da resignação”, etc. Esses clichês variam de acordo com os interesses dominantes da sociedade em questão. “O adulto” exemplifica Beauvoir (1990, p. 237),

(...) vem desde a antiguidade tentando encarar a condição humana através de um prisma otimista; atribuiu às idades que não eram sua, as virtudes que ele possuía: a inocência às crianças e aos velhos a serenidade. Pretendeu considerar o fim da vida como resolução de todos os conflitos em que ela se debate. Trata-se, aliás, de uma cômoda ilusão: permite que a despeito de todos os notórios males que os afligem, sejam considerados felizes, podendo ser abandonados a seu destino.

Segundo Beauvoir (1990), os clichês baseiam-se no fato de que quando se considera o sujeito idoso, enquanto objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se a sua descrição em exterioridade.

Na perspectiva de Guita Grin Debert (1999), a autora afirma que há uma tendência contemporânea a rever estereótipos associados à velhice, buscando dissolver as imagens negativas. Segundo ela (DEBERT, 1999, p. 14):

(...) a ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são os momentos propícios a novas conquistas guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos.

Conforme Sommerhalder e Nogueira (2000), em seus estudos, também procedem a uma discussão sobre alguns clichês que envolvem a experiência da velhice. Analisando o caráter pejorativo desses clichês. As autoras afirmam que, na sociedade moderna, paira sobre os idosos o preconceito de que são doentes e improdutivos para o trabalho, como também, necessitam de ajuda e apoio para tudo.

Segundo elas, a imagem negativa do envelhecimento é divulgada pela mídia e por outros meios simbólicos de comunicação, e podem estar sendo amparadas por pesquisas científicas equivocadas, que servem aos interesses das classes dominantes, e que associam ao envelhecimento somente as perdas. Sommerhalder e Nogueira (2000, p. 123) afirmam:

(...) o preconceito e a desvalorização dos idosos também são transmitidos nas relações intergeracionais por meio de histórias contadas por adultos, professores e parentes das crianças, como os famosos contos de fadas, nos quais as bruxas são sempre velhas, feias e malvadas. Tais histórias, ou mesmo alguns comentários casuais de situações que envolvem idosos - tais como 'coitado, ele já não fala coisa com coisa'; 'seu avô está cada vez mais rabugento'; 'não liga pra o que ele fala, ele se esquece do assunto'; 'esses velhos, na rua, na fila do banco só atrapalham'; 'só podia ser velho dirigindo' - são exemplos de como é transmitida uma visão negativa da velhice, inconsciente do quanto tais atividades de convívio de gerações também podem ser responsáveis pela disseminação de preconceitos e estereótipos.

Ecléa Bosi (2003), já citada anteriormente, é referência no assunto sobre envelhecimento, visto que suas obras enfocam a questão da memória, como chave fundamental para entender o “mundo” circunscrito dos idosos, ou seja, a memória

oral é “um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”. Assim, “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador na transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, de constituintes da cultura” (BOSI, 2003, p. 15).

(...) A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades.

Segundo essa autora, o homem jovem e ativo, em geral, “não se ocupa com lembranças - não tem tempo para isso”. “Dos jovens, a sociedade espera produção, e muitas vezes não se dá conta da violência implícita nesse processo; dos velhos espera-se a lembrança” (BOSI, 2003, p. 15). Mas quando não se valoriza essa função social, há um “esvaziamento” e uma “desvalorização” dessa nova etapa da vida. Portanto, a relação estreita entre memória e trabalho, feita pela análise das vidas de seus personagens, e a constatação de que a função social da velhice nem sempre reconhecida, não deverá ser perdida.

Erving Goffman (1988) ao investigar a sociedade, mostra os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Não obstante, os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação".

De acordo com Goffman (1988, p. 12):

Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em esperanças normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. Essas exigências são

preenchidas? É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser. Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas "efetivamente", e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial - uma caracterização "efetiva", uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real.

Enquanto o estranho, nesse sentido, o idoso – que “foge” dos padrões de uma sociedade que supervaloriza o jovem, está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - uma pessoa fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduz-se a uma pessoa frágil e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Nesse ínterim, a obra de Goffman (1988), traz o conceito de “estigma”, usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, e o quanto a sociedade estigmatiza o idoso, baseada em pré-conceitos da primeira metade do século XX, pois a esperança de vida era de 42 anos.

Para Alberto Melucci (2004) o aumento da esperança de vida e o decorrente envelhecimento da população, fizeram com que o idoso se transformasse de reservatório cultural de sabedoria, em problema social de porte dramático. O envelhecer e o ser velho são temas que projetam uma sombra de inquietude sobre a sociedade solar, que celebra o culto do corpo jovem e eficiente. A nossa cultura da cena e da linguagem da perda, a doença e o declínio físico, relega-os a espaços isolados ou maquia-os para torná-los aptos ao consumo como anúncios publicitários.

Para tanto, essa obra de Melucci (2004), contribui no sentido de que, a questão não é que não nos ocupamos da velhice ou que não damos assistência aos idosos. Nos confrontos dessa faixa da população prevalece em nós a postura de considerá-los um incômodo social ou uma ocasião para dar vazão aos bons sentimentos. Uma dimensão ética bem diferente poderia considerar o fenômeno do envelhecimento e da velhice um processo cultural que nos permite encontrar a

alteridade. Um fenômeno que tem uma função simbólica de mensagens tem algo a dizer a toda sociedade. Segundo esse autor, ocupar-se dos idosos não é somente uma necessidade assistencial para desenvolver um incômodo, mas uma via de reconhecimento e de salvaguarda do sentido, uma opção ética que nos leva a enfrentar o problema da escolha e o risco da alteridade.

De acordo com Sarbin & Kitsuse (1994) os conceitos de velho e jovem, na sociedade ocidental contemporânea nesse século XXI, têm diferentes significados socialmente construídos e a idade avançada vem sobrecarregada de valores negativos e discriminatórios.

O fator idade, no entanto, constitui-se em um tema de relevância primordial para a construção do significado de velhice na atualidade. Cabe lembrar que a questão da idade não se aplica exclusivamente à velhice, mas também à juventude. Ou seja, “considerar que alguém é muito jovem para entender um assunto é tão discriminatório como atribuir sabedoria a alguém simplesmente porque é cronologicamente idoso”⁸.

Portanto, é justamente neste auge da escrita em que, como pesquisadora da temática do envelhecimento populacional há 08 (oito) anos, e apropriando-me de teorias e estudiosos nessa referida área, que ousou excluir do léxico desta tese o termo “idoso”. Logo, não fará mais parte da escrita, considera-se o mesmo, como citado anteriormente, uma construção social baseada em classes sociais dominantes e dominadas. Assim, acredita-se ser possível, no século XXI, ousarmos e desconstruirmos esse paradigma.

Não obstante, o ‘desaparecimento’ desse termo também se justifica pelo cuidado em não homogeneizar o processo do envelhecimento que inevitavelmente se diferencia de indivíduo para indivíduo, de sociedade para sociedade, ou seja, podem ser diferentes e que, atualmente o “idoso”, o “velho”, a “velhice” continuam sendo socialmente construídos. Tais termos e expressões são responsáveis pela construção de uma identidade estigmatizada, que acaba por excluir do processo social os indivíduos que se encontram com sessenta anos ou mais.

Isso se fundamenta, pois, devido ao conhecimento científico adquirido nas últimas décadas, na qual vêm sendo construídas novas estruturas e formas de conquistar a longevidade. O progresso das estruturas sociais, ao longo da formação

⁸ Disponível em http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59281999000200002&lng=es&nrm=iso. Acesso em 20/01/2014.

cultural, está entre as principais causas do aumento progressivo da esperança de vida para um considerável número de pessoas. E, se, por um lado, a longevidade dos indivíduos decorre do sucesso de conquistas no campo social e científico, o envelhecimento populacional no Brasil, como um processo, representa novas demandas de teorias, ações, serviços, benefícios e atenções que se constituem em desafios para a comunidade acadêmica, governantes e sociedade, tanto no presente como no futuro.

Para tanto, pensarmos em reproduzir uma terminologia socialmente construída na França, em meados do século XIX e XX, onde a esperança de vida chegava, em média, aos 40 anos, e então, denominavam “idosos” aqueles que detinham mais poder, que tinham condições socioeconômicas vantajosas e “velhos”, aqueles desprovidos de maior capital, torna-se saturado para uma tese de doutorado do século XXI, onde os contextos sociais exprimem diferenciações sociais, culturais e políticas. No entanto, apesar da mudança do termo carregar a marca do eufemismo, compreende-se que se traduz em um modo contemporâneo de titular o idoso ou o velho e ajustar-se às diversas variáveis que se encontram não apenas no “envelhecer humano”, mas, nos “envelheceres humanos”. Neste ínterim, as diversas “velhices” se traduzem naqueles que se encontram num estágio de velhice avançada, que colecionam perdas em todos os sentidos; há aqueles que com a mesma idade, são autônomos, aproveitam cada fração do seu tempo livre em benefício do seu desenvolvimento; há também aqueles que preservam a saúde e a forma física; há aqueles que se reúnem em espaços públicos e preservam a socialização; há aqueles que buscam a participação social através dos grupos de convivência e ações sociais; há aqueles que mesmo aposentados, continuam suas atividades profissionais e sentem-se tão ativos e produtivos enquanto trabalhavam.

Segue, quadro demonstrativo abaixo, a fim de elucidar a época em que o termo “idoso” foi criado, de acordo com Vallin⁹:

9

Quadro 02 – Esperança de vida, ao nascer, na França, a partir do séc. XVIII

Esperança de vida ao nascimento por sexo, na França, depois do século XVIII			
Período	Homens	Mulheres	Diferencial entre os sexos
1770-1779	28,2	29,6	1,4
1820-1824	38,2	39,5	1,4
1865-1869	39,9	41,6	1,7
1909-1913	48,6	52,5	3,9
1950-1954	64,0	69,9	5,9
1990-1994	73,1	81,3	8,2

Fonte: Vallin¹⁰

Peixoto (1998, p. 21)¹¹, corrobora com esta questão, abordando:

A expressão Terceira Idade, surgiu na França, a partir de 1962, em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice visando à transformação da imagem das pessoas envelhecidas. Até então, o tratamento da velhice era pautado na exclusão social, tendo o asilo como seu principal símbolo. Os termos velho e velhote eram empregados para reforçar uma situação de exclusão daqueles que, despossuídos, indigentes, não detinham *status social*. A designação de idoso era restrita aos indivíduos que tinham *status social* advindo de sua experiência em cargos políticos, decorrente de situação financeira privilegiada ou de alguma atividade valorizada socialmente. De acordo com a autora, essa classificação tem origem numa época em que nas relações do processo de produção, a força de trabalho era o bem que o indivíduo das classes menos favorecidas tinha para vender. A partir da diminuição dessa força ele entrava na categoria de velho, que, sem trabalho e desassistido pelo Estado, potencializava seu estado de pobreza. Essa incapacidade para o trabalho produtivo associa, desde então e até os dias atuais, a velhice à invalidez e à decadência.

Prosseguindo em sua análise, Peixoto (1998, p. 22)¹², assinala que:

A partir dos anos sessenta, a nova política social francesa para a velhice aumenta as pensões e conseqüentemente o prestígio dos aposentados. O termo idoso passa a ser utilizado para os textos oficiais em substituição aos termos velho e velhote, e as pessoas envelhecidas passam a ser olhadas com maior respeito. Essas mudanças repercutiram positivamente no Brasil e, no final de década de sessenta, o Brasil também já tem assimilada a noção francesa de idoso e passa a utilizar o termo em alguns documentos oficiais.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista_4_PDFs/Lizete%20de%20Souza%20Rodrigues%20-%20C3%81gora_4.pdf . Acesso em 19/01/2014.

¹² Idem.

A contribuição de Guimarães apud (GUIDI & MOREIRA, 1996, p.18), reforça esta tese:

Até começo do século XX, a esperança de vida do ser humano era bem pequena – trinta, quarenta anos – porém, atualmente, com o progresso social, tecnológico e cultural, essa esperança aumentou bastante e, hoje, o ser humano chega fácil aos oitenta, noventa anos de idade.

Acrescentando-se a esta ideia, convém salientar os posicionamentos de (NERI e CACHIONI, 1999, p. 121) quando mencionam:

O modo de envelhecer depende de como o curso de vida de cada pessoa, grupo etário e geração, é estruturado pela influência constante e interativa de suas circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o processo de desenvolvimento e envelhecimento, de fatores genéticos e do ambiente ecológico.

Portanto, o processo de envelhecimento ocorre de maneira diferente para cada pessoa, pois depende de seu ritmo, época da vida, entre outros fatores, não se caracterizando um período só de perdas e limitações e sim, um estado de espírito decorrente da maneira como a sociedade e o próprio indivíduo concebem esta etapa da vida.

Portanto, vê-se que a idade é critério de discriminação, pois não torna um ser humano menos cidadão que o outro. Contudo, apesar de ser dos menos precisos, o critério cronológico é um dos mais utilizados para estabelecer o que é ser idoso, até para delimitar a população de um determinado estudo, ou para análise epidemiológica, ou com propósitos administrativos e legais voltados para desenho de políticas públicas e para o planejamento ou oferta de serviços. A experiência galgada pela vivência não se aprende e sim, se conquista.

Conforme a fala de uma idosa em entrevista concedida a esta pesquisa:

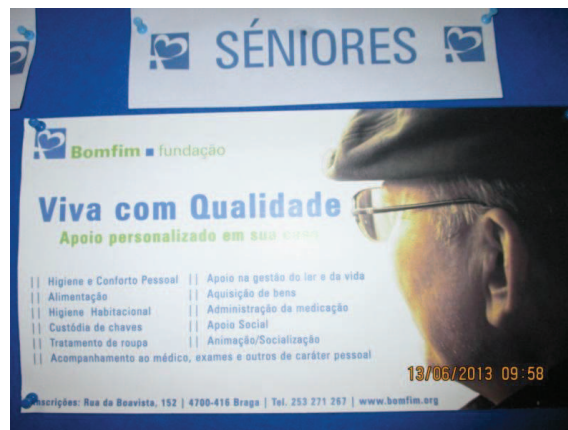
(...) eu não gosto muito deste termo 'idoso', porque eu não me sinto nem um pouco idosa, não me 'soa' bem este termo (18M, 71 anos).

Sugerimos, entretanto, o termo “sênior”, já bastante utilizado na Europa, onde os estudos sobre o envelhecimento estão avançados, principalmente no que se refere a pesquisas quantitativas específicas, como é o exemplo do SHARE (Survey

of Health, Ageing and Retirement in Europe)¹³, onde a pesquisadora teve a oportunidade de conhecer, por conta de seu estágio de doutorado em Portugal. Compreendemos o termo “sênior”, como uma categoria nominal (CHAMPAGNE, 1998) que transcende os estigmas históricos construídos ao longo dos anos, perpassa as variáveis, “ricos”, “pobres”, “dependentes”, autônomos, etc, e adapta-se ao contexto atual, visto as múltiplas formas do envelhecer humano.

Na figura abaixo, um mural da Fundação Bomfim¹⁴, localizada em Braga (Portugal), onde foi realizada uma visita com a coordenadora, naquele país. Exemplo do uso do termo “sênior”.

Figura 03 – Exemplo de denominação “sênior” / Portugal



Fonte: Arquivo pessoal (painel na Fundação Bomfim/Braga/PT)

No Brasil, o ingresso de entrada no cinema e demais entretenimentos, já consta a denominação “sênior”, para o pagamento de pessoas acima de 60 anos.

¹³ Criado em resposta ao avanço do envelhecimento populacional, constituindo uma infraestrutura de informação relevante sobre indivíduos de 50 anos e mais, residentes em 20 países da União Europeia, e que permite a investigação científica sobre o envelhecimento, numa perspectiva interdisciplinar que abrange, nomeadamente, a Demografia, a Economia, a Sociologia, a Epidemiologia, a Gerontologia, a Biologia, a Medicina, a Psicologia e a Saúde Pública.

¹⁴ <http://www.bomfim.org/>

Figura 04 – Exemplo de denominação “sênior” / Brasil



Fonte: Arquivo pessoal em 20/10/2013 / Entrada de cinema

Figura 05 – Exemplo de denominação “sênior” / Brasil



Fonte: Arquivo pessoal em 04/01/2014

Percebemos, desta forma, a sutileza da denominação “sênior”, que, por hora, na compreensão da pesquisadora perpassa a existência dos aspectos considerados negativos da velhice, e o próprio estigma criado pela terminologia “idoso” e, portanto, permite compreender as diversas variáveis dos “envelheceres humanos”, reconhecendo no atual contexto social a emergência de um outro olhar sobre o “novo idoso” que se apresenta.

2.2 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Para fins de levantamentos demográficos, considera-se idoso o corte definido pela OMS (Organização Mundial da Saúde) a partir de 60 anos, para os países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Para esta análise utilizaremos dois sistemas estatísticos: o PNAD¹⁵ (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e o Censo Demográfico, ambos, estratégias demográficas do IBGE¹⁶.

Conforme afirma Garcez (2012, p.61):

A temática do envelhecimento humano surge no cenário da Modernidade, porém estreitamente vinculada às mudanças evidenciadas nos aspectos demográficos, que até metade do século passado apresentavam um comportamento relativamente estável. Mortalidade e fecundidade mantinham-se em patamares regulares e elevados. No final do século XIX e ainda na metade do outro, os altos valores das taxas brutas de natalidade oscilavam entre 45 e 50 nascimentos por mil habitantes, e as taxas de fecundidade (variando entre 7 e 9 filhos em média por mulher) refletiam uma concepção de família numerosa típica de sociedades tradicionalmente agrárias. As transformações demográficas começaram a surgir a partir dos anos de 1940 do século XX, quando se nota evidente declínio em níveis gerais de mortalidade, ou seja, em duas décadas se recua de um patamar de 21 para 10 óbitos por mil habitantes (IBGE, 2009).

Neste sentido, Garcez (2012, p. 61) afirma que:

O envelhecimento como questão social mundial passa a ser reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) na década de 1970. A partir de então se organizam congressos, assembleias e reuniões mundiais para tratar destas questões. Decorrente disto, os países preocupam-se com essa nova demanda social.

De acordo com Machado (2008), no que se relaciona ao *Ranking* mundial, na década de 1950 a população de idosos no Brasil, era de 2 milhões de pessoas, ocupando o 16º lugar na escala mundial e, segundo projeções estatísticas, no ano de 2025 o Brasil ocupará o 6º lugar, com 32 milhões de pessoas, acima de 60 anos. Portanto, o crescimento da população sênior é uma realidade mundial e brasileira.

¹⁵ Trata-se de um sistema de pesquisas por amostra de domicílios que ocorre anualmente, e, por ter propósitos múltiplos, investiga diversas características socioeconômicas e demográficas, umas de caráter permanente nas pesquisas, como as características gerais da população, de educação, trabalho, rendimento e habitação, e outras com periodicidade variável, como as características sobre migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, segurança alimentar e outros temas que são incluídos no sistema de acordo com as necessidades de informação para o País.

¹⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Podemos inferir, desta forma, que o envelhecimento da população brasileira é um fenômeno relativamente recente, e, a dinâmica demográfica vem apresentando uma dinâmica no ritmo de crescimento populacional, principalmente a partir de 1940, com o declínio geral das taxas de mortalidade e de natalidade, acentuando-se radicalmente após os anos de 1960.

Para fins de comparação, na França, por exemplo, foram necessários 120 anos para que o número de idosos aumentasse de 7% do total de habitantes do país, para 14%, enquanto que no Brasil, processo equivalente ocorreu em um período de 20 anos, conforme destaca a autora Cruz Silva (2005).

Dentre as principais causas desta mudança demográfica e deste processo considerado irreversível, apontamos dois fenômenos: as sucessivas quedas das taxas de fecundidade e da diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas (ALENCAR; CARVALHO, 2009; IBGE, 2009; 2010).

Do ponto de vista demográfico, uma população envelhece quando a taxa de crescimento da população considerada idosa é superior à da população jovem por um período sustentado de tempo. Como decorrência, modifica-se a estrutura etária aumentando a participação relativa dos idosos no total da população, amplia a razão entre a população idosa e a jovem e a idade média da população aumenta. (MOREIRA, 2000, p. 79).

Segundo o IBGE¹⁷, há consenso que, após 1940, as descobertas tecnológicas na área de saúde intensificaram o processo de queda da mortalidade infantil, um dos principais fatores do aumento do envelhecimento populacional.

Para tanto, não existe um único caminho, mas vários, conduzindo à queda da mortalidade de acordo com Vetter e Simões (1981 apud IBGE - Relatório Censo, 2000, p. 5).

No caso do Brasil, a retomada do processo do declínio da mortalidade está associada, no âmbito das políticas centralizadoras do regime militar, às ações representadas pela expansão da rede assistencial e à ampliação acelerada da infraestrutura de saneamento básico, serviços de saúde – sobretudo da rede de abastecimento d'água, que tiveram o papel principal na continuidade do processo.

Complementa-se esta colocação com as ideias de Simões e Oliveira (1997 apud IBGE – Relatório Censo 2000, p. 5):

¹⁷ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Relatório Censo 2000.

A melhoria e a ampliação dos serviços de saneamento básico; a inclusão de áreas até então excluídas aos programas de saúde materno-infantil, sobretudo os voltados para o pré-natal, parto e puerpério; a ampliação da oferta de serviços médico-hospitalares, as campanhas de vacinação, os programas de aleitamento materno e reidratação oral, em muito colaboraram para a continuidade da redução dos níveis de mortalidade infantil e infanto-juvenil, principalmente a partir dos anos 80.

Percebe-se que a conjugação de vários desses programas e da queda da mortalidade infantil intensificou o processo de declínio da fecundidade, favorecendo, desta forma, o aumento no contingente populacional no caso do Brasil.

Mostraremos a seguir os índices de mortalidade com base nos censos do IBGE:

Quadro 03 – Taxa de Mortalidade Infantil¹⁸ a cada 1000 nascimentos
Brasil 1980 – 2010.

Ano	Quantidade
1980	82,8
1985	62,9
1990	48,3
1995	36,5
2000	29,6
2005	27,3
2010	16,74

Fonte: IBGE, 2010

Neste caso, segundo o *Ranking* mundial, o Brasil está em 97º (nonagésimo sétimo) lugar, em nível de menor taxa de mortalidade infantil (IBGE).

No que se refere à queda da taxa de fecundidade¹⁹ - que tem efeito em diminuir o ritmo de crescimento da população jovem – conforme dados do IBGE,

¹⁸ Taxa de mortalidade infantil é a probabilidade que tem um recém nascido, de morrer antes de completar 1 (um) ano de vida. www.ibge.gov.br Acesso em 05/12/2013.

¹⁹ Taxa de fecundidade expressa o número de filhos que em média teria uma mulher pertencente a uma amostra hipotética de mulheres que durante sua vida fértil tiveram seus filhos de acordo com as Taxas Específicas de Fecundidade por Idade do período em estudo e não estiveram expostas a

44% das mulheres em idade reprodutiva têm menos de dois filhos. Só existe uma fecundidade maior (mais de 4 filhos por mulher) nos "bolsões de miséria", mas isso corresponde somente a 6,2% do total.

Segundo a Fundação (IBGE, Anuário Estatístico, 2010 p. 36):

Entre 1990 e 2000 a queda da fecundidade foi de 12%, tendo em vista a continuidade da queda dessa taxa, o país terá que estimular a reprodução, como tem sido feito em muitos países desenvolvidos, seja incentivando as mulheres em idade fértil a ter mais filhos, seja ajudando aquelas com problemas de infertilidade. Observando a tabela abaixo, percebe-se de forma nítida o declínio significativo dessa taxa, sobretudo na década de noventa, apresentando um índice de 2,5. A média atual corresponde a cerca de menos dois filhos, tendendo a decair, segundo as projeções feitas para os anos de 2010 e 2020.

Quadro 04 – Taxa de Fecundidade

Anos	Tx. Fecundidade
1980	4,01
1990	2,50
2000	2,04
2010	1,85

Fonte: IBGE, 2010

Desta forma, o declínio da taxa de fecundidade manifestadamente visível nos anos 90, de acordo com os dados, se traduz em um rápido processo de envelhecimento populacional. Isto porque no Brasil, os níveis de mortalidade e fecundidade, quando do início do processo de declínio, são excepcionalmente elevados quando comparados com os outros países, gerando uma estrutura etária muito jovem, a qual, em combinação com as amplas e velozes reduções da mortalidade, potencializa profundas variações na estrutura etária em um muito curto lapso de tempo.

Com isso, as respectivas quedas da taxa de mortalidade infantil e fecundidade, mencionadas anteriormente, não poderiam deixar de ter havido, na

sociedade brasileira, um aumento na esperança de vida ao nascer. Ou seja, o Brasil dobrou o nível de esperança de vida ao nascer em relativamente poucas décadas. A esperança de vida ao nascer²⁰ dos brasileiros era de 33, 7 anos em 1900; 43 em 1950; 65 em 1990; chegando a 72,4 anos em 2006; e prevê-se que ultrapasse os 75 anos em 2025 de acordo com Minayo (2002, p. 10).

Conforme podemos observar:

Quadro 05 – Esperança de vida ao nascer

Ano	Idade
1980	62,52
1990	65
2006	72,4
2010	73,76

Fonte: IBGE

Afirma Minayo (2002, p. 12):

A previsão segundo os demógrafos é de que no ano de 2020 existam cerca de 1,2 bilhão de idosos no mundo, dentre os quais 34 milhões de brasileiros acima de 60 anos, que nesse caso, corresponderão à sexta população mais velha do planeta, ficando atrás apenas de alguns países europeus, do Japão e da América do Norte.

Também, de acordo com as projeções da Organização das Nações Unidas (2002), a população brasileira, no período 1950-2050, apresentará um dos mais rápidos processos de envelhecimento demográfico, entre os 51 países que, em 2030, terão pelo menos 30 milhões de habitantes, só sendo superado, na América Latina, pelo intenso envelhecimento a ser experimentado pela Venezuela, segundo Moreira (2000).

²⁰ Esperança de vida ao nascer representa a duração média de vida dos indivíduos, de um corte hipotético de nascimentos, somados em todas as idades e a mortalidade do período em estudo. www.ibge.gov.br . Acesso 24/08/ 2013.

No Brasil, o crescimento da população idosa torna-se cada vez mais relevante²¹ porque já supera o crescimento da população total. Com efeito, isso já ocorria em 1940 e se manteve nos últimos 50 anos (Tabela 3). Enquanto o crescimento médio anual no período 1940-1950 era de 2,34%, o da população idosa era de 2,57%, estes com níveis aproximadamente proporcionais, as projeções para 2010 / 2020, a população deverá ter seu crescimento desacelerado para 1,02 e o crescimento acelerado da população sênior em 3,80.

Quadro 06 – Taxas anuais de crescimento da população total e de 65 anos e mais no Brasil, 1980 à 2020.

Períodos	População Total	População de 65 anos e mais
1980/1991	1,94	3,66
1991/2000	1,58	2,25
2000/2010	1,28	2,60
2010/2020	1,02	3,80

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1980 à 2010 e Projeções Populacionais.

Ainda nesta perspectiva, o conjunto de indicadores apresentado a seguir no quadro 07, aponta inevitavelmente e comprovadamente para uma unívoca tendência de envelhecimento da população brasileira. A redução na participação da população jovem, a ampliação da fração dos idosos, aquilo que neste estudo estamos denominando “seniores” o incremento no “Índice de Idosos” e a ampliação da idade média da população são marcas inequívocas do rápido processo de envelhecimento da população brasileira.

²¹ As projeções do IBGE (1999), utilizando níveis e padrões de fecundidade e mortalidade distintos daqueles utilizados pelas Nações Unidas, e cobrindo um período de tempo mais curto (1980-2020), mostram uma evolução mais conservadora da população nacional que passaria de 167,4 milhões, em 2000, para 200,4 milhões, em 2020 e na qual a dimensão e o peso do contingente jovem é menos expressivo. Em 2000 não seriam amplas as diferenças entre a projeção do IBGE e das Nações Unidas: o IBGE projeta uma população jovem da ordem de 48 milhões (28,7%) e 9 milhões de idosos (5,4%). Entretanto, em 2020, já há uma certa expressividade nas diferenças entre as projeções do IBGE e das Nações Unidas, diferença esta que se concentra na população jovem, pois a projeção do IBGE sugere que o Brasil teria 43,1 milhões de menores de 15 anos, participando com 21,5% do contingente brasileiro (48,9 pelas Nações Unidas, representando 23,3%) e 17,1 milhões de idosos, correspondendo a 8,5% da população brasileira (e 17,8 milhões e os mesmos 8,5%, de acordo com as projeções das Nações Unidas).

Quadro 07 - Brasil – Indicadores Seleccionados da População Projetada
1980 – 2050

PERÍODO	População menor de 15 anos (percentual)	População de 65 anos e mais (percentual)	Índice de Idosos
1980	38,2	4,0	10,5
1985	36,5	4,0	10,9
1990	35,0	4,2	12,0
1995	32,2	4,7	14,7
2000	29,1	5,2	18,0
2005	26,1	5,9	22,5
2010	24,4	6,5	26,6
2015	23,1	7,3	31,8
2020	21,9	8,6	39,1
2025	20,6	10,1	49,2
2030	19,5	12,0	61,6
2035	18,7	13,6	72,5
2040	18,3	14,9	81,3
2045	17,9	16,3	90,8
2050	17,6	17,8	101,0

Fonte: IBGE

Importante salientar, nesse contexto, que o prolongamento de vida ao nascer é mais elevado em classes sociais privilegiadas, por fatores citados anteriormente, como por exemplo: uma boa qualidade de vida, maior acesso e condições na obtenção de planos particulares de assistência à saúde, etc.

Magalhães (1989, p. 16) explica da seguinte maneira:

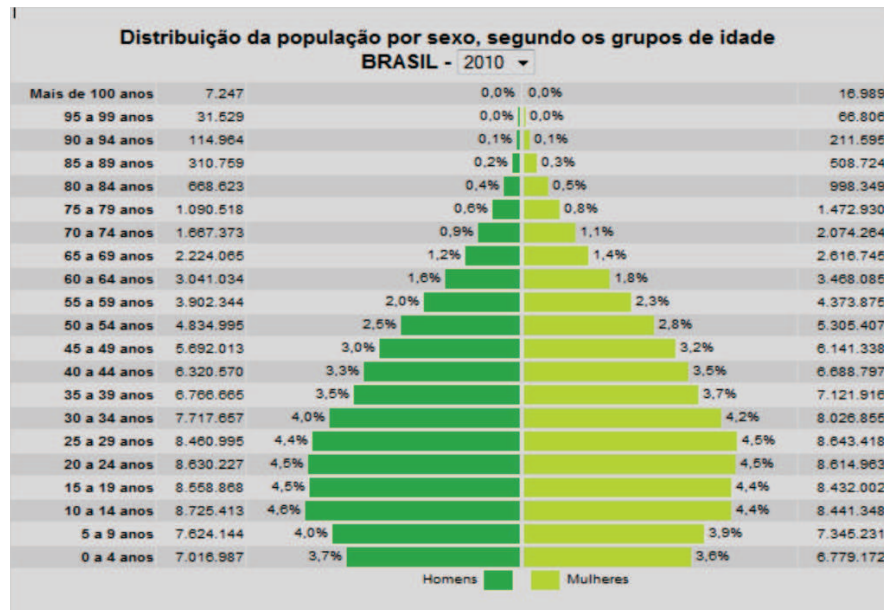
A distribuição da velhice por classes e grupos sociais mostra o perfil equivalente da concentração da riqueza e do poder em nosso país. No meio rural e na periferia urbana os velhos excluídos, anônimos e marginalizados. Nas classes médias, o isolamento, a perda de papéis familiares e de trabalho, associados às perdas de poder aquisitivo, não compensadas pela aposentadoria.

Também há ainda uma diferença significativa referente à esperança de vida entre homens e mulheres, correspondendo em torno de 7,6 anos²². Esta diferença explica, em parte, a chamada feminização do envelhecimento no Brasil. Esta questão é explicada pelo aumento da industrialização do país e a busca pelo crescimento e desenvolvimento econômico a partir da década de 1970, onde a população brasileira vivencia as principais características do processo de modernização social. A partir dos deslocamentos migratórios do campo para a cidade, reforça-se e leva a uma intensificação e diversificação da urbanização, fazendo com que mais de 80% da população residisse em áreas urbanas. E foi este comportamento urbano que possibilitou às mulheres o acesso ao mercado de trabalho formal, modificando assim os padrões familiares de prole extensa. A mudança no comportamento reprodutivo das mulheres denota ser uma das causas das mudanças demográficas que se evidenciam atualmente.

Portanto, é decorrência das diferenças da inserção da mulher no mercado de trabalho, que vêm se alterando e se traduz em que as mulheres se preocupam muito mais com o fator saúde, participação maior em grupos de terceira idade, atividades físicas, etc.

²² IBGE. Anuário Estatístico 2000.

Gráfico 01 – Pirâmide etária – Brasil, Censo 2010.



Fonte: IBGE, 2010

Em geral, a dimensão e a intensidade do envelhecimento demográfico nacional podem ser avaliadas pelo fato de, em 2050, o número de idosos vir a superar o número de jovens, no intervalo de um século este índice quase se duplica²³.

Um dado que merece atenção, segundo os dados do IBGE (apud GARCEZ, 2012, p.71):

[...] 14,1 milhões de pessoas no Brasil são analfabetas e destas, 32,9% com 60 anos ou mais de idade, conforme dados de 1999 do IBGE. Além da idade, outras subordinações contribuem para o processo de exclusão e vulnerabilidade, entre estes é que 16,4% vivem com meio salário mínimo de renda *per capita*. Houve redução da taxa de analfabetismo no período de 1999 a 2009, entretanto entre os idosos cresceu passando de 34,4% para 42,6%. A taxa de analfabetismo entre pessoas de 60 anos ou mais por região aparece no quadro 4:

Quadro 08 – Taxa de analfabetismo entre pessoas de 60 anos ou mais, por regiões

Regiões	60 a 64 anos	65 anos ou mais
Norte	8,9	28,7
Nordeste	8,9	27,8
Sul	9,8	39,1

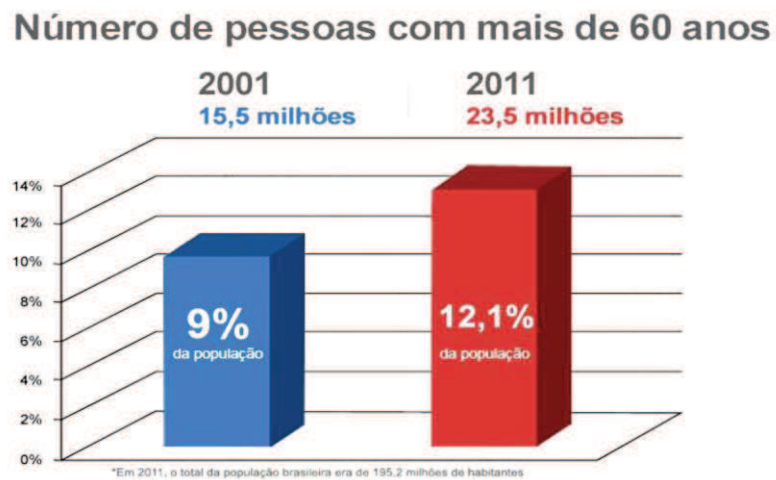
²³ Idem.

Sudeste	11,2	41,8
Centro -Oeste	11,9	37,4

Fonte: IBGE apud (GARCEZ, 2012, p. 72)

Um no após o Censo Demográfico 2010, portanto, mais atual, foi publicada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios em 2011:

Gráfico 02 – Número de pessoas com mais de 60 anos no Brasil.

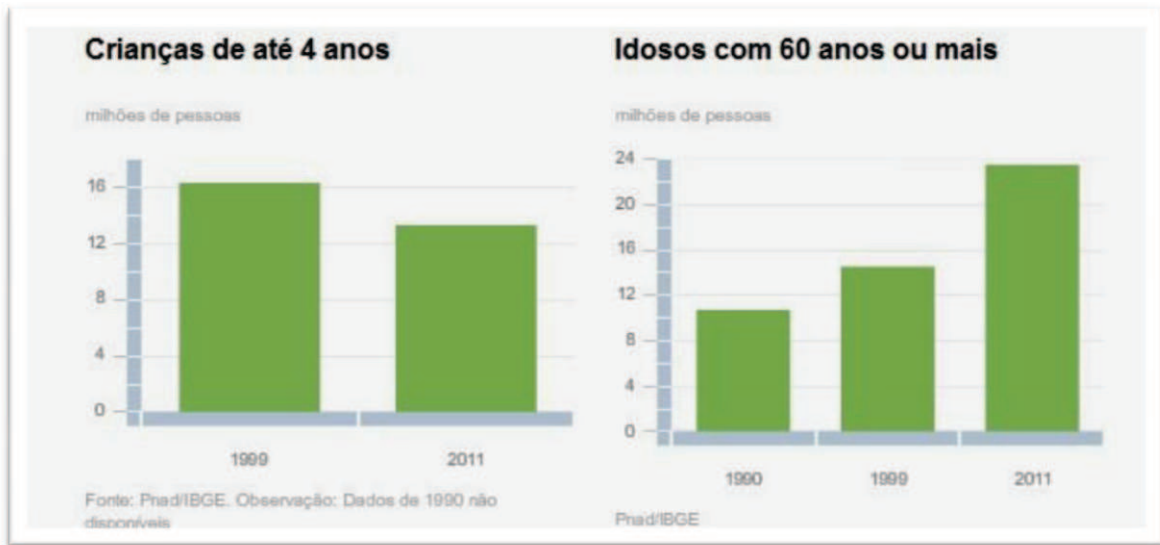


Fonte: PNAD, 2011/IBGE

A partir destes dados do IBGE, os idosos, pessoas com mais de 60 anos – somam-se mais 23,5 milhões de brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, quando a faixa etária contabilizava 10,7 milhões de pessoas. Na comparação entre 2009 (última pesquisa divulgada) e 2011, o grupo aumentou 7,6%, ou seja, mais 1,8 milhão de pessoas.

Para tanto, o número de crianças de até quatro anos no país, caiu de 16,3 milhões, em 2000, para 13,3 milhões, em 2011.

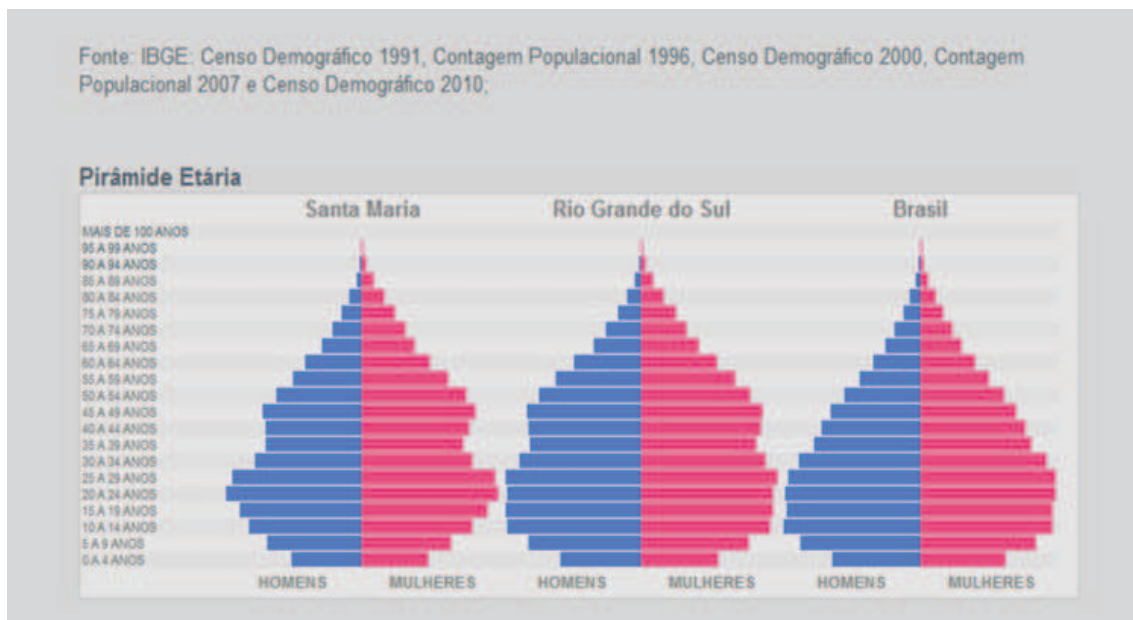
Gráfico 03 – Crianças de até 04 anos e idosos de 60 anos ou mais



Fonte: PNAD, 2011/IBGE

Especificamente, no caso do município de Santa Maria, o envelhecimento populacional segue os parâmetros nacionais, com os seguintes dados:

Gráfico 04 – Contagem populacional Brasil, Rio Grande do Sul e Santa Maria



Fonte: IBGE, 2010

De acordo com o censo 2010 do IBGE, no município de Santa Maria, a população residente na área rural é de 12.684 habitantes enquanto que a população urbana é de 248.347, ou seja, 95,15% da população está concentrada na área urbana. Esta amostra reforça a estatística nacional, no que se refere aos

deslocamentos migratórios do campo para a cidade. O Censo Demográfico (IBGE 2010, p. 31) reforça esta tese:

A concentração da população que reside em áreas urbanas é um fenômeno crescente no País. A proporção de pessoas nestas áreas passou de 45,1%, em 1950, para 84,4%, em 2010. Em relação a 2000, quando o grau de urbanização era de 81,2%, o ritmo de crescimento da população em áreas urbanas desacelera.

De acordo com o Censo 2010 observa-se o processo de feminização da velhice no município de Santa Maria, onde a população residente total de indivíduos acima de 60 anos é de 35.899 idosos. Deste total, 21.401 são do sexo feminino e 14.498 são do sexo masculino. Não obstante, o processo do envelhecimento e suas principais características que podemos comprovar a nível nacional, também são observadas no município de Santa Maria, onde a pesquisa foi realizada.

Por derradeiro, se faz reconhecer que uma das maiores conquistas culturais de um povo em seu processo de humanização é o envelhecimento de sua população, refletindo uma melhoria das condições de vida. De acordo com projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações) “uma em cada 9 pessoas no mundo tem 60 anos ou mais, e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050”. (...) Em 2050 pela primeira vez haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Em 2012, 810 milhões de pessoas têm 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance 1 bilhão em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global”²⁴.

Se, por um lado, a longevidade dos indivíduos decorre do sucesso de conquistas no campo social e de saúde, o envelhecimento populacional no Brasil, como um processo, representa novas demandas por serviços, benefícios e atenções que se constituem em desafios para governantes e sociedade, tanto no presente como no futuro.

Contudo, o envelhecimento demográfico pode ser considerado tanto um triunfo como uma preocupação. É um triunfo se considerado o êxito obtido na redução da mortalidade infantil, no controle da fecundidade e no aumento da esperança de vida (IBGE, 2010). Porém, se for considerado que, junto a esse

²⁴ IBGE

progresso de melhoria de sobrevivência humana, há uma supervalorização da produção, inexistência de medidas e políticas adequadas que satisfaçam às necessidades da população idosa, resultando em situações de marginalização, preconceito e abandono, o envelhecimento populacional traz sérias consequências de ordem social, o que se torna preocupante (VERAS, 1994; PAPALÉO NETTO, 1996; SALGADO, 1998).

Por fim, com esta população sênior significativa, podemos questionar se houve também, o prolongamento da vida ativa desse grupo, que se traduz pela inclusão ou reinserção destes na vida comunitária e no cenário político, permitindo-lhes, assim, ter uma vida social e economicamente produtiva. A questão a ser analisada na sequência é a análise as sociabilidades destes sujeitos: são apenas espectadores ou são protagonistas na luta por seus interesses?

2.3 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: SOCIABILIDADES PRESENTES NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

As questões relacionadas à propagação do fenômeno do envelhecimento foram inicialmente promovidas, pelas organizações internacionais, OMS (Organização Mundial da Saúde) e ONU (Organização das Nações Unidas), as quais tiveram papel fundamental na análise e comunicação do impacto do envelhecimento sobre os países em desenvolvimento, na tentativa de estimulá-los a adotarem medidas para o enfrentamento dessa realidade.

Entre essas medidas, “duas tinham destaque especial: no campo da saúde, fomentar o envelhecimento saudável e, no campo social, lutar pelo envelhecimento com direitos e dignidade”, conforme Goldman (2004, p. 64).

Em nível de Brasil, os principais marcos legais que constituem as políticas públicas relacionadas ao envelhecimento são: a Constituição Federal de 1988, como propulsor das demais políticas – principalmente na década de 90 onde desencadeia-se o processo de redemocratização do país e conseqüentemente de descentralização das políticas, a Lei de Assistência Social (LOAS) nº8.742/1993 – que regulamentou a concessão do benefício de prestação continuada às pessoas com mais de 70 anos pertencentes a famílias com renda mensal *per capita* inferior a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo (em 1998, a idade foi reduzida a 67 anos e em 2004 para 65

anos)²⁵; a Política Nacional do Idoso – Lei nº 8.842 de 1994, regulamentada em 1996; o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso constituído em 2002; o Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741/2003; a Política Nacional de Saúde e a Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa (RENADI), que veio como uma proposta de política inovadora, a partir de sua proposição, na I Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, em 2006.

Para tanto, nesta pesquisa, analisaremos as sociabilidades presentes a partir da década de 80 quando se consolidam as primeiras Leis relacionadas ao processo de envelhecimento populacional, que tem como marco legal a Constituição Federal de 1988.

Historicamente no Brasil, as ações sociais destinadas aos idosos eram caracterizadas por ações assistencialistas e caritativas, impulsionadas pela religião católica, como também pelo SESC²⁶ (Serviço Social do Comércio), onde a assistência torna-se um instrumento do Estado para enfrentar estas questões, instituindo políticas e criando organismos responsáveis pela prestação de serviços destinados à parcela excluída, como forma de compensação sobre as desigualdades sociais existentes.

Neste sentido, o termo “política” diz respeito a um “conjunto de objetivos que informam determinado programa de ação governamental e condicionam sua execução”. Política pública é a expressão atualmente utilizada nos meios oficiais e nas ciências sociais para substituir, o que até a década de setenta, era chamado “planejamento estatal” (BORGES, 2002).

De acordo com Souza (2003), “política pública” permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que, de fato fez, como também, envolve processos subsequentes após a sua decisão, ou seja, implica também implementação, execução e avaliação.

No tocante às políticas desenvolvidas no campo do envelhecimento é a partir da década de 1980, que o Estado, as classes empresariais e a comunidade científica começaram a dar maior atenção à questão da velhice, a nível mundial. O Estado passa a querer se livrar do ônus referente ao crescente aumento de

²⁵ Atualmente, umas das reivindicações dos idosos é reduzir essa idade para 60 anos, conforme prevê o Estatuto do Idoso.

²⁶ O SESC foi o pioneiro no desenvolvimento de atividades educacionais, esportivas, assistenciais e sociais com idosos no país, e seu papel inovador no campo do envelhecimento dá um lugar de destaque entre as organizações representativas da velhice.

benefícios previdenciários a serem pagos aos trabalhadores e, ao mesmo tempo, controlar um contingente eleitoral cada vez mais expressivo (RAMOS, 2001). Os empresários estariam atentos ao novo filão de mercado consumidor que se projetava, cujos integrantes conciliavam tempo livre e renda para o consumo (DEBERT & SIMÕES, 1998). Os especialistas em gerontologia/geriatria, por sua vez, procurariam delimitar e legitimar o seu campo de atuação na sociedade (LOPES, 2000).

Nota-se que a partir da Constituição Federal de 1988²⁷, há uma maior visibilidade e preocupação, referente a questão do envelhecimento.

Corroborando, assinala Santin & Vieira (2005, p. 76):

Logo, não há como negar o intuito do constituinte e também do legislador ordinário de proteger os idosos, contudo o conhecimento das normas constitucionais e infraconstitucionais sobre a velhice é de extrema importância para a disseminação de uma nova racionalidade, destinada a valorizar essa fase de vida do ser humano, na qual também o respeito à dignidade humana deverá estar presente.

Desta forma, não há dúvidas de que a Constituição Federal brasileira de 1988 explicitou a proteção social aos idosos como dever do Estado e direito do cidadão.

Inegavelmente, a Lei representa um grande marco nas lutas pelos direitos fundamentais no Brasil, já que a sociedade civil estava amordaçada há mais de vinte anos por forte autoritarismo (característico da ditadura militar). Acaba-se com o regime autoritário, declarando o regime democrático como normalidade legítima da convivência nacional.

Segundo Uvo e Zanatta (2005, p. 24):

A partir disso, em meados da década de 1980, toma ímpeto o movimento da sociedade civil com novos atores em cena, entre eles professores universitários, associações, idosos politicamente organizados e alguns parlamentares comprometidos com questões sociais, exigindo a valorização e o respeito à pessoa idosa. Esse movimento influenciou a construção da Constituição Cidadã (1988),

²⁷ Procurou assegurar os direitos e deveres fundamentais a todos os seres humanos, destacando o princípio da dignidade humana, e, seu artigo 1º, inciso III, “como valor absoluto, que serve de base para a consolidação de um Estado Democrático de Direito, proporcionando uma unidade e coerência ao conjunto de todos os outros princípios de direito”. Assim, explicitou-se a proteção social aos idosos como dever do Estado e direito do cidadão. E, de forma específica, em seu artigo, 230, atribui à família, à sociedade e ao Estado, o dever de amparar os idosos, assistindo-os preferencialmente em seus lares, assegurando-lhes a participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem estar e seu direito à vida.

primeira Constituição da República Federativa do Brasil a versar sobre a proteção jurídica ao idoso, a qual impõe à família, à sociedade e ao Estado o dever de amparar os idosos.

Talvez isso explique porque a Constituição de 1988 no Brasil, considerada a “Constituição Cidadã” dedicou uma atenção especial à velhice, tratando como direito humano fundamental e incluindo, pela primeira vez numa Constituição brasileira, Leis referentes à assistência social e à previdência social, além de proibir qualquer forma de discriminação baseada na idade. Neste contexto, como os principais protagonistas na elaboração das leis, estavam presentes as principais organizações representativas da velhice: SESC (Serviço Social do Comércio), SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia), ANG (Associação Nacional de Gerontologia) e a COBAP (Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas).

Para tanto, “é qualificada como a mais democrática da história constitucional brasileira, pelo então presidente da Assembléia Nacional Constituinte, deputado Ulisses Guimarães”, de acordo com Santin (2005, p. 76).

Em seu ato de promulgação, ressaltou ser o documento da dignidade da pessoal humana, da liberdade, da democracia, da cidadania e da justiça social. A luta pela redemocratização do país e a reafirmação dos anseios populares consolida-se formalmente pela sua promulgação.

Esta Carta Magna, cuja elaboração, pela primeira vez a sociedade civil – organizações não governamentais, sindicatos, partidos políticos e diversos grupos organizados – participaram ativamente com 72.719 (setenta e duas mil e setecentas e dezenove sugestões)²⁸, incorporadas ao processo constituinte. “O canal efetiva-se por meio da imprensa, agora livre, de partidos políticos e de movimentos sociais organizados, num amplo processo de discussão”, afirma Sarlet (1998 apud SANTIN 2005, p. 77).

A partir desta participação e envolvimento dos atores, na sugestão de Leis que contemplassem o processo do envelhecimento, Minayo (1997, p. 173) explica o surgimento de um novo paradigma de ação, mais precisamente de uma “politização dos idosos”.

²⁸ Fonte: www.camara.gov.br Acesso em 07/12/ 2007.

Especialmente dos mais escolarizados, associado aos ideais dos tempos pós-industriais, trouxe à pauta algumas questões culturais que favorecem um novo modo de pensar e agir no âmbito do envelhecimento que, de algum modo tem influenciado as políticas públicas e os direitos dos idosos: a primeira foi a quebra da centralidade do trabalho, como valor maior na visão de mundo da sociedade (aspecto dominante na sociedade industrial), o que permitiu ao idoso construir sua identidade numa ótica de não trabalho, mas de utilidade e sentido da vida; a segunda é o pluralismo de ideias, de comportamento e de atividades, como valor, quebrando estereótipos ideológicos e comportamentais; a terceira é a valorização da subjetividade como um plano importante a ser incluído em todos os níveis da vida, da ciência e das políticas.

Na sequência, após a Constituição, tivemos como política pública a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), que de acordo com Silva (2006, p. 57), o autor destaca:

O grau de seletividade existente na LOAS faz com que muitos idosos não sejam incluídos nos benefícios, seja por estarem fora do patamar de pobreza ou da faixa etária estipulados pelos critérios da lei (65 anos), seja por não terem acesso aos documentos exigidos ou por não se encontrarem na condição de “incapazes para o trabalho”. Ante essa realidade, a autora acrescenta: para ter acesso ao benefício, a pessoa precisa estar numa condição vegetativa enquanto ser humano, embora haja várias formas de deficiências que não permitem a inserção nas relações de trabalho. Reforçando essa assertiva, destacamos que os idosos, pela falta de qualificação e/ou pela estigmatização cultural, são, no geral, menos competitivos no mercado de trabalho, o que não deixa de ser uma “incapacidade”, pois “os capazes” asseguram a própria sobrevivência.

A partir da Lei Orgânica de Assistência Social, se reconhece que as prerrogativas de atenção a este segmento haviam sido garantidas de forma restrita. Desta forma, surge num cenário de crise no atendimento à pessoa idosa, exigindo uma reformulação em toda estrutura disponível de responsabilidade do governo e da sociedade civil (COSTA, 1996). Essa política é norteadada por cinco princípios²⁹:

1. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos a cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;
2. O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objetivo de conhecimento e informação para todos;
3. O idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;
4. O idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através dessa política;
5. As diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral na aplicação dessa lei.

²⁹ Fonte: www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8842.htm Acesso em 04/06/2013.

Cabe salientar que, para a efetivação dessas metas, foi criado um Projeto Integrado (Interministerial) de Ação Governamental que manteve a concessão do Benefício de Prestação Continuada, porém incorporou novas ações: readequação da rede da saúde e assistência social para atendimento integral ao idoso; elaboração de instrumentos que permitem a inserção da população idosa na vida sócio-econômica das comunidades; desenvolvimento do turismo e lazer, além da reformulação dos currículos universitários no sentido de melhorar a desempenho dos profissionais no trato das questões do idoso.

Apesar dessa proposição de esforços nas diferentes áreas do governo, a implementação desta política nos Estados, revela apenas ações isoladas e incipientes sobre a realidade da pessoa idosa no país, esbarrando num amplo complexo de variáveis que se entrelaçam entre elas, os reduzidos recursos financeiros, conforme Silva (2006), tornando-a, de algum modo, apenas um ideal.

Portanto, até o ano de 1994, não havia no Brasil uma política nacional específica para idosos. Desta forma, buscando uma maior efetividade dos princípios constitucionais, foi implementada no Brasil, a PNI (Política Nacional do Idoso). Esta amplia significamente o direito aos idosos e objetiva colocar em prática, ações voltadas não apenas para os que estão velhos, mas àqueles que vão envelhecer.

Esta política, adota como princípios fundamentais: garantir ao idoso os direitos de cidadania efetiva na sociedade, avalizando a sua autonomia e integração social, bem como promover o bem-estar e o direito à vida, trazendo estes como dever do Estado e da família.

Ressalta-se que esta cidadania implica na participação das questões sociais, na busca de soluções para estes problemas, ou seja, almeja benefícios e a igualdade entre todos. Desta forma, após o advento desta Lei, o Estado começa a intervir e proíbe qualquer tipo de discriminação às pessoas com idade avançada, bem como inicia a difusão de conhecimentos sobre o processo de envelhecimento para a população brasileira.

Desta maneira, apesar da existência de uma Política Nacional, não houve uma efetiva implementação das normas nela estabelecidas, para assegurar o direito aos idosos.

E, conforme Julião (2004, p. 12) complementa:

Da mesma forma, o Estado não se instrumentalizou para assegurar aquilo que havia sido previsto na Lei. E, o pior, não havia nenhuma previsão legal

de qualquer penalidade para o caso de omissão de descumprimento daquilo que estava disposto naquela legislação, que é meramente programática.

Por esta razão, cresceu a necessidade de um Estatuto, onde seriam estabelecidas sanções penais e administrativas, para quem descumprir os direitos dos idosos, ali estabelecidos.

De acordo com Julião³⁰ (2004) decidiu-se, em audiência pública para debate do Projeto de Lei do Estatuto do Idoso, trabalhar com o modelo do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), para criar as “medidas de proteção ao idoso”, que acreditariam ser o ponto de destaque do Estatuto.

Segundo Uvo e Zanatta (2005), esse Estatuto constitui um marco legal para a consciência idosa do país; “a partir dele, os idosos poderão exigir a proteção aos seus direitos, e os demais membros da sociedade tornar-se-ão mais sensibilizados para o amparo dessas pessoas”.

Neste sentido, a função principal desta Lei é funcionar como uma carta de direitos, de forma a fortalecer o controle do Poder Público em relação ao melhor tratamento das pessoas com idade avançada, respeitando a sua dignidade, galgando um lugar de respeito, transformando-se numa verdadeira educação cidadã, visando ao bem estar das pessoas seniores no Brasil.

Neri (2005) trata especificamente dos aspectos relevantes explícitos no Estatuto do Idoso, que, ao avaliar as políticas de atendimento aos direitos do idoso, expressos na lei, concluiu que o documento, embora tenha sido um marco legal, também revela aspectos negativos da velhice, revela o padrão de conhecimentos e atitudes daqueles envolvidos na sua elaboração (políticos, profissionais, grupos organizados de idosos), segundo os quais o envelhecimento é uma fase compreendida por perdas físicas, intelectuais e sociais, negando análise crítica consubstanciada por dados científicos recentes que o apontam, também, como uma ocasião para ganhos, dependendo, principalmente, do estilo de vida e do ambiente ao qual o idoso foi exposto ao longo do seu desenvolvimento e maturidade.

Assim sendo, Neri (2005, p. 10) ressalta que:

Políticas de proteção social, baseadas em suposições e generalizações indevidas, podem contribuir para o desenvolvimento ou a intensificação de preconceitos negativos e para a ocorrência de práticas sociais

³⁰ Sandra de Oliveira Julião – Em 2004: Promotora de Justiça da Promotoria da Defesa do Idoso e do Portador de Deficiência do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios.

discriminatórias em relação aos idosos. A consideração dos direitos dos idosos deve ocorrer no âmbito da noção de universalidade do direito de cidadãos de todas as idades à proteção social, quando se encontrarem em situação de vulnerabilidade.

A autora faz uma análise crítica do documento, visto que será possível desconstruir a imagem que o senso comum tem, acerca do Estatuto e que, muitos trabalhos na área da saúde, apenas reproduzem tal assertiva. Esta questão nos faz refletir e nos perguntar: os atores sociais envolvidos na elaboração do Estatuto estavam preparados e tinham conhecimento da situação do envelhecimento no Brasil, já que se trata de um processo extremamente heterogêneo?

Benevides (2001) salienta a importância e o diálogo entre a sociedade (idosos) e os agentes das políticas, no tocante às ações favoráveis aos seus direitos, pois só assim, cria-se uma forma de expandir a cidadania social, ou seja, vai além de uma ação efetiva dos poderes públicos e da pressão popular, mas contribui para uma mudança cultural, como afirma Benevides (2001, p. 7):

No sentido de mexer com que está mais enraizado nas mentalidades marcadas por preconceitos, por discriminação, pela não aceitação dos direitos de todos, pela não aceitação da diferença. Trata-se de uma mudança cultural especialmente importante no Brasil, pois implica a derrocada de valores e costumes arraigados entre nós, decorrentes de vários fatores historicamente definidos: longo período de escravidão; sistema de ensino autoritário; complacência com a corrupção; descaso com a violência, (...) e o sistema patriarcal e machista.

Para esta autora, o diálogo é primordial no que se refere à legitimação da democracia, e, como forma de incitar a mudança cultural necessária para o enfrentamento de uma herança histórica tão pesada (BENEVIDES, 2001).

Belo (2002) disserta, acerca dos “planos de ação” referentes à velhice, em nível de Brasil. A autora cita, em sua obra, todas as organizações que compõem a “linha de frente” da luta pelos direitos dos seniores e que tem por finalidade, dar visibilidade à questão da velhice na sociedade brasileira e reivindicar, junto ao Estado, políticas públicas de atenção a esse grupo etário.

Contudo, um fato em particular é curioso nesta obra: a ausência quase completa dos próprios seniores em meio às ações que visam promover a sua cidadania, ou seja, as organizações representativas da velhice, não são formadas integralmente por seniores, portanto, “um movimento do sênior, sem o sênior”. Neste

sentido, a partir de suas pesquisas empíricas, a autora percebe a exclusão destes do processo de reivindicação por políticas públicas e nas elaborações das principais Leis existentes no país.

Neri (2005) destaca a ausência do idoso desse processo, afirmando que pessoas oriundas do SESC, da SBGG e profissionais engajados na defesa dos direitos dos seniores que, por muitos anos, fizeram lobby junto a políticos, agregaram pessoas, promoveram discussões e eventos e levantaram publicamente a questão da velhice, mostrando à sociedade que esse é um tema digno de merecer investimentos.

Neste íterim, Pierre Bourdieu elabora seu pensamento como “o *poder de acumular capital*³¹”, o que envolveria, portanto, relações de força, estratégias, interesses, etc. (BOURDIEU, 1997). Nesse caso, o campo hierárquico das instituições aparece como lugar de relação de força que se impõe a todos os agentes que nele penetrem, portanto, de acordo com esta classificação, as instituições representativas tendem a acumular maior capital cultural³² e social e, portanto, adquirem maior confiança dos idosos, que se subtraem de estar à frente dos movimentos e de se politizarem a fim de assumir as rédeas como representantes legais de seus direitos.

Conforme Bourdieu (1997, p. 233):

...os agentes estão distribuídos segundo o volume global de capital que possam abominar suas diferentes espécies e a segunda dimensão segundo a estrutura de seu capital, é decidir segundo o peso relativo das diferentes espécies de capital, econômico e cultural, em volume total de seu capital.

O autor assim complementa (1997, p. 171-172):

No interior do campo, "cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores, em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, do seu capital específico", opondo vanguardas renascentes a vanguardas consagradas.

Neri (2005), corrobora e diz que não há pressão organizada proveniente dos idosos, ou seja, eles não estão na linha de frente, sendo assim, o suposto

³¹ O autor utiliza o termo “capital” como metáfora para falar das vantagens sociais que indivíduos possuem e que geralmente os conduzem a situações de maior poder e status social.

³² Capital cultural, segundo Bourdieu (1997) seria a totalidade de conhecimentos, habilidades, valores, tradições que condicionam a ascensão e representação social.

“movimento social do idoso”, sem o idoso, passa a resultar na formulação de políticas públicas que não atendem às reais necessidades desse grupo social.

Para Goldman (2004) essa realidade é consubstanciada pelo autor, envolvendo idosos, na qual se verifica uma descrença por parte destes quanto aos rumos políticos do país e, ainda, uma compreensão restrita da dimensão política (entendida por muitos como política partidária) esvaziando, assim, seu sentido mais amplo e contribuindo para o desempoderamento desses idosos, conforme analisa Bobbio (1993, p. 954): “política, entendida como forma de atividade ou de práxis humana, está ligada estreitamente ao conceito de poder.” Se os seniores não ocuparem seu espaço político, certamente outros o ocuparão, o que traz repercussões graves para a conquista da sua cidadania no contexto democrático, especialmente na democracia participativa.

Um dado que merece atenção neste contexto de ausência dos seniores nos movimentos e políticas públicas é o fenômeno do analfabetismo no Brasil. Segundo Garcez (2012, p. 71), com base na coleta do PNAD em 2009 – quadro abaixo, demonstra que 50,2% dos seniores apresentavam menos de quatro anos de instrução e que 14, 1 milhões de pessoas no Brasil são analfabetas e destas, 32,9 % com 60 anos ou mais de idade.

Gráfico 05 – Perfil Socioeconômico dos Idosos brasileiros

	Aposentados	Aposentados e Pensionistas e pensionistas		Outros
Previdência	57,9	11,4	8,1	22,6
Renda domiciliar per capita	Até 1 salário mínimo	Mais de 1 a 2 salário mínimo		Mais de 2 salário mínimo
	43,2	29,0		22,9
Anos de estudo	Menos de 4 anos	4 a 8 anos		9 anos ou mais
	50,2	32,3		17,4
Condição no domicílio	Pessoa de referência		Cônjuge	Outra
	64,1		23,8	12,1
Cor ou raça	Branca		Parda	Preta
	55,4		36,1	7,2
Sexo	Homem		Mulher	
	44,2		55,8	

Fonte: IBGE, 2010.

Acredita-se que, além do nível socioeconômico, que influencia no processo de exclusão e vulnerabilidade, os quais 16,4% vivem com meio salário mínimo de renda *per capita*, a taxa de analfabetismo no período de 1999 à 2009, cresceu, passando de 34,4% para 42,6%, conforme demonstrado no quadro.

Quadro 09 – Taxa de Analfabetismo no Brasil entre os idosos

Regiões	60 à 64 anos	65 anos ou mais
Norte	8,9	28,7
Nordeste	8,9	27,8
Sul	9,8	39,1
Sudeste	11,2	41,8
Centro-Oeste	11,9	37,4

Fonte: IBGE, 2010

Também, quanto maior a idade, menores as oportunidades de estudo, e conseqüentemente, maior o índice de analfabetismo, aspecto este que precisa ser levado em conta. Por derradeiro, comprovamos tímido envolvimento dos seniores no processo político e na defesa de seus direitos, visto as evidências estatísticas que comprovam a irrelevante participação. Não obstante, o protagonismo fica por conta das entidades representativas que, segundo Bourdieu (1997) tem a tendência de acumular capital social e, por sua vez, adquirem maior confiança dos seniores, na luta por seus direitos. Com isso, percebemos a falta de políticas e ações que contemplem as principais demandas desta faixa etária.

Portanto, o que se observa é que as políticas públicas relacionadas à velhice representam estratégias de ação com o objetivo de solucionar alguns dos problemas sociais que acometem a população sênior e, os interesses dessas organizações, em grande medida, estão contemplados nessas políticas. E isso é notório porque o mesmo não ocorre com os interesses emergenciais da população idosa, como a elevação do poder de compra da aposentadoria, a qual é ignorada totalmente nessas políticas (PEREZ, 2007).

2.3.1 Velhice e ação política?

Estas considerações nos instigam a perceber que, se a própria aposentadoria – tida como o primeiro e ainda hoje, o principal direito específico da velhice – surgiu a partir das reivindicações do movimento operário, integrando as lutas por outros direitos trabalhistas, como redução da jornada, melhorias salariais, férias e 13º salário, por qual motivo haveria hoje um movimento social apenas dos seniores, desvinculado do mundo do trabalho?

De fato, os direitos sociais conquistados pelo “antigo” movimento operário implicaram uma redução na geração de mais-valia, mecanismo principal do capital para a obtenção do lucro, e que, pode ser compreendida como o ganho de capital sobre o trabalho que não é pago, ou seja, sobre o trabalho explorado. Isso é totalmente avesso à essência do sistema capitalista, que se baseia na obtenção de lucro por meio da exploração do trabalho.

Dessa forma, os direitos vinculados ao movimento operário significaram perda financeira para as classes proprietárias dos meios de produção – que tiveram que pagar pelo não-trabalho dos seus empregados (férias e 13º salário), e para o Estado, que, teve que arcar com os benefícios de seguridade social (previdência, saúde, assistência, seguro-desemprego, etc.). Assim, a luta de classes protagonizada pelos trabalhadores e as conquistas político jurídicas dela derivadas representaram uma emancipação real – mesmo que não total – da classe trabalhadora frente à exploração do sistema capitalista. E é exatamente por isso que o neoliberalismo atacou e continua atacando veementemente esses direitos e procura de todas as formas desmobilizar a luta de classes.

Neste contexto, os novos movimentos sociais e os grupos organizados representam, a nova configuração das lutas sociais dentro do contexto neoliberal. De forma geral, pode-se dizer que os “novos movimentos”, as possíveis organizações de seniores, diferenciam dos “velhos movimentos”, na medida em que, para estes últimos, o mundo do trabalho era tido como cenário primordial de luta – ou seja, baseavam-se no embate entre capital e trabalho, típico do movimento operário – ao passo que os “novos movimentos”, as novas e possíveis organizações procuram afirmar (ou reafirmar) identidades específicas (de gênero, étnicas, raciais, etárias, sexuais, etc.), ter o reconhecimento dos seus valores, obter o respeito às diferenças e conquistar os direitos relativos a estas identidades (MELUCCI, 2004).

Se, ainda para o marxismo, a produção material vincula-se à produção ideológica, não há como separar as ideologias específicas que predeterminam a exclusão e a não participação dos diversos grupos sociais, neste caso, os seniores, da ideologia dominante capitalista, que, por sua vez, é representada pela ideologia da classe dominante, especificamente, as entidades representativas da velhice.

Percebe-se, então, que as novas causas que regem estas entidades representativas da velhice, que tomam a frente das decisões, não são, na realidade, tão novas. Elas somente camuflam por meio de ideologias um antigo e polêmico problema: a lógica excludente do sistema capitalista.

Corroboram com esta questão, Sánches & Martínez (2006, p. 11):

O Estado neoliberal, dessa forma, elabora tecnologias sociais que, na forma de políticas públicas, aparentam uma preocupação com os problemas sociais mais urgentes, mas que, na verdade, escamoteiam estratégias de controle e dominação.

Nesse sentido, Santos (1998, p. 67) nos diz que:

Esse conjunto de legislações e políticas públicas referentes à velhice representam “planos de ação” do governo brasileiro que, seguindo uma tendência mundial, procuram estabelecer estratégias de combate à exclusão social vivida por muitos idosos, incluindo-os e integrando-os à sociedade. Essa é a ideia-chave do discurso proferido tanto pelos organismos internacionais quanto pelo Estado e pelas organizações representativas da velhice no Brasil, ao procurarem justificar as suas ações “em prol” dos idosos.

Justamente neste sentido, Bosi (1994), defende que jamais na história se teve notícia da existência de um movimento reivindicatório composto somente por idosos. Mesmo porque, como já sabemos, até o século XX era raro chegar até a velhice. Não obstante, o número de idosos nas sociedades históricas sempre foi bastante reduzido (ALBA, 1992). Além disso, nunca houve uma “causa” específica até a emergência da sociedade moderna industrial. Isso significa que a velhice, nunca serviu como referência de identidade para a união, organização e mobilização política, tal como ocorreu com os operários no século XIX.

Neste contexto Weber (2002), nos explica que a sociedade pode ser compreendida a partir do conjunto das ações individuais, e o autor busca o sentido da ação, o qual está nas próprias ações. O autor afirma que a ação social é “ação

orientada pela ação dos outros”, assim como também esta ação é intencional, ou seja, a tarefa da sociologia para Weber é interpretar a ação social. Para isso o autor estabeleceu quatro “tipos puros” de ação social. São chamados “tipos puros” porque só existem como arranjo de ideias no mundo conceitual. Porém a realidade é muito mais complexa do que os tipos propostos. Dessa forma, o objetivo é usar a simplicidade conceitual dos tipos para ordenar essa realidade (WEBER, 2002, p. 76-77). E, com relação à questão analisada, observa-se que a “ação racional que respeita os fins” (WEBER, 2002, p. 75) é a mais adequada, para compreendermos as estratégias de ação política das entidades protagonistas das políticas públicas relacionadas aos seniores, ou seja, acredita-se que o um dos critérios de seleção dos meios é a capacidade de realizar o objetivo estabelecido pelo sistema capitalista. Acredita-se, portanto, que há um fato em particular que é bastante curioso nesse processo, justamente para legitimar a intencionalidades dessas ações: a ausência quase completa dos próprios seniores em meio às ações que visam promover a sua cidadania, ou seja, são as organizações representativas da velhice, e não os seniores, que têm se mobilizado no sentido de solicitar ações do Estado.

A fim de corroborar, Santos (1998, p. 76), ao entrevistar membros do Conselho Estadual do Idoso do Estado, revela a não participação destes na reivindicação por políticas públicas:

Um dos entrevistados afirma o seguinte: “Mas a grande crítica que eu faço ainda é ao nível extremamente baixo do envolvimento da população idosa com relação ao Estatuto do Idoso”. (...) É um segmento que acostumou a esperar que medidas venham de ‘cima para baixo’ e que não teve a oportunidade de exercitar a capacidade de organização e reivindicação necessária(...). Eles se retiram desse cenário porque não tiveram oportunidade de ser protagonistas ao longo da história. Outro entrevistado também se refere à falta de participação dos idosos: “Os idosos ainda não sabem que são parte viva da sociedade, eles mesmos se excluem”.

Nota-se que, a partir dos depoimentos, percebe-se que a exclusão do sênior desse processo de reivindicação por políticas públicas é clara. Neste sentido, Santos (1998, p. 79) afirma que: “o aspecto negativo mais presente é a falta do comprometimento e da participação dos idosos, apontada por todos os entrevistados”.

Também Neri (2003) destaca a ausência do sênior desse processo, afirmando que:

Pessoas oriundas do SESC, da SBGG e profissionais engajados na defesa dos direitos dos idosos que, por muitos anos, fizeram lobby junto a políticos, agregaram pessoas, promoveram discussões e eventos e levantaram publicamente a questão da velhice, mostrando à sociedade que esse é um tema digno de merecer investimentos.

Compreende-se que ainda não houve uma pressão organizada proveniente dos seniores, ou seja, eles não estão na linha de frente. Portanto, nesse caso, qualquer estratégia de ação que venha contemplar e beneficiar a população sênior é válida já que se trata de uma população fragilizada, estigmatizada e que não participa diretamente dessas decisões. Enfim, acredita-se que é o tipo de ação mais freqüente na sociedade contemporânea.

Como percebemos os processos de socialização dos seniores nas questões e frentes de reivindicação, participação e representação está muito aquém das necessidades reais e urgentes da população com mais de 60 anos. Senão vejamos: como explicar, o fato de as associações de aposentados, representadas em esfera nacional pela Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas (COBAP), terem participado da elaboração do Estatuto do Idoso, sendo que o mesmo tem como ponto mais fraco a Previdência Social? Da mesma forma, como justificar a omissão tanto do Estatuto quanto da Política Nacional do Idoso no que se refere à necessidade urgente de erradicação do analfabetismo, também, entre os maiores de 60 anos no Brasil, uma vez que tanto as entidades representativas da velhice quanto as instituições de educação e lazer para seniores (como o SESC), ativamente atuante no movimento, deveriam prezar principalmente pela universalização do e pelo acesso ao conhecimento?

Esta tese reforça e coloca em xeque a própria questão da representatividade e da sociabilidade e então, percebemos o porquê muitas frentes de representatividade da velhice tem ausência de seniores em suas comissões.

Os estudos e reflexões aqui empreendidos indicam que a realidade apresentada acena para novas perspectivas para as pessoas acima de 60 anos. E, significa, igualmente, uma cobrança na medida em que essas pessoas não podem ser mais omissas; pois o momento contemporâneo não mais concebe essa atitude de “vítimas” do sistema. Acredita-se que, a partir deste comprometimento maior,

desta reintegração no meio social, poderá galgar alguns degraus longe da marginalização, do estigma, através da socialização, enfim, cabe ao sujeito sênior o compromisso de lutar e conquistar seu espaço e sua dignidade. “Se a sociedade inventou a velhice, devem os idosos reinventar a sociedade” (SALGADO, 1997, p.36).

CAPÍTULO 3 – O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DO ENVELHECIMENTO

Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência (Karl Marx).

O contexto contemporâneo abre um “leque” de análises, já que o processo do envelhecimento é múltiplo, heterogêneo e multidisciplinar. Nesse sentido, o capítulo a seguir irá abordar alguns conceitos e questões relevantes nesse processo e, principalmente, quando se propõe uma abordagem na qual se procura evidenciar os aspectos sociais do envelhecimento.

3.1 LITERALMENTE FALANDO: AS MÚLTIPLAS PARTICIPAÇÕES SOCIAIS

Conforme abordado no capítulo 2 desta tese, analisaram-se os processos de socialização dos seniores³³ nas questões e frentes de reivindicação dos seus direitos. A seguir, serão observadas as participações sociais dos seniores que geram as sociabilidades presentes no universo do envelhecimento populacional. Atenção especial para a pesquisa realizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A priori, analisaremos a categoria sociedade que, para Simmel (1983, p. 168-169):

É o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto, precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. Interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas estas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência. (...) Pois a forma é a mútua determinação e interação dos elementos da associação. É através da forma que constituem uma unidade.

³³ O termo “sênior” foi discutido anteriormente pela pesquisadora (Cap. 2).

Desse modo, para Simmel (2006, p. 15), a sociedade pode ser entendida mais amplamente como a interação psíquica entre os indivíduos. A definição do “social” não abrange apenas as interações duradouras já cristalizadas como Estado, igreja, família, organizações, etc. Para o autor, a sociedade significa que, por um lado, os indivíduos estão constantemente ligados uns aos outros, influenciando e recebendo influências; e, por outro lado, algo funcional, que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo: a sociação. Assim sendo, a sociedade constitui não uma substância, algo concreto em si mesmo, mas um acontecer, “que tem a função pela qual cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma força” (SIMMEL, 2006, p. 18).

Destarte, para esse autor, a sociedade parte da interação entre os indivíduos e comporta uma distinção entre a forma e conteúdo. Nessa compreensão, os indivíduos possuindo diversas motivações, sejam elas (paixões, desejos, etc.), conteúdos da vida social, interagem a partir delas e se transformam em uma unidade. Esses conteúdos isolados são sociais: a sociação apenas começa a existir quando os indivíduos interagem adotando formas de cooperação e colaboração, de modo que, quanto mais interação existe no mesmo grupo, ele se torna mais sociedade. No entanto, a sociação é a forma pela qual os indivíduos formam uma unidade a fim de atenderem seus interesses, sendo forma e conteúdo, na experiência concreta, elementos inseparáveis.

Dessa forma, paralelo a sociação, para Simmel (2006), surge o conceito de sociabilidade: visto que a sociedade é a interação com outro para realizar os conteúdos materiais (individuais), e a partir da percepção de que as sociações envolvem, além dos conteúdos, a própria valorização da sociação pelos indivíduos. E então, as formas que resultam desses processos ganham vida própria, libertas dos conteúdos e existindo por si mesmas, constroem a sociabilidade, que transforma a sociação em um valor apreciado em si. Em outras palavras, a sociabilidade é a “forma lúdica da sociação” (SIMMEL, 2006, p. 65), não importando as motivações.

Ainda, conforme Simmel, a realidade da vida social constrói-se no âmago da interação entre os homens: o processo de sociação comporta a dinâmica de um jogo através do qual os homens “fazem” sociedade (SIMMEL, 1983)

Na análise do mesmo autor a questão da sociabilidade é de suma importância para o estudo da própria estrutura da sociedade e, sobretudo por esse conceito permitir a compreensão das formas sociais.

O autor (SIMELL, 1983, p. 165-166), destaca:

O motivo deriva de duas proposições: uma delas é que em qualquer sociedade humana pode-se fazer uma distinção entre seu conteúdo e sua forma. A outra proposição é que a própria sociedade em geral se refere à interação entre indivíduos. Essa interação sempre surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos. Os instintos eróticos, os interesses objetivos, os impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque, de ganho ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles, contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e ser influenciado por eles. A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc., a formarem uma unidade – precisamente, uma “sociedade”. Tudo que está presente nos indivíduos (que são os dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente nele de maneira a engendrar ou medir influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação.

Notadamente, constata-se que as sociabilidades centram-se, durante a vida produtiva, primeiramente no trabalho e na família e secundariamente nas relações de amizades, vizinhança e lazer. Não obstante, com a saída do espaço produtivo em razão da aposentadoria, essas sociabilidades se enfraquecem (MAGALHÃES, 1989).

Porém, de acordo com (GARCEZ, 2012, p. 128):

Outras podem se fortalecer, como as familiares ou as novas sociabilidades a partir de outros círculos sociais que se formam quando o idoso busca construir uma nova rede de relações, ou ampliar aquelas já conquistadas. Todavia algumas subordinações influenciam os processos de sociabilidade e construção desses círculos sociais, como a pobreza, por exemplo.

Pois, segundo Magalhães (1989), as estruturas da sociabilidade encontram um forte referencial de classe, que, quanto mais alto o estrato social maior a possibilidade de manutenção das sociabilidades. E, como exemplo as classes médias altas da população, as quais têm sua esperança de vida além dos 70 anos, o que difere de um trabalhador braçal, pertencente às camadas socioeconômicas mais baixas, cuja esperança de vida é dez anos a menos.

Segundo GARCEZ (2012, p. 129):

Concorda-se que a qualidade do envelhecimento esteja ligada diretamente às condições materiais, econômicas e estruturais de um determinado

contexto e por isso é um processo heterogêneo. Entende-se assim que o envelhecimento é também um processo bastante singular, dependente da subjetividade de cada pessoa e o significado que essa atribui a mais este ciclo da vida, que é o envelhecer.

Dessa forma, percebemos que, a cada dia, diversas sociabilidades são apresentadas aos seniores e, ao buscar compreender a forma de inserção deles nos diferentes grupos de convivência, academias de ginástica, ações de voluntariado, etc., constata-se que várias são as razões da participação ou ausência³⁴. A necessidade de interação social, mais especificamente com indivíduos da mesma faixa etária é um dos motivos apontados por eles.

“Depois que eu viuvei e me aposentei, eu procurei um grupo de Terceira Idade e quando cheguei lá, fui bem recebida e me senti bem. As amigas, tudo da mesma idade, isso facilita muito, a gente troca receita, conversa as mesmas coisas e se entende, isso é muito bom”(Carmen, 68 anos, autônoma).

“Depois que eu comecei a frequentar a academia da Universidade, eu relutei muito, mas muitas amigas insistiram, então eu fui, daí percebi que lá é um lugar bem alegre, sempre tem música agitada, eu até aprendi a gostar. Daí a gente convive com jovem, com idoso, e até faz amizade. Me arrependo porque não procurei antes. É muito bom. Me sinto até mais jovem, com mais energia. Chego lá uma e saio outra”(Lourdes, 70 anos, funcionária municipal aposentada³⁵).

Ao participar dos grupos e de espaços de sociabilidade, percebem que sua vida mudou para melhor, não apenas fisicamente, mas, sobretudo a sua relação e presença no mundo. Esses espaços têm por objetivo compartilhar alegrias, afeto, amor, tristezas e conhecimentos, criar oportunidades para desenvolvimento de novas habilidades e competências, trabalhar a autonomia e a independência, propiciando suporte bio-psico-emocional e motivador para essa etapa da vida.

³⁴ Informação pessoal obtida no trabalho com diversos grupos de convivência, na cidade de Santa Maria/RS.

³⁵ Entrevistas exploratórias realizadas para a tese.

Logo, a importância de novas possibilidades de reinserção social do idoso, é processo não apenas de ressocialização, mas condição importante na crença do indivíduo em poder fazer algo por ele mesmo e pela sociedade.

Afirma Debert (1996, p. 112-113):

Um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice, abrem espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vividas coletivamente. No Brasil, nos últimos anos, tem crescido o número de grupos de convivência de idosos. Os programas como os das universidades para a terceira idade, com uma capacidade de mobilização impressionante, têm promovido de maneira muito evidente a redefinição de valores, atitudes e comportamentos dos grupos mobilizados.

É interessante destacar que esses espaços são ricos em oportunidades para que os seniores possam derrubar padrões e estereótipos do envelhecimento que ainda existem e o que é mais importante, para que acordem para as inúmeras possibilidades que têm e se transformem em sujeitos participativos e valorizados.

De acordo com esse pensamento, Sawaia (1995, p. 21) expõe que: “além de propiciarem e facilitarem mudanças, esses locais atendem, sobretudo, a uma necessidade do indivíduo trocar, compartilhar e mais do que isto, sentir-se pertencente e consciente dos seus direitos”.

Segundo Bosi (1995, p. 80) “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse remédio contra os danos do tempo”.

Diante do exposto, sabe-se que surgiram, consideravelmente, vários desses “remédios” contra os danos do tempo: participação em trabalhos voluntários; volta ou a entrada no mundo do conhecimento através dos cursos em UNATI (Universidade Aberta para a Terceira Idade) e EJA³⁶ (Educação de Jovens e Adultos) ou em outras instituições e a participação em grupos de convivência, atividades essas capazes de manter os indivíduos lúcidos e ativos, apesar da idade. Além disso, esses espaços também possibilitam o reinvestimento em um projeto de vida, ou seja, a perspectiva de mudança que contém a busca de algo significativo,

³⁶ A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino desenvolvida pela administração federal. Surge em 2002, na gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Visa o fim do analfabetismo na sociedade e uma formação técnica para jovens e adultos não escolarizados. Disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf Acesso em 10/02/2014.

Assim, compreende-se que o surgimento dos chamados grupos de “Terceira Idade” ou “Melhor Idade”, bem como a melhoria e a ampliação dos serviços voltados a esse segmento, visam a um lugar na sociedade com mais dignidade e menos sofrimento para os idosos.

Nesse sentido, a produção dessa história inclui a construção deste “novo sênior”, o que entre outras características, tem a de deixar para trás a aceitação do paternalismo com o qual era tratado e do qual auferia ganhos secundários, como o de deixar a outrem a responsabilidade por sua vida.

Em geral, os seniores que participam de diferentes sociações, enriquecem o seu círculo social e também seu próprio desenvolvimento, intensificando diversas interações, seja na igreja, na associação, no clube de terceira idade, no movimento cultural, no conselho ou na conferência. Para Simmel (1983, p. 60), “a sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral da interação”.

Para Maffesoli (1995, p. 86), “a importância do contágio emocional, a busca do território, do pertencimento, são coisas que servem de matriz à sociabilidade nascente, coisas que constituem o caldo de cultura do qual a atualidade nos oferece”.

Dessa maneira, consideram-se os laços que os unem, bem como o apoio entre eles a saída para enfrentar o contraste, entre o que está estabelecido, com a maneira de encarar o envelhecimento e o desafio de continuarem senhores de seus desejos, ou seja, a sensação de pertencimento e autonomia implica transpor as representações primordialmente negativas atribuídas à velhice.

Enfim, qualquer que seja o motivo acionado pela interação, ele desencadeia redes de reciprocidades, expressas nas formas sociais, embora, alguns seniores entrevistados não participem de grupos ou associações, mas mantém redes de reciprocidades, seja com familiares, amigos ou vizinhos.

“Eu não participo de nenhum grupo de Terceira Idade porque eu vivo bem assim, tenho atividade em casa sempre, é sempre um chegando e outro saindo. Tenho vizinhos muito bons que sempre me ajudam. Meus amigos e meus vizinhos são

também, a minha família, então tá tudo muito bom” (Cecília, 71 anos, pensionista).

“Já me convidaram pra participa, mas eu tive que cumpri horário a minha vida toda, então agora, eu quero mais não te compromisso nenhum, porque tenho umas amiga que vão nesses grupos e daí eles tão sempre inventando uma coisa ou outra pra fazerem, às vezes ela fica dias sem vir aqui em casa, porque tá envolvida com esses grupos. Mas eu acho que fazem muito bem pras pessoas idosas, quem sabe um dia eu vou pra ver como é” (Ruth, 68 anos, empregada doméstica aposentada).

O que se pode observar através dessas falas são impressões de seniores que não desejam ter nenhuma obrigação ou participação social. Embora sejam constatadas formas de interação social, evidencia-se a opção de não frequentar grupos ou associações. Salienta-se que dos 19 (dezenove) entrevistados na pesquisa exploratória, apenas essas duas seniores não participam de nenhum grupo ou envolvimento na sociedade.

Vale dizer que essas duas seniores foram escolhidas de forma aleatória, em bairros da periferia de Santa Maria, o que confirma a afirmação de Magalhães (1989), quando explica e evidencia que as estruturas da sociabilidade encontram um forte referencial de classe, que, quanto mais alto o estrato social, maior a possibilidade de manutenção das sociabilidades.

3.2 LITERALMENTE FALANDO: AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Do ponto de vista sociológico, Durkheim é o autor que primeiro trabalha explicitamente o conceito de representações sociais. Usado no mesmo sentido que *Representações Coletivas*, o termo se refere a categorias coletivas de pensamento através das quais, determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Durkheim afirma que essas categorias não são dadas, *a priori*, e não são universais na consciência, mas surgem ligadas aos fatos sociais, transformando-se, elas

próprias, em *atos sociais* passíveis de observação e de interpretação. Isto é, a observação revela, segundo ele, que as representações sociais são um grupo de fenômenos reais, dotados de propriedades específicas e que se comportam também, de forma específica. Na concepção do autor é a sociedade que pensa (DURKHEIM, 1978).

Portanto, as representações não são necessariamente conscientes do ponto de vista individual, pois, de um lado, elas conservam sempre a marca da realidade social onde nascem, mas também possuem vida independente, reproduzem-se e se misturam, tendo como causas outras representações e não apenas a estrutura social. Segundo Durkheim (1978, p. 88) “é preciso saber atingir a realidade que eles figuram e que lhes dá sua verdadeira significação”. Constituem objeto de estudo tanto quanto as estruturas e as instituições: são todas elas maneiras de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual lhes impõe.

Max Weber (2002) elabora suas concepções do campo das representações sociais através de termos como ‘ideias’, ‘espírito’, ‘mentalidade’, ‘concepções’. Para ele, a vida social – que consiste na conduta cotidiana dos indivíduos – é carregada de significação cultural. Essa significação cultural é dada tanto pela base material como pelas ideias, e dentro de uma relação adequada, em que ambas se condicionam mutuamente (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1997).

Alfred Schutz (1953), no início dos anos cinquenta do século XX, usa o termo *senso comum* para falar das representações sociais do cotidiano. O senso comum é construído a partir do mundo do dia a dia. Para tal, a existência cotidiana, segundo Schutz, é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social.

Ainda, segundo Schutz (1953), as experiências de qualquer ator social, dependem de sua história de vida. Cada ator social tem um conhecimento de sua experiência e atribui relevância a determinados temas, aspectos e situações, de acordo com sua própria história anterior. Daí que, para Schutz (1953) o senso comum é de fundamental importância, porque, através dele, o ator social faz sua própria definição de situação. Isto é, não só age como atribui significados portadores de relevâncias à sua ação, de acordo com sua história de vida, seu estoque de conhecimentos dado pela experiência de interação com os que o cercam. O estoque de conhecimentos se forma através de tipificações do mundo do senso comum. Isso

permite a identificação de grupos, a estruturação comum de relevâncias e possibilidade de compreensão de um modo de vida específico de determinado grupo social.

No início dos anos sessenta Serge Moscovici (2009) inaugurou um novo campo na psicologia social: o estudo das representações sociais. Esse estudo tornou-se consistente na medida em que é orientado para questões de como as coisas mudam na sociedade, fator importante que levou o autor a se interessar pelo processo de influência da minoria, ou seja, discutir questões e fenômenos que antes eram vistos como um conceito, como enfatizar o caráter dinâmico das representações, contra seu caráter estático de *representações coletivas* da formulação de Durkheim.

Nesse sentido, a obra de Moscovici (2009) lançou uma problemática específica – como é que o conhecimento científico é consumido, transformado e utilizado pelo “cidadão comum” – e uma problemática mais geral – como as pessoas constroem a realidade, através dos processos de comunicação interpessoal cotidiana. Essas problemáticas exigiram novas abordagens metodológicas no seio da disciplina e conduziram a uma articulação com outras ciências sociais e humanas, de acordo com Cabecinhas (2009, p. 2).

A partir de então, tal contribuição conduziu a um novo olhar sobre a forma de conceber a relação entre o indivíduo e a sociedade. As representações sociais são conceitualizadas como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, contribuindo para a percepção de uma realidade comum a um determinado grupo. Segundo Denise Jodelet (1989), as representações sociais constituem a forma como os indivíduos apropriam o mundo que os rodeia, ajudando-os a compreender e a agir, isto é, são teorias sociais práticas.

De fato, a teoria das representações sociais age, não apenas como legitimadora do senso comum, mas também, enfatiza a importância da comunicação, além de reger as condutas e as interações entre as pessoas.

Serge Moscovici, (2009, p. 58) declara que:

As representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum (familiar) e real, algo que é incomum (não-familiar). E, através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao

alcance de nossa mão; o que parecia abstrato torna-se concreto e quase normal.

Desse modo, a fim de elucidar esse conceito, a partir da experiência no PDSE (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior), na cidade de Braga, Portugal, tive a oportunidade, através do convite da coorientadora naquele país, visitar instituições e lares para idosos, através da observação participante, e, posteriormente, analisar como se processam as representações sociais em dois grupos distintos. Entendendo, *a priori*, que as representações são sempre um produto da “interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social”, conforme afirma Moscovici (2009, p. 21).

Especificamente, essas visitas tinham o objetivo de aplicar a técnica do *grupo focal*³⁷, pela professora e suas alunas.

Um dos grupos foi à Casa do Povo de Fermentões, localizado no município de Guimarães, na Região do Minho, norte de Portugal, o qual se identifica como um Centro de Dia. Nesse local, os seniores não são institucionalizados, chegam pela manhã, e à noite retornam aos seus lares. Pode-se dizer que são seniores com mínima escolaridade, de classe econômica baixa. Eles, em grande parte, residem com os filhos e estes por trabalharem durante o dia, deixam seus pais nesse local. Algumas das entrevistadas foram conduzidas ao local pelos próprios filhos e outras seniores, por sua vez, procuram o grupo espontaneamente, isto é, querem fazer parte do mesmo, em geral por se identificarem com as atividades ali desenvolvidas.

³⁷ É um método de investigação social já consolidado, que assume a forma de uma discussão estruturada onde envolve a partilha progressiva e a clarificação dos pontos de vista e ideias dos participantes. Usado inicialmente em estudos de mercado, é agora extensamente aplicado a uma variedade de contextos de aplicação e de investigação acadêmica com vista à produção de informação e de conhecimento. A técnica tem particular interesse na análise de temas ou domínios, que levantam opiniões divergentes ou que, envolvem questões complexas que precisam ser exploradas em maior detalhe. Operacionalmente a técnica envolve de seis a oito pessoas e tem duração de uma hora e meia a duas horas, dependendo do grupo a ser analisado. A interação do grupo é moderada por um avaliador ou investigador que estabelece os tópicos ou perguntas para a discussão, baseados em um roteiro, previamente elaborado. O papel do moderador tem o intuito de dar abertura à discussão e incentivar os participantes sempre que necessário. Este método permite, em especial, nos grupos estudados, recolher uma vasta quantidade de informações qualitativas, num espaço de tempo relativamente curto. Neste sentido, o avaliador examina as diferentes perspectivas dos participantes, à medida que, estas forem sendo construídas pelas suas conversas que decorrem naturalmente num contexto de grupo. *In: A Avaliação do Desenvolvimento Socioeconômico, MANUAL TÉCNICO II: Métodos e Técnicas. A Recolha de Dados: Focus Groups (Grupos de Discussão)*. Disponível em: www.observatorio.pt/download.php?id=204 . Acesso em 14/11/2013.

Um aspecto relevante observado nas falas está relacionado com o aumento das amizades. Esse fator influencia consideravelmente a continuidade dos seniores nos programas e nas mudanças positivas que ocorrem na vida dessas pessoas. Daí a possibilidade de conhecer novas pessoas, construir amizades, viajar acompanhando o grupo, dentre outras razões, são mudanças apontadas pelas entrevistadas que as induzem a continuar participando do grupo e a estimular outras pessoas para que frequentem o mesmo.

Um fato peculiar que identifica esse grupo é a escassa crença na esperança de vida, ou seja, há menor entusiasmo na participação das atividades propostas pelo local. Segundo Alice Matos (2013)³⁸ *“os lares e os Centros de Dia, têm rotinas muito pouco flexíveis, muito rígidas [...], que quebram toda a criatividade, toda a possibilidade de criatividade dos mais velhos e, se nós quisermos incapacitar alguém é colocá-lo em um lar que trabalhem modos clássicos, porque a pessoa vai deixar de ter necessidade de tomar qualquer decisão na sua vida, se deem tudo por ela.*

Compreende-se, dessa forma, que os idosos frequentadores dos Centros de Dia, não demonstram vontade em participar das atividades, justamente porque não há uma flexibilidade – conforme cita a pesquisadora – na questão dos horários, tanto para a alimentação quanto para as demais atividades. Percebemos que o sênior sente-se tolhido de exercer sua autonomia, visto que muitos estão no local, não por vontade própria, mas na maioria dos casos, por necessidades familiares.

Não obstante, a maioria das seniores entrevistadas relataram que gostam de estar ali, porém, estariam muito melhor se estivessem em suas próprias casas, já que muitas delas, tiveram que sair de casa, após a viuvez.

No que se refere às representações sociais desse grupo, as seniores do Centro de Dia, a partir de suas falas, traduzem o envelhecimento humano exclusivamente a partir das perdas, representam o processo com predisposições desfavoráveis, estereótipos negativos e preconceitos em relação à velhice. Em vários assuntos abordados, as perdas relativas à velhice eram sempre presentes; “perda do marido, dos filhos, do lar”, etc.

³⁸ Entrevista concedida a Jornal local. https://www.youtube.com/watch?v=SyCtAhWCj_Q Acesso em 14/01/2014.

O outro grupo visitado foi na Universidade Sênior de Guimarães, criada a partir do modelo das UNATI (Universidade da Terceira Idade)³⁹. Esse grupo reforça um caráter mais elitista já que são seniores de classe média, com maior nível de escolaridade e se encontram ritualisticamente, por decisão própria, com objetivos de compartilhar vivências, atividades em grupo, etc.

Particularmente nesse grupo, observou-se que há uma esperança melhor de vida, mais positiva. Para eles o importante não é apenas ter saúde, mas compartilhar as vivências, os problemas, as alegrias e as tristezas. Há um elo de amizade muito maior e mais íntimo entre os participantes. Muitos enfatizaram que era uma ‘segunda família’.

Percebe-se que há uma predisposição mais acentuada para as diversas formas de sociabilidade – novas amizades, encontros nas casas, organização de eventos, etc. A representação social da velhice é positivamente encarada, como mais uma etapa em que se podem encontrar meios para amenizar as ‘faltas’ e as ‘deficiências’, advindas nessa etapa da vida. Assim, constata-se uma velhice ativa, feliz, capaz de adquirir novos conhecimentos e compartilhar saberes.

Diferentemente do grupo da Casa do Povo de Fermentões, as entrevistadas procuraram o grupo por conta própria, a fim de saírem da rotina e buscar novas amizades, novos afazeres e preencher o tempo livre, advindo com a aposentadoria. Observou-se uma predisposição mais positiva em relação ao local, ao processo do envelhecimento e propriamente à vida. Durante o tempo da entrevista houve muita alegria, descontração, risos e integração, diferentemente do grupo do Centro de Dia.

Logo, a partir dessas experiências percebe-se que, no grupo da Casa do Povo de Fermentões, advindos de classes sociais de menor renda, há uma representação social da velhice mais negativa, onde as próprias seniores representam discursivamente o envelhecimento humano a partir das perdas. Elas

³⁹ Especificamente, na década de 60, a precursora em espaços de convivência para idosos, foi a França, sendo, portanto criadas as “primeiras universidades do tempo livre”. Esses eram locais voltados para as atividades culturais e para a sociabilidade e tinham como objetivo ocupar o tempo livre dos aposentados, bem como, favorecer as relações sociais entre eles. Neste período, não havia uma preocupação com programas que visassem a educação permanente. Somente em 1973 foi criada a primeira Universidade da Terceira Idade em Toulouse, na França. Posteriormente esses programas se espalharam por toda a Europa. Inspiradas na experiência francesa, as UNATI são direcionadas principalmente a aposentados das classes média e alta, em sua maioria, mulheres. Não têm como objetivo formar para o mercado de trabalho, o que as diferencia da educação formal tradicional e profissionalizante, mas, por outro lado, estão carregadas e são, em grande medida, as disseminadoras dos valores relativos à ideia de terceira idade: envelhecimento ativo, negação da velhice, busca do rejuvenescimento, etc (CACHIONI, 1999).

representam o processo com predisposições desfavoráveis e estereótipos negativos em relação à velhice. Também consideram importante a convivência no grupo e identificam mudanças favoráveis em relação à saúde, porém não há objetivos de vida, expectativas, sendo que o essencial é estar com saúde.

No entanto, no grupo da Universidade Sênior, há uma representação social da velhice mais positiva, pois a possibilidade de ter um espaço de convivência, no qual é permitido compartilhar alegrias, tristezas, conhecimentos, entre outros, propicia a elas um suporte emocional e de motivação para que continuem com objetivos de vida. Elas identificam mudanças favoráveis em relação à sociabilidade, às novas amizades, aos encontros extras, a organização de eventos, etc.

Dessa forma, é possível considerar que as representações sociais são construídas mediante as experiências cotidianas e há diferenciação entre os grupos de convivência, embora todos afirmem a satisfação em pertencer a eles, uma vez que esses vêm configurando-se como novos espaços sociais que permitem a transformação da imagem da velhice monótona, sofrida e estereotipada. Tudo isso para uma velhice ativa, contente, capaz de adquirir novos conhecimentos e compartilhar saberes.

E, conforme preconiza Moscovici (2009, p. 79):

A teoria das representações sociais, por um lado, toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda a sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade.

Por conseguinte, a partir dessas experiências em Portugal, reafirma-se que o envelhecimento pode ser entendido como um processo individual, subjetivo e universal, de modo que a participação em grupos com pessoas da mesma idade e com os mesmos objetivos. Vale dizer que possibilita a construção de representações em que se acentuam de forma paulatina os aspectos positivos da velhice, principalmente na aceitação do envelhecimento como um processo natural, embora as representações acerca do envelhecimento sejam distintas, principalmente levando-se em conta, a classe social e o contexto histórico.

A partir das análises feitas, nota-se a multiplicidade das representações do envelhecer, bem como da percepção deste, na sociedade contemporânea. Conforme Guita Grin Debert (1992), até pouco tempo atrás, falar sobre a velhice nas

sociedades industrializadas era traçar um quadro dramático de perda de status social dos idosos, ou seja, na análise da autora, o empobrecimento, a perda de papéis sociais e os preconceitos marcariam a velhice nas sociedades modernas, que abandonaram os velhos a uma existência sem significado. Nesse sentido, construiu-se uma representação social em que os idosos foram transformados em um peso para as famílias e para o Estado.

Para Debert (1992, p. 22):

Hoje há um acordo entre os historiadores, considerando-se que, dada a precariedade dos dados disponíveis, é muito limitado o conhecimento que se pode obter da situação dos velhos, em períodos históricos distantes ou mesmo em épocas relativamente próximas, de modo que a ideia de uma Idade de Ouro da velhice não se sustenta. As etnografias sobre a experiência de envelhecimento, em sociedades ditas primitivas, mostram que nelas a solidão não é um aspecto da experiência de envelhecimento; contudo, não se pode dizer que a velhice, nessas sociedades, seja uma experiência gratificante para todos os velhos, mas dependerá das posições de poder e prestígio ocupados pelas pessoas ao longo da vida. Da mesma forma, estudos comparativos sobre renda, grupos etários e ciclo de vida nas sociedades ocidentais contemporâneas rediscutem a ideia de que a pauperização caracteriza a experiência de aposentadoria, especialmente nos momentos em que o desemprego ou o subemprego atingem proporções alarmantes. A universalização das aposentadorias e da pensão na velhice garantiria aos mais velhos direitos sociais dos quais é excluída a população em outras faixas etárias, sobretudo os jovens.

Constata-se que, ao longo dos anos foi-se construindo, reconstruindo e desconstruindo ideias, mitos e folclores acerca das representações da velhice. Nesse caso específico, trata-se da questão da aposentadoria, pois segundo Debert (1994) os idosos (aposentados) não podem ser considerados o setor mais desprivilegiado da sociedade, quer nos países de capitalismo avançado, quer em países como o Brasil. Ou seja, percebe-se que, na literatura estudada, dificilmente se encontra consenso entre os autores em relação à determinada época, quando o assunto é o envelhecimento.

Outra questão a ser abordada, em se tratando das múltiplas representações sociais, no atual contexto, é o fato de que a aposentadoria deixa de ser um marco a indicar o acesso à velhice ou uma forma de garantir a subsistência daqueles que, por causa da idade, não estão mais em condições de realizar um trabalho produtivo.

Segundo Debert (1994, p. 34):

Essa nova estrutura de mercado de empregos é concomitante à criação de uma série de etapas intermediárias entre a vida adulta e a velhice, como a

"meia-idade", a "terceira idade", a "aposentadoria ativa". Uma nova linguagem pública, empenhada em alocar o tempo dos aposentados, é ativa na desconstrução das idades cronológicas como marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida. Uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, medicamentos, bailes e outras formas de lazer é proposta, desestabilizando esperanças e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. Meia-idade, terceira idade, aposentadoria ativa não são interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice; indicam, antes, estágios propícios para a satisfação pessoal, o prazer, a realização de sonhos adiados em outras etapas da vida. Se a modernidade, como mostrou Ariès (1981) em seu estudo sobre a *História social da família e da criança*, assistiu à emergência de etapas intermediárias entre a infância e a idade adulta, assistimos, atualmente, a uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento.

É importante destacar que pensar nessas questões obviamente requer estudos minuciosos sobre diferentes segmentos geracionais, que não é o caso desta pesquisa. Mas sem dúvida, uma das marcas da cultura contemporânea é a criação de uma série de etapas no interior da vida adulta ou no interior desse espaço que separa a juventude da velhice, ou seja, se construindo novas representações sociais acerca desta questão.

Torna-se claro que a visibilidade alcançada pela velhice, as novas imagens do envelhecimento e as formas contemporâneas das representações sociais são ativas na revisão da velhice no contexto brasileiro. Isso a fim de rever e reavaliar os estereótipos pelos quais essa etapa da vida é tratada, além de possibilitar a abertura de espaços para que as novas experiências nesses grupos de convivência pudessem ser vividos coletivamente. Neles, é possível buscar a autoexpressão e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude.

3.3 LITERALMENTE FALANDO: AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES

É possível notar que a construção social da velhice, sob a perspectiva do contexto histórico-social constrói e reconstrói de acordo com os princípios ideológicos vigentes, mostrando quão relativa e abstrata é a identidade do sênior. Nas sociedades tradicionais, onde a memória e o passado eram valorizados e os seniores desfrutavam de relativa influência social e política, a imagem da velhice era associada à sabedoria. Por outro lado, nos contextos sociais onde a predominância é o novo, a mudança e a velocidade das transformações sociais e tecnológicas, o

passado e a memória perdem o valor, frente à perspectiva exacerbada de futuro e a ênfase na necessidade de inovação. Nesse âmbito, o velho é tido como ultrapassado, obsoleto e representante de um passado que não tem mais valor social.

De acordo com Debert (1997), as transformações relevantes ocorridas no curso da vida, explicam as novas formas de gestão da velhice às novas imagens do envelhecimento. As idades são tidas como mecanismos privilegiados na criação de atores políticos e na definição de mercados de consumo.

Em se tratando desse assunto, Claude Dubar (2006, p. 187) em sua obra “A crise das identidades”, esclarece que a “identidade com dimensão social é sempre uma articulação entre uma transação interna do indivíduo e uma transação externa entre o indivíduo e as instituições com quem está em interação”. Logo, percebe-se que a partir da crise da modernidade⁴⁰, inevitavelmente, houve mudanças sobre o processo de socialização e na construção dos vínculos sociais, ou seja, essas mudanças incidem diretamente sobre as relações entre o indivíduo e o social e, portanto, sobre o processo de construção das identidades pessoais.

Não obstante, a modernidade trouxe mudanças radicais ao mundo, mudanças estas que Giddens (1991) se referiu como consequências da modernidade. E, a primeira mudança foi as concepções de tempo e espaço, ou seja, a possibilidade de se deslocar por longos espaços em tempo reduzido, na verdade, o tempo e o espaço se desconectaram.

Baumam (2001) denomina de modernidade líquida essa nova fase da modernidade. O autor usa a ideia de liquidez em oposição à solidez, uma metáfora para denominar essa fase da modernidade. Nesse mesmo entendimento, o autor explana que a modernidade não rompeu com as identidades sólidas, apenas transformou. E, para ele, a construção da identidade não é apenas um processo que tenha início e fim, é um projeto incompleto que está em constante reformulação e mudança.

Assim, para Baumam (2005) as identidades se tornam em nosso mundo moderno-líquido mais ambivalentes e líquidas. A continuidade para toda uma vida, assim como a coerência e univocidade das identidades, não são mais algo que exija

⁴⁰ Modo de vida, costumes e organização social, que emergiu na Europa por volta do séc. XVII e que se tornou mundial rapidamente (Giddens, 1991).

grande preocupação. Os projetos de vida vitalícios, hoje, já não são bem acolhidos. Uma identidade coesa, fixada, solidamente construída é vista, atualmente, como um fardo, uma limitação da liberdade. Dessa forma, Baumam (2005, p. 60):

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras.

Logo, no atual contexto do envelhecimento, a partir das práticas sociais presentes nesta etapa da vida, de uma maior participação social, Giddens (2002) acredita que a questão da identidade, assim como a individualidade, sempre foram questões presentes mesmo nas culturas tradicionais pré-modernas. Para ele é melhor explicar o que a modernidade traz de diferente sobre a forma como as pessoas pensam, constroem e vivem as suas identidades.

A partir dessa introdução, em consonância com o tema pesquisado, de forma a analisar as múltiplas identidades no atual contexto do envelhecimento, adota-se a ideia de Dubar (2006), para reforçar esse conceito, quando o autor distingue duas grandes correntes: a essencialista e a nominalista. A primeira, diz respeito ao sentido de que a identidade dos seres é aquilo que se mantém inalterado; o que permanece idêntico, para além da passagem do tempo, ou seja, o essencialismo garante a permanência do ser, a sua “mesmidade”, no entanto a nominalista, é contingencial, ela é passível de reformulação, a partir das vivências e dos contextos.

Para tanto, na análise desta pesquisa nota-se que o conceito nominalista se adapta a esta pesquisa, o que no decorrer da escrita será explicado e exemplificado.

A fim de elucidar a escolha pelo conceito nominalista de Dubar (2006) assim se exemplifica:

Eu fui ao banco e me dirigi ao caixa eletrônico, eu estava lá, na fila e daí chegou uma funcionária do banco e me disse: “a senhora tem o direito de passar naquela fila que não tem ninguém” – daí eu olhei pra placa que estava acima do caixa e dizia: gestantes, deficientes físicos e idosos. Daí eu pensei: não sou gestante, não sou deficiente física, bah, eu sou idosa! Sabe, eu não tinha me dado conta que com 64 anos eu já era

uma idosa, isso faz uns três anos que aconteceu (04 M, 67 anos).

Notadamente evidencia-se que o atual contexto possibilita aos seniores ativos, autônomos, hígidos e “donos de si” uma reformulação da identidade, ou seja, eles têm uma consideração cada vez mais distante da condição de sentir-se idoso. Porém, não se pode deixar de lado aqueles que realmente se encontram num estágio de velhice avançada, no qual colecionam perdas e têm essa visão estigmatizada de ser velho. No entanto, nesta pesquisa estamos tratando de seniores que são capazes, como diz Debert (1996, p. 2), “de atribuir novos significados aos estágios de vida”.

Outro exemplo na fala de uma entrevistada.

Eu cheguei a uma loja de calçados e pedi para o atendente uma sandália e ele me veio com calçados só modelo de velha. Eu disse pra ele, “mas moço, esses calçados são de velha, tu não tem outros modelos?” Mas aí eu me dei conta que eu era uma velha, pra ele. A ficha cai, mesmo a gente não querendo. Daí ele veio com outros modelinhos de sandália melhores e eu acabei comprando. Só que eu quis dar um alerta pra ele, então eu disse: “moço, eu posso parecer uma velha, mas a minha cabeça tá muito bem, então da próxima vez que eu vier aqui, eu não quero esses modelos aí, vocês tem que mostrar tudo, a gente pode parecer velha, mas a gente não se sente velha e não quer se vestir como velhinha, vovozinha, isso eles tem que entender (18M, 71 anos).

De maneira especial, essa fala traduz e comprova as afirmações deste “novo sênior”, onde a imagem do “idoso” que respeitava certa norma de vestir e no agir, também começa a desbotar. No entanto, vê-se a desconstrução da identidade da velhice tal como ela é, principalmente pelos próprios idosos que têm demonstrado essas mudanças.

Nesse mesmo raciocínio Steph Lawler (2007), em sua obra “Identity: Sociological Perspectives”, aborda o conceito contemporâneo de identidade, numa

perspectiva sociológica desafiando a percepção de que esta é pertencente da pessoa, porém, argumenta que é produzida e negociada entre pessoas. Para essa autora as identidades são produzidas socialmente por interações e não inerentes ao indivíduo. Ela argumenta também que nem a identidade pessoal, nem a social podem existir sem o outro, ou seja, formam-se em torno de histórias coletivas.

Seguindo a argumentação de Hall (2006) pode-se dizer que a identidade torna-se um problema ainda mais relevante num contexto em que elas não mais se referem a grupos fechados, ou apenas identidades étnicas. Num mundo instável - numa sociedade de risco (BECK, 2003), numa modernidade líquida (BAUMAN, 2001) – as identidades também se tornam instáveis. Deixam de ser determinadas por grupos específicos e também deixam de ser o foco de estabilidade do mundo social. As identidades tornam-se híbridas e deslocadas de um vínculo local. E isso significa também que são transformadas em uma tarefa individual, em um processo de construção incessante, e não mais de atribuição coletiva que implicava apenas certa conformação às normas sociais.

Além disso, Hall (2006, p. 7) explana que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizavam o mundo social, estão em declínio, fazem surgir novas identidades e fragmentam o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Stuart Hall (2006) apresenta uma noção ou sugere uma possível identidade cultural na pós-modernidade. O sujeito do iluminismo baseado numa concepção da pessoa humana como indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior.

Nesse ínterim, o sujeito sociológico ou moderno refletia o desenvolvimento da complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito, não era autônomo e autossuficiente, mas formado na relação entre as pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os “valores, sentidos e símbolos”. (HALL, 2006). Esse processo produz o sujeito pós-moderno, como não possuidor de uma identidade fixa, essencial ou permanente, sua identidade torna-se uma "celebração móvel", diz Hall (2006), formada e modificada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados dentro do sistema cultural.

Por conseguinte, também para Hall (2006) a identidade é algo que se forma ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e não é algo que existe

desde nosso nascimento. A identidade continua a ser sempre incompleta, em processo, em formação. A identidade surge não de uma certeza identitária que já está dentro de nós, mas "de faltas de inteireza", como sugere Hall (2006), que é preenchida a partir de nossas relações com o exterior.

Há que se considerar, no atual contexto, a construção dessa nova imagem do sênior apresentada pela mídia de um modo geral e pela linguagem a ela aliada. A constituição dessa nova imagem não é realizada sem propósito. Uma indústria cultural, diretamente voltada para este gênero vem sendo montada e expandida, com a ajuda do apelo midiático e a adoção de um novo estilo de vida para os seniores, ou seja, a construção de uma nova identidade para esses sujeitos movimenta memórias diversas, sucedidas de diferentes formações discursivas e fornece posições-sujeitos que os indivíduos são chamados a ocupar. As diferentes práticas discursivas retomam essas diversas memórias para comentá-las, deslocá-las, transformá-las, sendo nesse campo discursivo heterogêneo que o sujeito forma sua identidade.

Tendo em vista o exposto, percebe-se que a mídia em geral (televisão, jornais, revistas, manuais de melhor idade, etc.), provocada por essa nova indústria cultural, colabora para a produção de novas identidades coletivas, para construir um "novo" sujeito sênior. Assim, uma das discussões mais atuais diz respeito à chamada "crise da identidade" (HALL, 2000), que desestabiliza as imagens construídas historicamente sobre o idoso, na modernidade.

Objetivando comprovar historicamente os acontecimentos que possibilitaram a emergência desses novos discursos sobre o sênior, percebe-se que essa nova maneira de discursivizar esse sujeito foi se alterando ao longo dos anos. A presença do "velho" estava sempre ligada a produtos farmacêuticos ou de prevenção de doenças. Já a partir da década de 50 o idoso era retratado junto com a família, em anúncios de alimentação, sempre cumprindo papéis secundários como na função de avós, por exemplo. Já na década de 90 que a forma de representação do idoso foi efetivada, como pessoas mais ativas e emancipadas.

Ao analisar as práticas discursivas identitárias, torna-se necessário priorizar os estudos de Foucault sobre o poder que, além de se exercer na vida cotidiana imediata. (NAVARRO, 2008) classifica os indivíduos em categorias, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. O poder é exercido na ordem dos discursos que organizam e controlam a vida

em sociedade. A análise do poder na mídia mostra que saímos de uma sociedade disciplinar (a prisão, a escola) para uma sociedade do controle do outro (mídia) sobre os sujeitos. Visto dessa forma, a identidade é uma produção que se dá no e pelo discurso. Sendo o discurso uma prática, Foucault (2006), expõe que é preciso considerar a importância das práticas discursivas sobre o modo como os sujeitos veem a si e o outro, o modo como exercem determinado tipo de governo sobre si e sobre o outro.

Nesse sentido, as práticas discursivas relacionadas às questões do envelhecimento na mídia, influenciam na construção de um “novo” sujeito sênior e, conseqüentemente, na produção de enunciados relacionados à “melhor idade” e à subjetivação desses sujeitos como turismo, trabalho, relacionamento, sexo, entre outros. A mídia ocupa um espaço central na sociedade contemporânea, ela elabora um discurso e influencia de certa maneira que revela a importância e a atualidade do tema (FOUCAULT, 2006).

Esse discurso midiático influencia a absorção dessa “nova” imagem do sênior, na medida em que o modelo construído no atual contexto não está ligado à família, ao desempenho do papel de avós, muito menos a propagandas farmacêuticas, porém, este novo personagem está relacionado a empresas e companhias de turismo, lazer, esportes, grupos de sociabilidade, etc. Construiu-se essa nova imagem e o sênior passa a incorporar essa identidade de forma bastante natural, ao ponto de perceber através da pesquisa exploratória uma autonegação da velhice em falas como exemplo a seguir:

“Meu dia é dia é bastante agitado. Acordo pela manhã e vou para a academia, faço exercícios de segunda à sexta-feira, volto de lá, tomo o meu café e vou para os afazeres de casa, porque eu não tenho diarista nem empregada, por opção própria, então faço todo o serviço de casa (...). Pela tarde eu vou alguns dias na Seicho-No-Ie, faço os meus trabalhos lá, como voluntária. À tardinha eu chego a casa, assisto televisão, mas sempre fazendo outra coisa, tipo um crochê, um tricô, estas coisas manuais(...). Aos finais de semana temos uma casa na serra, então vamos pra lá, almoçamos fora, eu e meu

marido, a minha vida é sempre com bastantes atividades” (Luisa, 72 anos. Dona de casa).

“Eu faço crochê desde os 08 anos, mas lá fora [no meio rural], onde eu morava, não dava tempo, era muita atividade, era tratorrear, capinar, a gente levantava cedo e dormia muito tarde. (...) aí eu viuvei e vim pra cidade, aí deu um nó na cabeça, aí eu pensei, eu vou ficar aqui sentada dentro do apartamento, olhando pras parede (...) mas a minha inteligência tava guardada, aí eu comecei a tirar cursos, entrei em um grupo da terceira idade e aí eu me levantei, me identifiquei com aquelas amigas, foi muito bom (Maria Alani, 78 anos. Aposentada FUNRURAL⁴¹).

“Eu faço atividades (musculação) um dia sim, um dia não. É por demais de bom. A gente não sente dor em nada, nem nas juntas. Eu vejo o pessoal se queixar de artrose, artrite, eu graças a Deus não tenho nada disso. Depois da musculação eu chego em casa, tomo o café da manhã e saio fazer a caminhada, caminho uma hora e meia à duas horas, uns 5 ou 6 km, eu faço todos os dias. Mas a caminhada eu faço todos os dias. Ah, não, não fico em casa!” (Pedro, 80 anos. Aposentado militar).

Conforme se observa, o envolvimento social dos idosos entrevistados possibilita ativar diferentes identidades a serem assumidas no dia a dia. Nesse entendimento, Follmann (2001, p. 49) explica que:

O sujeito individual em sua afirmação ética pode tomar diferentes caminhos de engajamento, ou seja, ele se manifestará sempre na sociedade, em suas

⁴¹ FUNRURAL: Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural foi criado pela Lei nº 8.540/92, com o escopo de subsidiar o pagamento dos benefícios assistenciais dos trabalhadores rurais. O custeio deste fundo é feito através da cobrança de contribuições sociais conhecidas como contribuições para o FUNRURAL, incidentes sobre a receita bruta proveniente da comercialização de produtos rurais. Fonte: www.azevedosette.com.br/funrural

diferentes expressões coletivas (grupos, organizações, movimentos, partidos) acionando e alimentando processos de identidade.

Na pergunta, quanto ao passatempo preferido:

*“Meu passatempo preferido é ler, fazer tricô, crochê e viajar”
(Luisa, 72 anos. Dona de casa).*

“É não ficar em casa. Isso é coisa de velho. Eu sempre arrumo o que fazer. Casa pra mim é pra fazer as refeições e dormir. Só isso” (Maria Alani, 78 anos. Aposentada FUNRURAL).

“É ir pra fora, na casinha que temos lá no Balneário” (Pedro, 80 anos. Aposentado militar).

Na sequência a pergunta era: “O que menos gostas de fazer”?

“Ficar em casa, sem fazer nada. Isso Deus me livre, de jeito nenhum, de jeito nenhum! Se tô em casa, eu tô agitando. Eu não me paro nunca” (Luisa, 72 anos. Dona de casa).

“Ah, de ficar em casa, chocando, Deus me livre” (Maria Alani, 78 anos. Aposentada FUNRURAL).

“De ficar dentro de casa, eu gosto muito de caminhar. De manhã eu faço a academia e depois vou caminhar e a tarde, eu gosto de ir no supermercado, shopping de ver gente” (Pedro, 80 anos. Aposentado militar).

“Viajas com frequência? Quais os lugares que mais gostas de visitar”?

“Viajo bastante. Esse ano mesmo, pouco fiquei em casa, o que eu mais tenho é viajado” (Luisa, 72 anos. Dona de casa).

“Muito, isso é o que eu mais gosto de fazer. Às vezes eu vejo uma viagem e chego a casa, a minha mulher diz que pra tal lugar ela não quer ir, então eu vou sozinho na excursão. Gosto muito de Santa Catarina, as praias e Curitiba, eu gosto muito de ir” (Pedro, 80 anos. Aposentado militar).

“Quais os planos que tens para o ano que vem? Tens algum plano de vida”?

“Meu projeto o ano que vem é continuar fazendo as coisas que aparecer, eu vou fazendo, porque eu gosto de pegar as coisas que vem de improviso. É só me convidar eu tô disposta a ajudar e a fazer” (Luisa, 72 anos. Dona de casa).

“Tens algum plano de viagem para o próximo ano”?

“Ah, mas viajar, isso é comigo. Apareceu alguma excursão, alguma coisa, eu to lá. Meu marido adora e nós adoramos e a gente vai. Quer dizer, nem tem planos, elas aparecem e a gente vai mesmo” (Luisa, 72 anos. Dona de casa).

“Sim, tenho sonho de conhecer Fernando de Noronha” (Pedro, 80 anos. Aposentado militar).

“Achas que a vida dos aposentados está melhor ou pior”?

“Olha eu acho que até tá melhor, porque dêz que eu me conheço por gente eu deixo falar que os aposentados, tão isso, tão aquilo, mas eu to vendo que as coisas estão boas, ainda mais agora que apareceram estas vantagens, esses grupos que a gente pode se divertir e pode fazer amizade. Eu acho que tá muito melhor para o idoso de hoje porque tem mais oportunidades (...). Se o idoso fica em casa aí, é porque quer, atividade tem de montão pra gente fazer” (Luisa, 72 anos. Dona de casa).

“Tá muito melhor, não tem comparação. No meu caso: essa minha aposentadoria não é uma grande coisa, mas eu não me queixo, eu só agradeço, porque antigamente a gente não tinha nada, nada, nada, tinha que trabalhar muito pra ganhar pouco e não tinha pra quem vende. Era assim: tinha que vende o ovo, tinha que vende o queijo, fazê doce, rapadurinha de leite pro meu marido vende nos campo de bola. Então era assim a coisa” (Maria Alani, 78 anos. Aposentada FUNRURAL).

Como te sentes com esta idade?

“Com 72 anos eu me sinto uma jovem. Eu me sinto com meus 25 anos mais ou menos, eu me sinto hoje, porque eu faço coisas hoje que eu não fazia nos meus 25 anos. Eu vivo melhor hoje, do que eu vivia nos meus 25 anos” (Luisa, 72 anos. Dona de casa)

“Eu me sinto com 40 anos, a cabeça tá elétrica não sei o que foi, não sei se foi os cursos que eu tirei depois que vim pra cidade ou o que foi. Eu perdi a mãe muito pequena, com 8 anos, aí lá fora não tinha mais estudo e não dava tempo porque um filho cuidava do outro e não tinha aquele negócio de ter professora. Mas depois de idosa, quando eu vim pra Santa Maria, pra cidade, eu tirei dois anos e meio no EJA , foi muito bom, foi tão bom...porque a professorinha era uma alemoa e ela me adotou como mãe e eu fui mais pra me enturmar, então eu sabia tudo, então quando vinha aquelas folha de atividade pra preenche, então as outras amigas eram bem burrinhas (risos), eu enfiava por baixo da mesa e mostrava pra elas, e a professora ria (...) (Maria Alani,78 anos. Aposentada FUNRURAL).

“Eu me sinto bem mesmo, melhor do que em tempos atrás que eu não fazia exercício, não fazia nada. Eu tava enferrujando” (Pedro, 80 anos. Aposentado militar).

“Tu acreditas que uma pessoa de 65 anos ou mais é diferente do que uma pessoa com esta mesma idade, vinte anos atrás”?

“Ah, bem diferente, muito diferente. De primeiro, com esta idade era velho, essa palavra velho é horrível, hoje em dia, a gente tá na melhor idade, então eu pra mim, não existe velhice, existe a melhor idade” (Luisa, 72 anos. Dona de casa).

“Bah, nem se compara, ainda mais pra mim, que há vinte anos, morava na roça. Muitos anos atrás não existia um rádio, aí apareceram um ciganos e vendiam os rádios pra uns fazendeiros. Esses rádios era a catavento ou bateria, então, só tinha rádio, só pegava, quando ventava muito, aí carregavam as baterias, senão nem rádio tinha. Antigamente não tinha oportunidade de nada” (Maria Alani, 78 anos. Aposentada FUNRURAL).

“Bem diferente. Tenho impressão que agora eu tô muito mais evoluído do que antes. Tempos atrás uma pessoa de 80 anos tava entregue já, hoje é difícil” (Pedro, 80 anos. Aposentado militar).

Notoriamente pode-se perceber nesses breves trechos de fala, a imagem e a percepção deste sênior que, claramente difere da percepção de um “idoso” do século passado. Cada entrevista, inevitavelmente, é uma surpresa para a pesquisadora, em relação ao envelhecimento. Cada sênior entrevistado, metaforicamente, é um livro, um baú de memórias, uma distinta da outra. Nessa heterogeneidade que permeia o envelhecer está a riqueza da nossa nação.

Desse modo, acredita-se que a memória é chave fundamental para entender o “mundo” circunscrito dos seniores, ou seja, a memória oral é “um instrumento

precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”, onde “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador na transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, de constituintes da cultura” (BOSI, 1995, p. 15).

(...) A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades.

Segundo essa autora (1995, p. 15), o homem jovem e ativo, em geral, “não se ocupa com lembranças - não tem tempo para isso”. “Dos jovens a sociedade espera produção, e muitas vezes não se dá conta da violência implícita nesse processo; dos velhos espera-se a lembrança”. Mas quando não se valoriza essa função social, há um “esvaziamento” e uma “desvalorização” dessa nova etapa da vida.

Com esta questão, corrobora Magalhães (1989, p. 18):

A sociedade contemporânea oferece pouca oportunidade ao idoso para exercitar e ativar a lembrança, instrumento e conteúdo fundamental de seu diálogo com as demais gerações. Indispensável também à formulação de seu pensamento. O que foi produzido no passado não tem interesse hoje e possivelmente será destruído amanhã. O ciclo permanente de produção e de consumo exige incessantemente a destruição e o desaparecimento do que foi produzido no passado e a criação permanente de novas formas de produção e consumo.

A questão da lembrança é muito pertinente nas falas dos seniores entrevistados, visto que, mesmo naquela fase da pesquisa, o instrumento utilizado tenha sido a entrevista semiestruturada, suas falas pausadas não tinham uma linearidade nas respostas, ou seja, suas repostas “andavam”, “viajavam”, muito além da pergunta em si. Eis a riqueza e a profundidade do diálogo que, na verdade, se obtém muito além do que se busca, muito além do que se espera. É uma riqueza de informações e de detalhes que não se encontra em camadas etárias mais jovens da população.

Eis que repousa aí, através da constatação das entrevistas, a função social da velhice, que, segundo Bosi (1995), é a memória permanecendo viva, como legitimadora de um certo poder nessa etapa da vida, onde permite uma articulação

entre o passado e o presente, do tempo e espaço, um sentido para o presente, ou seja, o passado no presente, as lembranças no aqui e agora.

Para Halbwachs (1990), a memória compartilhada, através do tempo e do espaço, apresenta funções de identidade cultural em constante mudança, não como fidelidade ao acontecido, mas como intensa vontade de viver o presente e o futuro. Não obstante, coloca a dimensão do tempo na lembrança: o tempo presente. Podemos dizer que há uma (re) construção social da memória.

Nas falas dos seniores entrevistados, notadamente se percebe as distintas identidades de cada um, como por exemplo:

“Eu era mais velho, me sentia mais velho, mas agora não, eu me sinto mais jovem (...), com 80 anos, faço coisas que não fazia com 60, tudo porque hoje tem mais oportunidades para o idoso ser mais jovem, mais participativo, mais dinâmico (...), só fica velho quem quer (...), reclama de artrite, artrose, mas não vai numa academia (...) não se ajuda” (Pedro, 80 anos. Aposentado Militar).

Um dos momentos de surpresa para a pesquisadora foi quando uma das entrevistadas relatou:

“Em casa eu sou comportada, até me cuido no falar, sou aquilo que os filhos acham que eu sou, porque não quero briga (...) eles querem que eu seja velha, tenha jeito de velha, daí eu sou assim, deixo que pensem assim, mas minha filha, quando eu chego ao grupo que frequento, eu me transformo, eu sou outra pessoa, na verdade, eu não sou outra pessoa, eu sou eu mesma, a verdadeira, sou outra pessoa lá em casa, porque filho não aceita mãe nessa idade, alegre, jovem (...) daí lá no grupo, ninguém me segura. Eu faço todo mundo rir. Lá nós fizemos ginástica, teatro, dança, eu pinto e bordo e se eu não vou em algum encontro, eles sentem falta de mim e me ligam pra saber se eu to bem. Mas não costumo faltar, só se tem

algum compromisso que não dá pra desmarcar, como médico ou outra coisa parecida” (Ana, 76 anos. Pensionista).

Outra entrevistada relata da seguinte forma:

“Depois que eu viuvei, meus filhos que moram no Paraná e Rio de Janeiro, queriam muito que eu fosse pra lá, mas eu não quis e não quero ir. O que eles querem é me controlar e que eu fique com os netos. Eu já fiz muito por eles, agora tenho que fazer por mim, porque o tempo passa rápido demais. Então eu vou visitar eles, mas fico no máximo uns 04 ou 05 dias e volto, porque eu não aguento muito tempo. Lá eles têm um ritmo que eu tenho que me adaptar, não sou eu, não sou verdadeira, até as roupas que eu levo quando vou pra lá, são outras, mais sóbrias, até nem me arrumo muito, essas coisas que a gente faz pra não se atritar muito” (Neli, 69 anos. Professora aposentada).

Nessas falas nota-se o quanto a identidade é vulnerável de acordo com as situações e circunstâncias vividas por esses seniores, como já citadas anteriormente. Também Lawler (2007) explica que as identidades são produzidas socialmente por interações e não podem existir sem o outro.

Alberto Melucci (2004, p. 26), sintetiza essa questão:

Uma dimensão ética bem diferente poderia considerar o fenômeno do envelhecimento e da velhice um processo cultural que nos permite encontrar a alteridade. Um fenômeno que tem uma função simbólica de mensagens tem algo a dizer a toda a sociedade. Ocupar-se dos idosos não é somente uma necessidade assistencial para desenvolver um incômodo, mas uma via de reconhecimento e de salvaguarda do sentido, uma opção ética que nos leva a enfrentar o problema da escolha e o risco da alteridade.

E, vale destacar essa relação entre memória e identidade, de acordo com (PASQUALOTTI, PORTELA e BETTINELLI, 2004,p. 131-132):

Através do acúmulo das lembranças, é a memória que constrói a pessoa como um conjunto de ideias e valores com tendência de coerência, ou seja, como a personalidade da pessoa. A identidade não é dada de uma vez por todas nem é nunca uma aquisição permanente; constitui-se pouco a pouco, com base na experiência vivida, rememorada, retida anteriormente. A memória, nesse sentido, exerce um papel importante: é o componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social.

A partir dessa análise sobre a afinidade entre identidade e socialização e identidade e memória se abordará a relação entre identidade, trabalho e aposentadoria, questão pertinente quando se trata a questão do envelhecimento.

Partindo do pressuposto de que a identidade, sempre inacabada, em construção, faz-se a cada dia, é construída num processo contínuo e que, nessa contínua construção, crescemos testando, superando os limites e buscando atingir novos desafios. E, ao projetar para o futuro dois eixos se cruzam: a relação entre identidade, trabalho e aposentadoria, questão pertinente quando se trata o tema do envelhecimento.

De um lado, vê-se que pelo trabalho o homem modifica a natureza e se modifica, e de outro, que o indivíduo constrói sua identidade através da sua relação diária com sua própria vida (CODO, 1998). E, conforme discutido por Marx (1971; 2011), pelo trabalho o homem se hominifica, diferencia-se dos outros animais, construindo então, sua identidade e sua história. A historicidade do homem não pode ser vista apenas do ponto de vista coletivo, mas também do seu próprio crescimento; autotransforma-se, cresce, identifica e testa sua criatividade e suas habilidades, estabelece limites e supera desafios, relaciona-se e vive seus afetos, altera sua visão de mundo para agir sobre esse mundo. Portanto, a identidade, tal como construída por Ciampa (1987) será sempre construída e inacabada, num processo contínuo de singularização.

Selig e Valore (2010) apontam que as imagens relacionadas ao trabalho mudaram, não foram sempre as mesmas, e que, com o advento do capitalismo e da reforma protestante, o trabalho tornou-se sinônimo de dignificação da pessoa humana. Isso trouxe como outro lado da moeda que o não trabalho, a ociosidade é algo negativo, sem valor; na visão estereotipada, sujeito preguiçoso ou desocupado, incitado à exclusão e à marginalização social. O trabalho discutido como central na vida das pessoas nos remete ao seu papel no processo identitário (Codo, 1998; d'Andrea, 2000; Mourão; Andrade, 2001).

A norma social vigente pelo capitalismo impõe, além da centralidade, o dever moral e social ao trabalho. Sendo o trabalho construtor de identidade, a ruptura dessa ação, em função da aposentadoria, reflete um estranhamento do trabalhador enquanto sujeito da sua própria existência. A força desse estranhamento pode ser exemplificada pela fala de uma professora entrevistada na pesquisa de campo, na sede do CPERS/Sindicato, (Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul, escritório em Santa Maria):

“Eu era professora e me reconhecia como tal; hoje, venho aqui, (CPERS/Sindicato dos professores), sou chamada e reconhecida como aposentada, perdi minha identidade, não sou mais nada...” (Nara, 66 anos. Professora aposentada).

Essa fala impactou a pesquisadora de forma brutal e acredito que ficará na sua memória por longos anos. A questão do pertencimento, como apontada por Dubart (2006), é correlata à identidade, indica que grupo, classe social ou papel se ocupa na sociedade. O autor aponta que na relação de pertencimento-identidade duas dimensões são inseparáveis: a identidade para si (como eu me defino) e a identidade para o outro (como os outros me veem). Assim, só sabemos quem somos pelo olhar do outro. Numa visão perversa, o aposentado, na condição de não trabalho, traz sentimentos de inadequação, vergonha, culpa e incompetência, com mais facilidade do que de respeito, experiência, prazer e gozo.

A sociedade capitalista, com valorização da produção, maximiza a relação entre identidade ocupacional e pessoal, tornando-a cada vez mais estreita (FRANÇA; STEPANSKY, 2005). As consequências, ao romper com o trabalho na aposentadoria, podem se refletir em uma crise de identidade e, conseqüentemente, no aparecimento de sentimentos de vazio e de baixa autoestima. Desta forma, a aposentadoria representa uma ruptura com o mundo produtivo e com os ritmos e gestos cultivados por uma vida. Não obstante, a valorização do trabalho e da produção impõe à aposentadoria perda do próprio significado de vida e organização cotidiana, uma vez que o trabalho determina horários, atividades, relacionamentos, reconhecimento social e familiar, entre outros.

Nesse sentido, Selig e Valore (2010) sugerem que a aposentadoria, muitas vezes ansiada durante uma vida laboral, quando realidade, é associada a perdas.

Segundo essas autoras, a associação da aposentadoria ao ócio leva muitas pessoas a não aceitarem a aposentadoria e viverem-na com conflitos e ansiedade, sobretudo àqueles que priorizam a profissão em detrimento da vida pessoal e social.

Dessa maneira, ao considerar os estreitos laços entre trabalho, identidade e aposentadoria é que se deve pensar em iniciativas ou políticas a fim de que possam reorientar para o trabalho e trajetória de vida. Isso para facilitar um processo de reconstrução e reintegração da identidade pós-aposentadoria.

Por conseguinte, incorporam-se a esse texto as múltiplas identidades observadas nos seniores em suas trajetórias de vida e a influência da identidade social na condição individual, ou seja, a identidade está diretamente relacionada ao processo socializador do sênior, na medida em que, após a aposentadoria, aqueles que buscam a reinserção nos espaços públicos, aceitam melhor o processo de não trabalho. Também, nas entrevistas percebeu-se o quanto é gratificante o exercício de resgatar a memória dos idosos. Os seniores potencializaram as suas identidades quando, em várias falas, foram unânimes na seguinte afirmação:

“Gostei muito de ser entrevistada e lembrar coisas do passado, isso faz tão bem” (Luisa, 72 anos. Dona de Casa) e algumas falas como: “estou me sentindo mais viva depois da sua entrevista”(Ana, 76 anos. Pensionista).

CAPÍTULO 4 - CONTEXTOS E DIMENSÕES DE SOCIABILIDADES

*A ciência era antes baseada no senso comum e fazia o senso comum, menos comum; mas agora o senso comum é a ciência tornada comum. Sem dúvida, cada fato, cada lugar comum esconde dentro de sua própria banalidade um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e um mistério que o fazem ao mesmo tempo, compulsivo e fascinante. Baudelaire pergunta: “Pode algo ser mais encantador, mais frutífero e mais positivamente excitante do que um lugar comum?”
Serge Moscovici*

Este capítulo tem por objetivo descrever a análise de conteúdo, a partir da pesquisa empírica realizada entre seniores (idosos por nós qualificados) de 65 a 76 anos, dentre eles: 21 mulheres e 09 homens, na cidade de Santa Maria. Logo, nessa direção, parte-se para a análise dos dados coletados nas entrevistas, tendo em vista os objetivos da pesquisa, isto é, confrontar e comparar os dados levantados com as hipóteses e pressupostos que deram origem ao tema pesquisado.

Para tanto, nesse contexto de investigação, busca-se analisar como se processam as dimensões de sociabilidades no universo do envelhecimento, em Santa Maria.

Minayo (1994) e Melucci (2004) observam que não só o pesquisador dá sentido ao seu trabalho, mas os seres humanos, os grupos sociais e a sociedade interferem na sua produção, resignificando muitas vezes, as suas ações. E, nesse encadeamento de uma sociedade não estática em que se pesquisa seres humanos, sua cultura e seu cotidiano, a pesquisa qualitativa é tão flexível quanto à questão.

Assim sendo, verificou-se que embora os sujeitos da pesquisa pertençam à mesma geração, o *ethos*⁴² de classe⁴³ caracteriza a variedade de estilos de vida que apresentam, sobretudo, nas relações sociais estabelecidas com outros seniores, a

⁴² *Ethos* para Weber (2001) é um conjunto de costumes e valores morais que formam a cultura de um determinado povo e que o dirigem não como norma, mas como dever moral. É nesse sentido que Weber refere à racionalidade como “*ethos* particular” constitutivo do “espírito” do capitalismo e da classe dos capitalistas.

⁴³ Classe no sentido weberiano, onde os sujeitos tem a mesma posição diante do mercado e oportunidades semelhantes de renda, em última análise, situação de classe é no sentido de situação de mercado. (WEBER, 1991, especialmente o cap. “Classe, estamento e partido”). Na pesquisa aqui apresentada, embora muitos sujeitos idosos apresentem as mais diversas posições no mercado, juntamente com a renda de cônjuges estão equiparados uns aos outros pelas propriedades e rendas que possuem.

rigor, os significados atribuídos à sociabilidade dos seniores são construídos de acordo com a classe social e o gênero⁴⁴.

Nesse cenário do envelhecimento é instigante ouvir, conforme citado anteriormente, *“estou me sentindo mais viva depois da sua entrevista”*(Ana, 76 anos. *Pensionista*). A percepção da importância e da funcionalidade das relações sociais vai além do nosso entendimento, pois os valores pessoais não se reduzem apenas a valores monetários e estilos de vida. Entretanto, o que realmente proporciona um sentido maior à vida dos seniores são os afetos, mesmo que pela simples presença de um pesquisador. Está aí a possibilidade desse sênior compartilhar suas experiências, colocar-se no lugar de sujeito, pois, pela fragilização das relações sociais quando deixam o mundo do trabalho, após a aposentadoria⁴⁵, isso reduz suas socializações e inibe em certa medida os estados afetivos.

Conforme Moragas (1997, p. 101):

Socialização é um termo amplo que indica que o ser humano, desde que nasce, não apenas está sujeito às influências da sociedade de que participa e ajuda a construir, como também a influencia. É universal nas sociedades com elevados níveis de mudança social, que obrigam seus membros de qualquer idade a uma constante assimilação de conhecimentos e de formas de atuar.

Nesse sentido, socialização – já mencionado anteriormente – segundo Simmel (1983) é o processo pelo qual as pessoas se juntam para satisfazer os próprios desejos, incorporando seus impulsos e interesses. Transforma o isolamento individual em modos de ser e estar com o outro e para o outro.

Vale salientar que, segundo esse autor, a sociedade é produto da sociação, conforme citado no capítulo 3, isto é, da agregação dos indivíduos entre si e com os outros em determinado contexto social. Esse contato, que envolve formas de convivência nessa etapa da vida é senão, o que de mais importante e relevante para estes sujeitos. As relações de aproximação, reciprocidade, conversas, convívio, festas, etc, possuem um significado extraordinário de “estar junto”.

⁴⁴ Embora tenha se constatado que a classificação quanto ao gênero também é fator classificatório quanto à sociabilidade, nesta pesquisa não houve aprofundamento quanto esta categoria, ficando o tema enquanto hipótese para uma pesquisa futura.

⁴⁵ Mesmo as mulheres entrevistadas que não tiveram a sua participação permeada por relações de trabalho e renda, ou seja, seu protagonismo foi cuidando do lar e filhos, à medida que estes conquistaram a independência, e retiraram-se de casa, houve diminuição das obrigações familiares e de certo modo estas apresentam, em suas falas, a mesma fragilidade das relações.

A partir dessas considerações e da experiência da pesquisadora no campo empírico, lançou-se um novo olhar sobre o sujeito, e concordando com Gaiger (1999), notoriamente, um olhar mais humano, mais sutil e, conseqüentemente, menos tecnocrata acerca das sociabilidades no contexto do envelhecimento.

Partiu-se, dessa forma, da perspectiva de uma sociologia dialógica. Gaiger (1999) em seu artigo “Por uma sociologia dialógica” discute outro olhar acerca de uma sociologia pós-crise, que supera e considera a perspectiva dos sujeitos. Nesse sentido, o autor propõe uma “nova sociologia do sujeito”, assim dizendo (GAIGER, 1999, p. 10):

Ela responde a uma necessidade, trazida, precisamente, pela crise e dissolução das estruturas de socialização e de pertença dos indivíduos. Desvinculados socialmente, sujeitos a inserções precárias e ambíguas, os indivíduos são compelidos a traçar estratégias de sobrevivência, material e psíquica, de modo próprio.

Para a sociologia do sujeito, “a socialização é vista sob a ótica da capacidade dos indivíduos para gerirem suas relações com as estruturas normativas” (GAIGER, 1999, p. 9), pois presenciamos um mundo em extinção: extinção dos laços de vizinhança, do dialeto, da cultura local, do sujeito em relação com a vida natural, enfim, extinção dos vínculos sociais.

Assim, no campo das dimensões e contextos de sociabilidades no universo do envelhecimento, é necessário, *a priori*, fazer o exercício de deslocar o foco da ótica utilitária e da razão instrumental, como também do modelo civilizatório do *homo oeconomicus* e abrir expectativas de conhecer os valores da solidariedade, da generosidade e do afeto, todos esses integrantes, do universo simbólico do envelhecer.

Mesmo fora do mercado de trabalho, o sênior convive com diversos tipos de ocupação e pode variar na intensidade: obrigações domésticas, familiares, sociais, religiosas até cuidados com a saúde e o corpo, quando perpassado por aspectos normativos como recomendação médica.

Estudos atuais como o de GARCEZ (2012, p. 186) expõe que:

Na sociedade contemporânea assiste-se a uma série de mudanças nos modos de organização da vida social. A globalização ofertou uma hiperdiversidade de sociabilidades ao alcance de diferentes gerações. As sociabilidades atuais apresentam características contemporâneas, mais flexíveis, líquidas, conforme Baumann (2001) e multiculturais,

diferentemente das tradicionais, tornam-se mais ampliadas. Hoje se vê inúmeras possibilidades de manifestação de interações, ou seja, de sociabilidades quer no âmbito público (através de instituições como Conselhos, Audiências Públicas, Fóruns...), como no privado (família, vizinhos, redes sociais...). Esta nova possibilidade de manifestação na esfera pública produziu os diferentes movimentos sociais e o conseqüente aparecimento de novos atores sociais, como é o caso do movimento dos idosos que influenciou suas sociabilidades e interações atuais. Historicamente marcou os idosos os comportamentos conservadores, com apego à família e a casa, com tendência ao isolamento e a solidão. Os idosos detinham pouco reconhecimento e não vislumbravam a possibilidade de buscar seus direitos, contentando-se com uma parca política social (assistencialista). Como os idosos não possuíam condições de se sustentarem quando paravam de trabalhar eram amparados pela família ou acabavam em asilos. A falta de proteção social caracterizava-os como sujeitos marginais aos processos sociais, sem direitos e possibilidades de desenvolverem diferentes formas de sociabilidades. Além disso, pela sua crescente inatividade muitos produziam dependências físicas e mentais que os afastavam da esfera pública.

Entretanto, atualmente, na sociedade ocidental, em contraposição ao individualismo, observa-se o florescimento da vida em grupos e um incentivo às formas de sociabilidades, como a continuidade do modelo das relações existentes nas instituições e espaços tradicionais – família, vizinhança e trabalho. Essa sociedade criou, também, vários tipos de associações para atender às suas necessidades de consumo, como grupos de convivência, cursos, escolas e clubes, nos quais se inserem os programas e oportunidades para a chamada “Terceira Idade”.

Tais programas, ligados, desde seu surgimento, à iniciativa pública e a órgãos assistenciais e empresariais, são organizados por agentes de gestão da velhice, que, preocupados com um envelhecimento bem-sucedido, oferecem serviços e equipamentos específicos para essa faixa etária.

Portanto, as dimensões de sociabilidades nesse contexto pesquisado, nos conduzem a repensar os valores envolvidos nas escolhas das práticas que perpassam este universo – menos utilitárias ou talvez, nada utilitárias, sintonizadas com a vontade de cada sênior, com suas reais necessidades, apenas na busca pelo prazer nesta etapa de vida.

4.1 DIMENSÃO POLÍTICA

Conforme descrito no capítulo 2, analisam-se as sociabilidades presentes no contexto das políticas públicas e, a partir de um olhar sociológico, percebe-se a necessidade de incluirmos essa variável nas entrevistas, visto a ausência e o desinteresse pelas questões políticas. Nota-se que a militância por parte dos seniores ainda é pequena, deixando parte dessa ação para as instituições representativas da velhice, no Brasil. Logo, a partir das falas analisa-se a dimensão da sociabilidade no contexto estudado.

As perguntas relativas às políticas e aos direitos, assim se apresentaram:

“Você é capaz de me indicar quais os direitos contidos no Estatuto do Idoso? Utiliza algum desses direitos”?

No que concerne a essa questão, os direitos mais conhecidos pelos seniores e que constam no Estatuto do Idoso é o atendimento preferencial em serviços públicos ou privados, tais como: bancos, hospitais, prefeituras, supermercados, lojas, etc, e o desconto de 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer. Os demais direitos são desconhecidos por parte dos entrevistados que preferem não se ater ao documento, embora seja ele que os defende e que confere sanções penais e administrativas para quem descumprir os direitos nele estabelecidos.

Assume relevância esse conhecimento pelos seniores no sentido de que é muito divulgado pela mídia, como também, há um mercado de turismo, espetáculos e outras atividades direcionadas a eles.

A preferência nos caixas, mas eu prefiro ir nos outros, porque dependendo do mercado ou estabelecimento, é apenas um ou dois caixas, então sempre tem mais gente. Agora mesmo, eu vim da casa lotérica. A fila da terceira idade tava bem maior, então eu vou na outra normal (01 – M, 68 anos).

Utilizo o atendimento preferencial. Eu costumo ir, mas eu tenho vergonha de tirar as pessoas do lugar, pessoas ‘novas’ que estão ali, na fila dos idosos (02 – M, 65 anos).

Essa questão torna-se interessante na medida em que a entrevistada, mesmo sendo sênior, não se sente no direito de usar dos seus próprios direitos, pois falta respeito por parte dos mais jovens que utilizam o atendimento propositalmente, ou seja, mesmo sendo uma Lei Federal, isso consta no Art. 3º do Estatuto do Idoso, a população não respeita, sendo ele um dos mais utilizados por parte dessa faixa etária.

Figura 06 – Placa Atendimento Preferencial



Fonte: Arquivo pessoal, em 21 de dezembro de 2013.

Talvez essa questão seja explicada pela afirmação de uma entrevistada, professora universitária aposentada, que atualmente é docente em uma instituição privada de ensino superior.

Conheço o direito à preferência nos caixas, mas não utilizo (03 – M, 69 anos).

Essa entrevistada não se considera uma pessoa sênior, pois – pela percepção da pesquisadora – e pelo fato de estar inserida no mercado de trabalho, não faz jus ao direito, em outras palavras, “*deixo para quem se considera uma pessoa idosa*”. Nesse sentido, a partir da fala, a sua autoimagem é de um sujeito produtivo, e então, a exime da condição de ser sênior e usufruir de seus direitos, ou seja, a sua “funcionalidade” está diretamente ligada a condição de não se sentir sênior.

E seguem as respostas, tais como:

Não me atendo muito a isso (05 – M, 74 anos).

Sim, conheço os direitos do Estatuto do Idoso que são os direitos quanto à gratuidade e meia entrada (06- M, 65 anos).

Não conheço muito os direitos (08 – M, 72 anos).

Atendimento preferencial e gratuidade no ônibus (10 M – 67 anos).

Não lembro agora (11 – M, 72 anos).

Não sei mesmo (12 – M, 72 anos).

Eu até tenho um Estatuto lá em casa, mas nunca abri pra ler, sei que a preferência em atendimento, gratuidade no transporte e desconto em entradas de shows e teatro, mas eu sempre esqueço e quando eu vou nos lugares eu não solicito, não é muito comum, né? (16 M – 67 anos).

Eu não entendo muito de lei, mas a única coisa que a gente vê falar do Estatuto é que essa é uma Lei Federal, né? (23 – H, 66 anos).

Eu tenho o Estatuto em casa, já li todo ele. Aliás, eu acho que não precisava fazer um Estatuto do Idoso se as pessoas no Brasil respeitassem os idosos. Eu acho que isso foi uma coisa desnecessária, mas infelizmente chegou ao ponto de fazer um Estatuto do Idoso pra respeitar o idoso. Utilizo a prioridade nas filas, só que em Santa Maria, eles não dão bolas para o idoso, principalmente nos ônibus. Se tem um jovem no banco eles não levantam, Porto Alegre é diferente (25 – H, 65 anos).

Visivelmente, em análise já realizada sobre a efetividade do Estatuto do Idoso no Brasil (PERUFO 2008, p. 71):

A Constituição Federal de 1988 explicita a proteção aos idosos como dever do Estado e direito do cidadão, mas isso não bastou frente à necessidade de uma política voltada diretamente a esta parcela da população e dessa necessidade surgiu a Política Nacional do Idoso, que também não efetiva a implementação das políticas públicas nela estabelecidas, levando a necessidade de um Estatuto, com sanções penais para quem não cumpra os direitos dos idosos.

Sendo assim, acredita-se que a partir das falas 08 (oito) seniores, dos 30 (trinta) entrevistados, desconhecem o que está escrito e que possuem direitos reconhecidos em lei federal. Uma das estratégias para a viabilidade seria o amadurecimento da mentalidade da sociedade, ou seja, trabalharmos no sentido de mudança de perspectiva que os veem como tal, iniciando com projetos de inserção desse assunto – e, por que não, dessa problemática – dentro das próprias escolas, desde o ensino fundamental. Para isso surge a necessidade de um esforço e intensa divulgação deste documento em escolas, órgãos públicos, universidades, locais de atendimento e trabalho, enfim, uma ampla divulgação para que possamos ter uma maior repercussão do documento.

Na sequência, constava a seguinte pergunta:

“Você acha que os idosos defendem ativamente os seus interesses? Você participa de algum grupo que defende ativamente os direitos e interesses dos idosos”?

Quanto a essa questão, houve unanimidade nas respostas, no sentido de que os próprios seniores se reconhecem como não defensores dos seus direitos, na medida em que há conselhos e representantes que os defendem. Isso se elucida porque esses seniores não tiveram a oportunidade de serem protagonistas ao longo da história, marcada por guerras, revoluções, golpes, ditaduras, etc, ou seja, esta geração de seniores entrevistados, não compreenderam que são parte viva da sociedade e que eles próprios se excluem.

A maioria não defendem os direitos, são calados, não reagem, né. Acho que é medo (01 – M, 68 anos).

Os idosos não defendem os seus direitos, nem um pouco. Eu odeio política (02 M, 65 anos).

Vale destacar que na resposta dessa entrevistada, quando nos fala: “*eu odeio política*”, compreende-se, além de uma simples falta de protagonismo, que a questão de gênero nos faz refletir quando as mulheres desta geração, ainda são fruto de uma sociedade extremamente machista e patriarcal e que, historicamente, a construção das identidades de homens e mulheres foi-se configurando a partir da dicotomia entre as esferas públicas e privadas, com atribuições de papéis, atitudes e valores previamente definidos, sobretudo porque o campo da ação política se situa na esfera pública e, segundo Dussel (2007) a política é sinônimo de público.

Para tal, a resposta torna-se passível de compreensão quando, ao longo do tempo, entendemos que se estabeleceram relações de dominação e subordinação entre os sexos. Neste sentido a historiadora PESAVENTO (1992, p. 54) elucida que:

Configura-se uma visão dos sexos nos quais o homem fica com a imagem de portador da razão, da força, da ordem e da inteligência. O homem é a cabeça, a mulher é o coração, a sensibilidade, o lado mais fraco. Na ligação dos opostos, justifica-se a tutela masculina e a submissão feminina, que passa do amparo e vigilância paterna à do marido, sê esposa virtuosa, mãe exímia ou filha obediente, rainha do lar. Esta é a imagem da mulher socialmente aceita e desejada.

Michelle Perrot (1998, p. 54), a qual aborda a distinção do público/privado, argumenta que:

No espaço público, aquele da cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função oficial, o homem público, desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder. Talvez lhe dêem um enterro com honras nacionais. Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz “rapariga” – pública é uma “criatura”, mulher comum que pertence a todos.

Essas representações, esses medos atravessam a espessura do tempo e se enraízam num pensamento simbólico da diferença entre os sexos. Conforme a resposta, a seguir:

Não defendem os seus direitos, não. Acho que os idosos são temerosos. Eles temem porque eles acham que podem servir de chacota para os outros (04 M, 67 anos).

Michelle Perrot (1998, p. 113-114) argumenta:

Eu, por meu lado, admito a ideia de “gênero”, isto é, de uma diferença dos sexos construída pela cultura e pela história, secundariamente ligada ao sexo biológico, e não ditada pela natureza.

Sim. E essa desigualdade persistente bloqueia muitas evoluções. A latinidade desvalorizou tanto os papéis privados e as tarefas domésticas, que, para um homem, é tradicionalmente humilhante sujeitar-se a elas. Há pouco tempo, era tão deslocado para um homem passar roupa quanto para uma mulher fazer manifestações. Ora, hoje é mais fácil as mulheres fazerem manifestações do que os homens passarem roupa! É uma concepção heróica da virilidade e os papéis sexuais são ali mais intercambiáveis. Não nos devemos esquecer da tenacidade de representações sociais muitas vezes imperativas: ter sucesso na vida, para um homem, é fazer carreira; para uma mulher, é ser feliz.

Dessa forma é importante nos interrogarmos sobre as práticas de poder, as imbricações e o agir na sociedade sobre a especificidade do político, principalmente na questão do envelhecimento.

Complementa BRITO (2001, p. 79):

Neste sentido, o mais importante não seriam os aspectos quantitativos da participação política feminina. Haveria, antes, que tratar das questões levantadas pelo tipo de participação das mulheres no político, mostrando-se a existência social e política de um sujeito feminino no qual se reconhecesse um poder e que se movimentava, se empenha conforme a situação vivida em cada época. As redefinições conceituais propostas pela crítica feminista alargaram as perspectivas de análise, reavaliando, através de exemplos de estratégias femininas exitosas, a pretensa invisibilidade e/ou marginalidade das mulheres na política.

Por conseguinte, percebe-se que a questão de gênero é fortemente marcante quando se fala em ‘política’ para os seniores, sendo que, de 21 (vinte e uma) mulheres entrevistadas nenhuma delas faz parte de Conselhos, Comissões ou grupos que defendem ativamente os direitos, enquanto que, dos 09 (nove) homens entrevistados, 02 (dois) são membros atuantes em Conselhos Municipais e Órgãos ligados aos direitos dos seniores.

Dessa forma, vê-se que a mulher, ao longo da história, mais precisamente no âmbito representativo, sempre teve um papel secundário. Embora, nos dias de hoje, esse cenário esteja mudando, porém, reafirmamos que, para essa geração de seniores há ‘fendas abertas’, o que interfere diretamente em suas representações sociais e políticas na contemporaneidade.

Mas eles não querem se envolver. Eles procuram quem representa eles (06 M, 65 anos).

Como eu não participo muito da coletividade, não dá pra perceber. Acho mais que são as instituições que representam os idosos (07 M, 76 anos).

Quanto à representação política, os próprios seniores confirmam que são as instituições que os representam e, historicamente, podemos analisar a partir da fundação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)⁴⁶, pois, juntamente com outras instituições assumem a questão do envelhecimento e, não obstante, na cidade de Santa Maria, que há 08 (oito) anos venho acompanhando a Semana Municipal do Idoso⁴⁷, promovida pelo Conselho Municipal do Idoso (COMID), Serviço Social do Comércio (SESC), Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade, da Universidade Federal de Santa Maria, sediado no Centro de Educação Física e Desportos (NIEATI/UFSM/CEFD), Universidade Franciscana (UNIFRA) e Faculdade Metodista (FAMES), pude observar uma realidade coerente com as falas dos entrevistados, ou seja: uma ausência notável de seniores dentre os participantes; predominância de assuntos da área médica em detrimento dos assuntos de cunho social; pouco espaço para debate e participação do público ouvinte; visão a-histórica dos palestrantes acerca da velhice como questão social e das políticas públicas a ela relacionadas.

Na cidade de Santa Maria, até os dias atuais, pelo que se tem conhecimento, nenhum sociólogo entendedor do assunto “envelhecimento” foi convidado a participar desses eventos e a explicação deve ser pelo simples de não estar vinculado a nenhuma instituição representativa da velhice. Será?

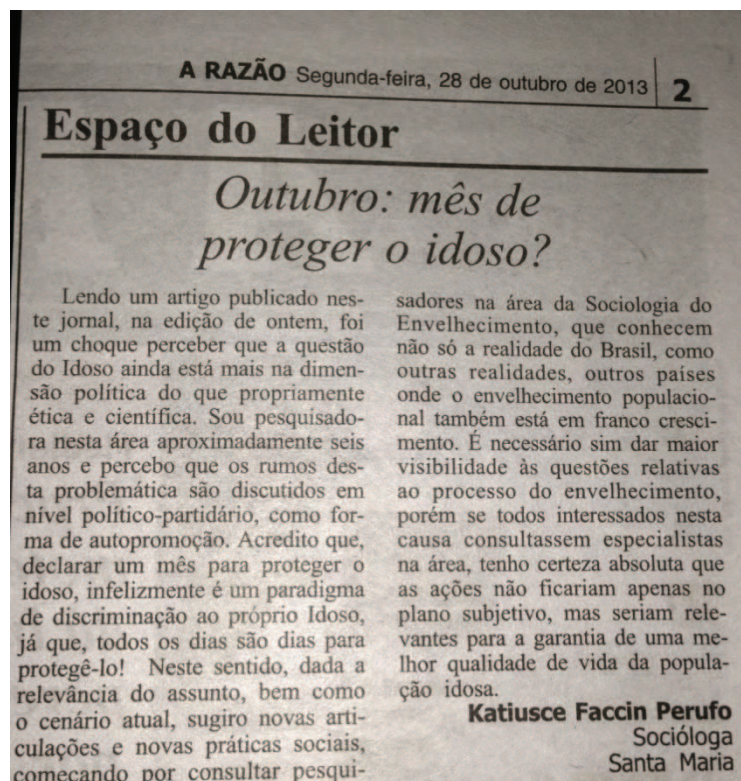
Abaixo, uma nota da pesquisadora acerca de um texto vinculado no jornal local, texto este, escrito por um representante do campo político de Santa Maria

⁴⁶ Entidade científica pioneira no campo da velhice no Brasil – fundada em 1961, onde, nesse contexto o envelhecimento populacional ainda não havia se tornado socialmente visível mas que, pode ser considerado como a fase germinal da visibilidade do movimento social do idoso no Brasil. Juntamente com o SESC e em parceria com o Estado (...) Também disputam o terreno, outras instituições, como: a Associação Nacional de Gerontologia (ANG), o Serviço Social do Comércio (SESC), as Universidades da Terceira Idade, os Conselhos Estaduais e Municipais (PERES, 2007, p. 253).

⁴⁷ Ocorrem na primeira semana do mês de outubro, a partir do Dia Internacional do Idoso, 1º de outubro.

explanando que o mês para se “cuidar do idoso é o mês de outubro”. Porém, o senso de comprometimento com a temática “falou mais alto” e então, fazendo jus ao sistema democrático, eis a referida resposta:

Figura 07 – Nota de jornal acerca do comprometimento com a temática



Fonte: Arquivo pessoal. Publicado em 28/10/2013

Assim, essa realidade verificada nestes eventos, que reproduz a atuação das entidades no movimento social “em prol” dos seniores, retrata antagonismos, conflitos e contradições observados, ou seja, se por um lado defendem a autonomia dos seniores, por outro, não permitem que eles participem e se expressem.

Diante disso, surge a seguinte interrogação: será que, de fato, vive-se numa sociedade democrática e que as instituições tidas como representativas, realmente nos representam? Acredita-se que, em parte, essa realidade não se apresenta no universo do envelhecimento a nível local, como também, a nível regional e nacional.

A partir dessa questão, pode-se levantar a hipótese de que a ciência e a pesquisa acadêmica têm (ou deveriam ter, se realmente fossem imparciais) o dever de mostrar à totalidade da população (e não só ao meio acadêmico) a verdade acerca da nossa realidade social e política, na qual os conhecimentos científicos e técnicos estão inseridos e a partir da qual eles são, de acordo com Habermas

(1986), pré-determinados por fins ideológicos (políticos, corporativos, econômicos, etc). Isso nos remete a outra questão que intriga: por que os conhecimentos técnicos e das outras ciências exatas são tão facilmente disseminados na sociedade e os que derivam da pesquisa sobre a nossa realidade social e política encontram tamanha dificuldade, tanto para obterem financiamento dentro da academia, quanto para serem popularizados ou massificados? Quem sabe essa é a resposta a qual responde nossa dúvida?

Na sequência as seguintes respostas sobre “se os idosos defendem ativamente os seus direitos”:

Não, a maioria nem conhece, nem sabe os direitos que tem (09 M, 65 anos).

Muito pouco. Não participo, apenas o Grupo do SESC dá esclarecimentos dos direitos (10M, 67 anos).

Não defendem, mas acho que deveriam. Teve uma pessoa que veio dar uma palestra aqui e disse que a gente não tem que esperar, mas tem que ‘tomar peito’ e ir fazer (11 M, 72 anos).

Não defendem não e nem sabem que podem defender, pois isso não é tão divulgado assim (16 M, 67 anos).

Os idosos não fazem nada pra defender os seus direitos. É uma panelinha aqui em Santa Maria e quem mais movimentam esta questão são os políticos por causa de voto. Quer ver falar mais na causa do idoso é em ano eleitoral, é bem assim. (20M, 73 anos).

Muitos não defendem porque não querem incomodar os órgãos competentes, daí eles não fazem nada. O idoso hoje, ele não tem consciência dos seus direitos, porque ele não faz nada, ele só assiste. O idoso seria mais respeitado se ele agisse, se ele fizesse mais por ele (22 H, 65 anos).

Te diria que uns 30 % (trinta por cento) defendem os seus direitos e interesses, os outros são acomodados (24H, 71 anos).

Em relação ao último comentário, ele consiste na fala do Presidente do Conselho Municipal do Idoso, aí o próprio reconhece que os seniores, em sua grande maioria, não são protagonistas na defesa e ação dos seus direitos e interesses e, portanto, observa-se que, além do pouco envolvimento no processo reivindicatório, ao mesmo tempo são excluídos no que diz respeito às questões relativas aos seus interesses.

Seguramente, a próxima pergunta é uma extensão da anterior:

“Pode indicar-me que medidas (ou ações) foram tomadas em Santa Maria a favor dos idosos”?

Obviamente, as respostas relativas a essa questão não vão além do que se visualizou com a questão anterior.

Não lembro de nenhuma medida tomada em Santa Maria, em favor dos idosos. se teve, a gente não sabe, é muito pouco divulgado (01M, 68 anos).

Calçadas com desníveis para cadeirantes e idosos (03M, 69 anos).

Olha, principalmente estão conseguindo agora fazer aquelas rampas nas calçadas. Isso é uma solicitação do COMID, junto com a APAE⁴⁸ (24H, 71 anos).

Quanto a essa questão, apenas 03 (três) dos 30 (trinta) entrevistados responderam de forma diferenciada, ou seja, os demais foram unânimes em responder: “*não, eu não saberia dizer*”. Visivelmente, neste município não são perceptíveis ações tomadas em favor desse grupo social, com exceção da “Semana

⁴⁸ APAE: Associação de Pais e Alunos dos Excepcionais.

Municipal do Idoso”, onde são tomadas ações voltadas ao lazer, entretenimento e esclarecimentos de questões relativas à saúde e à qualidade de vida.

A próxima pergunta da entrevista remete a seguinte questão:

“Em que medida os idosos contribuem para as ações que são tomadas em Santa Maria a favor dos idosos”?

Acho que nenhuma, o Conselho Municipal do Idoso não é muito atuante (09M, 65 anos).

Como eu disse, eles (idosos) são acomodados (24H, 71 anos).

A gente só conversa sobre isso, mas ninguém toma nenhuma atitude (25H, 65 anos).

Do mesmo modo que nas demais respostas, nota-se que apenas 03 (três) seniores mantinham alguma opinião, os demais, responderam que “*não sei*”, aliás, não há conhecimento algum desta questão por parte deles, visto que não há um movimento, uma congregação, um grupo de seniores que defendem ativamente os seus direitos e interesses em Santa Maria. Há sim, diversos grupos que trabalham separadamente, porém, mais voltados para as questões lúdicas, de lazer, ocupação do tempo livre, etc.

“Em Santa Maria, quem representa os idosos? Quem luta pelos direitos dos idosos”?

Acho que é o Estatuto, né?(01M, 68 anos)

Diante dessa resposta, a pesquisadora pergunta a sênior entrevistada, se ela tem o conhecimento de que, Santa Maria possui um Conselho Municipal do Idoso e a resposta é: “*eu nem sabia*”. Na verdade, essa entrevistada é aposentada, porém, continua com suas atividades em uma livraria, na Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria (CESMA) e, no momento em que a pesquisadora adentra a este local, esta sênior estava lendo o jornal local. Foi um impacto ouvir essa resposta no

sentido de que, ela está inserida no mercado de trabalho, tem o costume diário de ler os jornais locais, está à frente das informações e notícias locais e não tem o conhecimento do órgão competente que a representa.

Não sei, acho que é o COMID (04M, 67 anos).

Eu acho que é a prefeitura e a Câmara de Vereadores (15M, 74 anos).

Gostaria muito de saber. Quem é?(19M, 71 anos).

O Conselho do Idoso. Mas eles não lutam tanto assim, pelos direitos dos idosos (05M, 74 anos).

Eu acho que é o Conselho do Idoso e a Pastoral do Idoso, mas nem sei que é o Presidente do Conselho Municipal do Idoso. Eu sei que a Sandra Rebelato (Vereadora) é do Conselho (09M, 65 anos).

COMID e a Secretaria de Assistência Social (24H, 71 anos)

Assim, compreende-se a resposta do Presidente do COMID, em Santa Maria, a rigor, como a única resposta com clareza e exatidão.

Portanto, a sociabilidade dos seniores no que diz respeito às políticas e direitos, é praticamente insignificante, frente às questões abordadas na entrevista. Atualmente, em Santa Maria, os seniores constituem-se mais como expectadores do que protagonistas na reivindicação e participação política. Nesse sentido, o Conselho Municipal do Idoso torna-se mero cenário de “representação” do sênior, roubando seu espaço e sua história, cooptando sua participação e expressividade política, além de suas ações não trazerem repercussão na vida deste grupo social.

Nesse sentido, Garcez (2012, p. 265) reforça a questão:

De acordo com a experiência de participação em Conselhos de Direitos de Idosos, desde o ano de 1999, percebe-se que a constituição desses espaços surgiu muito mais por pressão das comunidades científicas, de

peessoas que tinham ações reflexivas nessa área. A maioria não eram pessoas idosas, mas ligadas às Instituições de Ensino Superior, associações, entidades que trabalhavam na área da assistência social ou políticos de esquerda com características de participação democrática.

Como esclarece Fernandes (2009) passa-se a perceber o Conselho como uma “importante ferramenta para conseguir a garantia dos direitos do idoso”(p.52), ou seja, como “uma arena onde se constrói a garantia dos direitos”(p. 54). Os conselhos e os demais espaços políticos abertos às minorias e, nesse caso aos idosos, deve ser um espaço reflexivo pelas reivindicações de seus direitos. Não é apenas um espaço de consenso, onde se ouve as decisões dos representantes, mas sim espaço de decisão conjunta, de diálogo, de narrativas de desejos e necessidades a serem atendidas, portanto o conflito também faz parte, conforme bem explicita Dussel (2007, p. 40) “ O campo político, no sentido estrito, não é um espaço vazio, mas algo como um campo minado, cheio de redes, nodos prontos para explodir a partir de conflitos por reivindicações não satisfeitas (sabendo que, de maneira perfeita, nunca se podem cumprir com todas)”. Participação política portanto, exige paciência e discernimento. Paciência para ouvir as colocações dos outros, mesmo que divergentes e discernimento para não se deixar ludibriar por promessas falsas e discursos “vazios”, especialmente por parte dos políticos que representam o povo nos espaços administrativos.

Dessa forma, o que se observa na pesquisa empírica é a sociabilidade dos seniores quanto à participação política, ela é uma realidade de um pequeno grupo de homens seniores ativos, de forma a retratar o público=homem e o privado=mulher, no entanto, a atuação destes em espaços políticos ainda é muito pequena se for comparada a participação nos espaços dos grupos de convivência.

A partir da resposta do presidente do COMID, confirma-se:

“Há mais alguma questão que você gostaria de dizer para contribuir nesta pesquisa”?

Que os idosos participassem mais ativamente da luta em favor dos seus direitos, acredito que só assim, eles serão cada vez mais respeitados (24H, 71 anos).

4.2 DIMENSÃO RELIGIOSA

O fato de a velhice ser considerada a última etapa da vida subentende-se que ocorra um aumento da frequência sobre o pensar na morte e, sobretudo a respeito do que vem depois dela. Na verdade, se a questão da finitude parecia longínqua, pouco pensada, na velhice, torna-se mais próxima e real. O início ou a fidelização a

uma prática religiosa⁴⁹ passa a ser mais evidente, sendo por muitos dos entrevistados, como indispensável, pois se acredita que nessa fase da existência, os seniores tendem a dar menos importância a situações sociais externas e começam a valorizar mais os processos internos, em busca de um significado ou propósito para a vida, além das considerações, como citado anteriormente, sobre a finitude da existência, abrindo, dessa forma, portas para as questões religiosas.

Na antiguidade, a religiosidade⁵⁰ representava uma tradição cultural. A adoção de crenças, valores e princípios religiosos familiares eram vistos como parte do processo de socialização dos indivíduos e, por essa razão, sua escolha estava pautada nas tradições familiares. No entanto, atualmente, reinterpretada pela modernidade tem a sua adesão mais voltada para as situações e necessidades individuais, o que permite uma diversidade de escolha no vasto campo das opções de religiões, dissociando-a das obrigatoriedades tradicionais. Nesse sentido, o Brasil é um país permeado pela diversidade religiosa e, em relação aos seniores, a religião é reconhecida como 'fonte de apoio', pois, estar e praticar uma religião ajuda a encontrar e dar sentido em situações difíceis da vida, aceitar a si mesmo e ter mais condições de ajudar os outros, a partir da sua religiosidade.

Por esse motivo, segundo Santana (2006), as crenças religiosas desempenham papel importante na sociedade, na união das pessoas ao redor de um místico comum, auxiliando os indivíduos a encontrar senso de identidade e pertencimento.

Para tanto, de forma a analisar a dimensão da sociabilidade no universo religioso dos seniores entrevistados, na cidade de Santa Maria, cabe descrever, de modo sintético, as ideias dos fundadores da sociologia, acerca da temática religião, a fim de mostrar uma dimensão sociológica a essa questão.

Para Durkheim (2003), a religião devia ser tratada como um fato social, sujeito às modificações que lhe conferem os processos sociais e, portanto, a percepção do papel da religião nas diferentes sociedades e culturas. Segundo Marx 1818-1883 (2005), a religião é uma realidade histórica que depende, além das relações sociais, das relações econômicas em especial, e também das condições naturais da vida e

⁴⁹ Nesta pesquisa abordaremos a temática religiosidade, enquanto dimensão de sociabilidade entre idosos e, portanto, não faremos uso de uma bibliografia específica quanto ao tema. Analisamos, nos limites deste estudo, o envolvimento religioso e o quanto este influencia os seus hábitos cotidianos e sua qualidade de vida.

⁵⁰ O termo "religiosidade" diz respeito ao nível de envolvimento religioso de um indivíduo e o quanto esse envolvimento influencia seus hábitos cotidianos.

da consciência dos indivíduos. Já para Weber 1864-1920 (1994), a religião é rica em significados culturais, capaz de interpretar a vida, construir uma identidade e inspirar processos históricos. Assim sendo, para os clássicos da sociologia, a religião deve ser analisada para ser possível a compreensão da sociedade.

Para tanto, importância dada à religião pelos seniores residentes em Santa Maria, além, de oferecer apoio emocional, segundo as falas, ajuda-os a encontrar maior autoconfiança, serenidade, felicidade e principalmente o sentimento de inclusão social.

Logo, os 30 (trinta) seniores entrevistados, todos eles afirmam pertencer a uma religião, embora não participem assiduamente. Não fugiu da regra a preferência quanto à religião católica, temos 17 (dezessete) seniores que se dizem católicos, ou seja, 56,67%, em segundo lugar temos 06 (seis) espíritas Kardecistas, que somam 20% e os demais se identificam como pertencentes a outras religiões, tais como: Evangélica, Maçonaria, Batista e Seicho-No-Ie.

Sou católica, pois é de família. Acredito que sim, ajuda bastante (01M, 68 anos).

Católica. A vida inteira. É fundamental ter uma religião (02M, 65 anos).

Sou católica, desde que nasci. Encontro apoio espiritual que me traz paz interior (03M, 69 anos).

Sou católica, participo da igreja e faço parte do grupo de liturgia da nossa igreja (06M, 65 anos).

Sim, sou católica. Muitos benefícios, graças a isso eu estou de pé, pois perdi um filho (09M, 65 anos).

Sim, sou católica e vou na missa, toda a semana. A gente precisa disso, minha filha. Precisa ir ao encontro de Deus, sem Ele, a gente não é nada (13M, 69 anos).

Sou católica. Sim, a religião, ajuda muito a pessoa ter mais fé na vida, acho que quem tem fé em Deus, suporta mais as adversidades que a vida impõe (16M, 67 anos).

Sou católica e isso me ajuda muito, eu sinto (17M, 69 anos).

Não participo de religião, apenas sou católico, mas não vou na igreja (23H, 66 anos).

Sim, sou católico praticante, devoto de Nossa Senhora de Fátima. A vida toda. Fui coroinha, catequista. Sim, pois é o alimento espiritual, aliás, todo mundo deve ter uma religião, em primeiro lugar, acreditar em Deus (25H, 65 anos).

Sou católico, não praticante. Eu não frequento a igreja, mas tenho a minha fé porque eu já passei por muita coisa nesta vida, doenças, perdas e nestas horas, eu converso com o meu Deus e Ele sempre me dá forças e sabedoria (27H, 70 anos).

Sou católico, mas não vou na igreja (29H, 67 anos).

Notoriamente, nesta pesquisa, identificaram-se os seniores que se dizem católicos, através de suas falas, “*sou católica, pois é de família*”(01M), “*a vida inteira*”(02M) e “*desde que nasci*”(03M), que suas escolhas não foram por opção própria, mas sim por influências familiares e tradição familiar, no entanto, os demais seniores que se dizem de outras religiões, eles sim, foram escolhas determinadas por si próprio e por situações difíceis que perpassaram suas vidas.

Sendo assim, o que se pode perceber na sociedade contemporânea como um todo, é a busca da religiosidade, como também alternativas complementares para o enfrentamento dos problemas de saúde, falta de recursos financeiros ou até mesmo por pressão social de dirigentes religiosos. Em caso específico, os seniores, além dessas razões abordadas, eles buscam a religião e a espiritualidade atrás de significado da própria vida, conforto emocional, sentido na velhice, na doença e na morte.

Participo da Seicho-No-Ie há 06 anos. Muitos benefícios, pois eu melhorei muito, e principalmente o meu relacionamento com os meus filhos, com minha família, melhorou demais, porque eu tinha dificuldades de relacionamento com a minha filha, porque nós temos 40 anos de diferença de idade, então eu passei a não mais criticar. Quando nos desentendíamos, eu logo criticava ela e após participar da Seicho-No-Ie, eu aprendi quem em primeiro lugar se elogia e depois se fala o que está sentido. E isso foi ótimo (04M, 67 anos).

Sim, sou espírita há 20 anos. Muitos sofrimentos na vida, sabe? Passei por trechos muito difíceis, problemas muito grandes, e fui em busca de soluções. Eu era católica né, e comecei a buscar em outras fontes, outras igrejas e onde eu me encontrei foi no espiritismo, onde eu encontrei consolo e me fizesse entender o porquê de tanto sofrimento (05M, 74 anos).

Sim, sou Seicho-No-Ie. Há 21 anos. Frequentei várias religiões e sentia que estava sempre me faltando algo e daí encontrei nesta filosofia o algo que me faltava. Inúmeros benefícios: a pessoa está sempre alegre, estuda bastante, porque a literatura é grande e a gente encontra as respostas nos livros para as situações que nos afligem (07M, 76 anos).

Sim, eu sou espírita exotérica. A partir dos 12 anos porque eu não caminhava até os 11 anos. Eu recebi um Mestre, o Bezerra de Menezes e ele fez uma cirurgia espiritual em mim, então ele foi o meu mestre astral. Porque eu me curei e eu era uma pessoa muito doente e hoje eu sou muito saudável, porque qualquer coisa que me dói, eu firmo o pensamento e daqui a pouco, eu não tenho nada, porque eu acho que a verdade é aquela que eu digo, eu sou mais forte (08M, 72 anos).

Sim, sou Espírita Cardecista, há uns 25 anos. Um pouco por influência da minha irmã, e mais porque eu buscava algo mais profundo o que já não estava mais me satisfazendo na minha religião, a católica. Sim, muitos benefícios: entendimento melhor da vida, das situações como um todo. Pra tudo tem um porquê e isso é bom saber e nos conforta (10M, 67 anos).

Sim, sou Seicho-No-Ie há 12 anos. Muitos benefícios Eu não aceitava muito a velhice e agora eu aprendi que a idade está na mente. Se eu me sentir jovem, assim eu vou ser (12M, 74 anos).

Sou da Igreja Batista e isso me ajuda muito, sabe? É onde encontro forças pra continuar vivendo. Já superei duas doenças e estou aqui, graças a minha fé (14M, 71 anos).

Sou maçom. Sim, a crença e o envolvimento com uma religião fazem muito bem para as pessoas, dá suporte emocional (30H, 69 anos).

Minha família sempre foi espírita e eu vou, às vezes (28H, 67 anos).

Ao se analisar a dimensão da sociabilidade no universo religioso, atenta-se para 05 (cinco) entrevistadas que participam de grupos de convivência, criados a partir de suas religiões, a rigor, são as religiões que estão motivando esses seniores a participarem dos grupos e, portanto, sabe-se que o envelhecimento possui uma relação íntima com a espiritualidade, nos mais diferentes aspectos do envelhecimento.

De fato, para Goldstein & Sommerhalder (2002) a partir da meia-idade percebe-se que o ser humano procura compreender mais as questões metafísicas, o que leva o indivíduo a desenvolver suas crenças e valores que o auxiliam a entender a própria existência, sendo que, a partir desta pesquisa percebemos que a crença espiritual e religiosa parece ser um dos poucos recursos que tendem a aumentar na

velhice. Isso porque há um aumento de eventos não-controláveis, momento em que o enfrentamento dessas questões através da espiritualidade e da religiosidade parece ser bastante efetivo. De acordo, Carvalho e Fernandez (1996, p. 164) também corroboram com a ideia de que as pessoas ao chegarem à meia-idade “dão mais atenção aos aspectos internos do *self*, abrindo caminho aos sentimentos e comportamentos religiosos”, assim, “a religião para o idoso é um referencial pessoal”.

Nesta pesquisa, constata-se que os seniores que seguem uma determinada religião (todos de forma moderada e não fanática) e participam ativamente nos trabalhos apresentam objetivos de vida, maior envolvimento com as pessoas, maior satisfação de viver e senso de utilidade. Não obstante, a partir das suas falas, os investigados afirmam que, através da religiosidade, sentem-se úteis no sentido de ajudar o próximo, de estarem cumprindo “uma missão”, além do que possibilita uma inclusão social ativa e uma rede social bastante sólida nesta etapa da vida.

4.3 DIMENSÃO SOCIAL

Compreende-se que as sociabilidades centram-se, durante a vida produtiva, inicialmente no trabalho e na família e, secundariamente nas relações de amigos, vizinhança e lazer. Com a saída do espaço produtivo em razão da aposentadoria essas sociabilidades se enfraquecem (MAGALHÃES, 1989). No entanto, outras sociabilidades podem se fortalecer, pois se tem um tempo maior para a família e também para outros círculos sociais que se constroem quando o sênior busca formar uma nova rede de relações, ou ampliar e fortalecer aquelas já conquistadas. Todavia, conforme relatado anteriormente, algumas subordinações influenciam os processos de sociabilidade e construção dessas redes sociais⁵¹, como a pobreza, por exemplo. Segundo Magalhães (1989), as estruturas da sociabilidade encontram um forte referencial de classe e quanto mais alto o estrato social, maior a possibilidade de manutenção de sociabilidades. Para este autor (MAGALHÃES, 1989, p. 32):

⁵¹ A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo o caso (CAILLÉ, 1998, p. 18).

As elites proprietárias, de prestígio, riqueza e poder, podem melhor instrumentalizar o valor da herança e da sucessão como valores preservadores da autoridade e do respeito. As condições objetivas de vida favorecem, sem dúvida, a preservação das estruturas de sociabilidade e a defesa de autonomia vital, assim como a obter as condições de apoio para realização de tarefas essenciais ou suplementares para a sobrevivência, quando progride a perda de autonomia biológica, com a inevitável redução da capacidade dos sentidos, das funções locomotoras, orgânico-fisiológicas, etc.

Conforme Garcez (2012), Magalhães (1989) defende a ideia de que o envelhecimento se torna menos penoso e facilitado pelas condições econômicas, também favorecedoras de manutenção das sociabilidades e defesa contra o enfraquecimento da autonomia. Permite assim um envelhecimento melhor sucedido, até mesmo pelo acesso aos recursos de manutenção da saúde. Todavia, um outro lado importante de ressaltar é outra subordinação que geralmente impede os seniores de se tornarem atores sociais, são os processos de incapacidade física e/ou cognitiva os tornando dependentes e impeditivos de participação social, política e cultural.

Por conseguinte, concorda-se que a qualidade do envelhecimento esteja ligada diretamente às condições materiais, econômicas e estruturais de um determinado contexto e por isso é um processo heterogêneo. Percebe-se assim que o envelhecimento é também um processo singular, dependente da subjetividade de cada indivíduo.

Nesse sentido, na realização das entrevistas com os seniores, sujeitos dessa tese, questionou-se o perfil socioeconômico, a fim de que possamos apresentar, a partir desta característica, a análise das redes de relações sociais, das amizades e das suas escolhas.

Para tal, a fim de se traçar o perfil desses seniores, abordar-se-ão os índices de trabalho e renda dos entrevistados. Dentre os 30 (trinta) idosos, todos estão inativos, apenas 03 (três) continuam no mercado de trabalho, ou seja, 10% do total, sendo que duas mulheres e um homem. Embora já aposentados, foram recontratados em suas profissões e atualmente continuam exercendo suas atividades. Esses três seniores não participam de grupos de convivência e justificam justamente pela sua atuação no universo profissional.

Embora não determinando, *a priori*, quais os seniores a serem entrevistados, percebe-se que estão naturalmente equiparados em níveis econômicos muito próximos.

Quadro 10 - Renda mensal dos entrevistados⁵²

H/M	1 à 2 salários	2 à 4 salários	4 à 8 salários	+ de 8 salários
Mulheres	3	10	6	2
Homens	0	2	5	2

Fonte: elaborado pela autora da tese

Desse total, 21 (vinte e um) seniores expuseram que possuem poupança, sendo que destes, 14 (catorze) são mulheres e 07 (sete) são homens.

Embora a disparidade salarial seja evidente entre homens e mulheres, e isso se explica, de forma muito sucinta, pelo inerente sexismo presente no capitalismo, esta pesquisa, reforça a teoria, pois, as duas seniores que recebem mais de 08 (oito) salários, uma delas é viúva e então seus vencimentos, juntamente com a pensão do marido, ultrapassam os 08 (oito) salários. A outra sênior tem seu estado civil como casada, porém, na condição de professora universitária aposentada, foi contratada por outra instituição superior, perfazendo então, mais de 08 (oito) salários mínimos, como rendimento mensal.

Quadro 11 – Trabalho e renda dos entrevistados

	Atua na profissão	Aposentados	Ajudam familiares	Recebem ajuda
Mulheres	02	21	08	05
Homens	01	09	07	0

Fonte: elaborado pela autora da tese

Dentre os seniores que atuam na profissão, mesmo após a aposentadoria, as duas mulheres justificam a permanência no mercado de trabalho, pois, se sentem jovens demais pra ficar em casa, (01 M, 68 anos) e (03M, 69 anos), respectivamente. E, o sênior (23H, 66 anos) que continua suas atividades salienta

⁵² O salário mínimo na ocasião das entrevistas era de R\$ 678, 00, portanto, este serve como base para a análise. No entanto, o atual valor é de R\$ 724,00. Disponível em <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/01/novo-salario-minimo-de-r-724-entra-em-vigor-a-partir-de-hoje.htm> Acesso em 12/02/2014.

que a sua continuidade deve-se ao fato de ter uma família numerosa em relação a quantidade de filhos e que então, necessita ajudá-los financeiramente.

Quanto à questão se “ajudam” os seus familiares, os 15 (quinze) seniores foram unânimes em relatar que esse auxílio é financeiro e o recurso é destinado aos estudos de filhos, netos e sobrinhos.

Dentre os seniores, 25 (vinte e cinco) declararam que não recebem ajuda de familiares, amigos ou profissionais e apenas 05 (cinco) mulheres seniores recebem ajuda financeira, por conta do uso contínuo de medicamentos. Nesse ínterim, uma entrevistada, que tem a renda mensal maior que 08 (oito) salários mínimos, relatou *“recebo ajuda sim: carinho e atenção, é o que mais precisamos”*(03M, 69 anos).

Enfim, esse cenário retrata a realidade socioeconômica dos entrevistados, para que se possa apreciar suas realidades de um âmbito geral e, a partir de então, descrever a dimensão social que permeia os 30 (trinta) seniores pesquisados.

4.3.1 Redes sociais

Na medida em que se envelhece as redes de relações sociais tornam-se importantes aliadas para a manutenção dos vínculos sociais, afetivos e culturais, e então, percebe-se que há determinantes pelos quais promovem a criação dos laços sociais entre os seniores. Dessa maneira, na análise desta pesquisa pode-se perceber que esses determinantes são elementos fundamentais nas redes de relações destes seniores.

Todos os entrevistados disseram que os seus melhores amigos são os familiares, porém, aqueles que participam de grupos de convivência, colocam os companheiros dos grupos e ex-colegas de profissão, no mesmo patamar de melhores amigos. Isso, em muitos casos, deve-se ao fato da morte do seu cônjuge, do distanciamento dos filhos e netos, de forma a corroborar com uma nova reestruturação familiar.

Esse fato foi destacado por uma das seniores:

Meus melhores amigos são ex-colega de trabalho (01M, 68 anos).

Ai, eu tenho vários amigos, mas eu tenho uma pessoa que é muito minha amiga que é a sogra da minha filha, e são várias as minhas amigas. No Grupo mesmo, eu tenho várias pessoas que considero meus melhores amigos (06M, 65 anos).

Primeiro lugar, Jesus Cristo, né, sem ele não sou nada e depois as pessoas que eu convivo né, da comunidade da igreja, eu trabalho também com as irmãs do Amor Divino, faço parte do Grupo do Carisma, que é um grupo bem importante e também meus familiares (09M, 65 anos).

Olha, eu tenho vários melhores amigos, porque fora o Grupo da Maturidade aqui do SESC, tem muitos que são companheiros e outros que já são amigos mesmo, fora eles, eu tenho o meu Grupo Espírita que tbém tenho grandes amigos, além da minha família que em especial, são os meus irmãos, os meus sobrinhos e meu marido que é meu companheiro há 40 anos (10M, 67 anos).

Ah, sem dúvida, são minhas ex-colegas, onde nós temos um grupinho que nos encontramos toda a semana, então ali, a gente conta os nossos problemas que nem mesmo os filhos sabem e a gente sabe que, se for conta pra eles, eles não vão entender, somos de geração muito diferente. Então, as minhas melhores amigas, sem dúvida, são minhas ex-colegas de profissão, somos como irmãs (16M, 67 anos).

Nota-se que as relações extrafamiliares, em muitos casos têm maior relevância do que os próprios familiares, pois as motivações, os valores e os interesses tornam-se diferentes, amoldados a sua condição de velho(a). Nesse sentido, das 21 (vinte e uma) seniores entrevistadas, 10 (dez) afirmaram que seus melhores amigos são os familiares, incluindo filhos, irmãos e sobrinhos e as outras 11(onze) seniores relataram que seus melhores amigos são as amigadas dos grupos de convivência e ex-colegas de profissão. Esse resultado deve-se também ao fato

de que as mulheres representam a maioria nos grupos de convivência, possibilitando, dessa forma, uma rede social mais ampla.

No entanto, em relação aos homens seniores, o cenário é diferenciado, visto que, dos 9 (nove) entrevistados, todos relataram que seus melhores amigos são os familiares. Pois, o que se pode observar é certa resistência desses em participar dos grupos de convivência e notadamente observamos através desta pesquisa, que as relações sociais destes, ficam mais centradas no universo familiar, isto porque, segundo Coutinho e Acosta (2009)⁵³, através de uma pesquisa realizada na cidade de Santa Maria, com o intuito de verificar os ambientes masculinos da terceira idade, verificou-se que:

As mulheres têm mais consciência da necessidade de realizar atividades físicas para terem uma melhor qualidade de vida. De outro modo, o homem que passou praticamente a vida toda fora de casa trabalhando, com o advento da aposentadoria, prefere passar mais tempo em casa, saindo para ver os amigos ou se distrair.

Corroborando com essa questão, Silveira (2005), esclarece que é uma maneira de preencher o lugar das atividades que eles realizavam anteriormente. Portanto, essas práticas sociais são experiências significativas e contribuem muito qualitativamente no processo de envelhecimento – especialmente para os indivíduos que vivem em centros urbanos – porém, sem a criação de vínculos mais íntimos, mais próximos possibilitados pelos grupos de convivência, nos quais a frequência de participação é maior.

Outra questão que se acredita ser pertinente, a fim de que se tenha uma dimensão maior das redes sociais dos seniores entrevistados, foi avaliar a interação desses com os meios digitais.

Do total de 21 (vinte e uma) seniores mulheres, 16 (dezesesseis) delas tem acesso à internet e o mesmo número possuem emails, porém, apenas 14 (catorze) estão na rede social, Facebook e, dentre os seniores homens, 02 (dois) tem acesso à internet e possuem emails.

⁵³ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400017
Acesso em 20/02/2014.

Quadro 12 – Uso de novas tecnologias de comunicação

H/M	Acesso à internet	Email	Rede Social Facebook
Mulheres	16	16	14
Homens	02	02	0

Fonte: elaborado pela autora da tese

A partir da obtenção desses dados indagou-se – àquelas que possuíam contato com a internet e que estavam nas redes sociais – se haviam conhecido pessoas através desse meio. Eis, a diferença que repousa nessa questão, quando das 14 (catorze) seniores mulheres apenas uma disse que conhecia pessoas através da internet, sem conhecer pessoalmente, as demais disseram que são muito reservadas quanto às amizades e que não abrem a possibilidade de pessoas “estranhas” a não ser aquelas que elas conhecem pessoalmente.

Não conheci ninguém através da internet, porque eu me cuido muito, sou muito reservada (02M, 65 anos).

Apenas adiciono os amigos e conhecidos (05M, 74 anos).

Não, apenas do meu próprio círculo (07M, 76 anos).

Sim, alguns amigos através da internet, mas que outros amigos indicaram, senão, não. (09M, 65 anos).

Não conheci ninguém, porque eu procuro não abrir o leque para pessoas desconhecidas, os meus amigos também são meus amigos na vida real (10M, 67 anos).

Não, apenas adiciono os amigos e conhecidos (12M, 74 anos)

Não, nem pensar. Eu tomo muito cuidado com isso. A gente não pode facilitar, tem muita coisa errada que acontece por causa da internet. Eu só tou no Facebook porque é onde eu tenho a chance de acompanhar os netos, os sobrinhos, daí

eles colocam as fotos e a gente vê, é uma maravilha. Mas é só pra isso mesmo (16M, 67 anos).

Os riscos apontados pelas seniores no uso das redes sociais estão associados principalmente com a divulgação de dados pessoais e invasão de privacidade, justamente por desconhecerem algumas funcionalidades e procedimentos de segurança na rede, com isso, os seniores têm receio de serem vítimas de golpes pelo acesso aos seus dados, portanto, as suas páginas nas redes sociais não contém grandes informações a fim de não exporem suas vidas publicamente.

Contudo, embora os jovens ainda sejam, de longe, os principais usuários das redes sociais digitais, percebe-se o quanto os seniores estão aderindo a esta alternativa de socialização. Entende-se, a partir das falas das seniores mulheres onde podem “acompanhar a vida dos netos e familiares”, que, ao poder vê-los virtualmente elas se sentem parte da vida, mais próximas, mesmo se encontrando distantes. Acredita-se, portanto, que os seniores buscam na internet a possibilidade de se reinserir na sociedade e em seus grupos de relacionamentos e desta forma então, estar presentes no mesmo universo que seus netos, sobrinhos, filhos e demais familiares e, por este motivo, Wright (2000) afirma que os relacionamentos *online* podem tornar-se cada vez mais importantes para os idosos, especialmente aqueles com sérias limitações de mobilidade, uma vez que permitem a interação social.

4.3.2 Grupos de convivência

No Brasil, em meados da década de 60, as primeiras iniciativas de agrupamentos de seniores foram realizadas pelo Serviço Social do Comércio (SESC). Nessa época foram estabelecidos os “Grupos de Convivência”, programas de lazer e de ocupação do tempo livre. A principal característica dos centros de convivência, cujo modelo é o SESC, é o núcleo da sua proposta, em torno da “socioterapia”, ou seja, ocupar o tempo livre, através de atividades de lazer, visando principalmente à promoção da sociabilidade, os tornando mais próximos, desta forma, do assistencialismo (PEREIRA, 2006).

Logo, na década de 70 foram criadas as primeiras “Escolas Abertas da Terceira Idade” brasileiras (PALMA & CACHIONI, 2002; NUNES, 2001), seguindo o modelo francês, o qual foi o pioneiro. Atualmente, seguem esse modelo e centra suas atividades em programas de educação continuada, socialização, seguindo o trinômio: ensino, pesquisa e extensão (PACHECO, 2003).

No Brasil, há várias instituições que sediam as Universidades Abertas para a Terceira Idade (UnATI) e na cidade de Santa Maria, local da pesquisa, há uma UnATi na Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES).

Conforme discorre-se, o encontro de indivíduos em grupos organizados é um fenômeno marcante da contemporaneidade, sendo de objetivos variados, como forma de sociabilidade intrageracional. Por conta disso, proliferam-se os grupos de convivência da “terceira idade”, assim, denominados. Acredita-se que, essa crescente tendência à sociabilidade intrageracional se deve à marginalização sofrida pelos seniores, que após a aposentadoria, a viuvez ou à saída dos filhos de casa, sentem a necessidade de buscar o encontro geracional e relações extrafamiliares. No entanto, homens e mulheres têm buscado formas diferentes de sociabilidades, geralmente, conforme se observa os homens buscam essa sociabilidade em praças públicas e as mulheres em trabalhos e apoios de origem religiosas e nos grupos de convivência.

Nesse sentido, vários pesquisadores têm estudado os benefícios desses grupos para os seniores e, conforme Gáspari e Schawartz (2005) ao entrevistarem 20 participantes com idades que variavam de 60 a 80 anos, de ambos os sexos, matriculados no Programa Ativa Idade, na cidade de Araras, em São Paulo. Eles, ao analisarem os discursos, verificaram que a maioria dos idosos avaliou positivamente a participação no programa, pois diminuíram as sensações de solidão, tristeza, tédio, medo e sentiam-se mais animados, incentivados e valorizados.

Entende-se, assim, que os grupos de convivência para seniores surgiram da necessidade de se criar uma nova forma de viver a velhice, livre de estereótipos negativos. Esse movimento foi facilitado pelas novas e diversas dinâmicas das famílias contemporâneas⁵⁴ que mudaram os papéis sociais dos seniores e

⁵⁴ De acordo com Motta (2000) a contemporaneidade mudou a dinâmica das famílias, pois atualmente temos famílias que vivem mais tempo, devido a longevidade crescente da população; famílias mais extensas e novas combinações; coexistência de várias gerações no mesmo local, exigindo novos aprendizados de convivência, já que as novas formas de solidariedade familiar, ou entre as gerações, podem instalar novas formas de conflito.

permitiram, dessa forma, que eles vivessem novas experiências através das inúmeras possibilidades que tem de se transformarem em sujeitos participativos e valorizados.

Nesse pensamento Sawaia (1995), expõe que: além de propiciarem e facilitarem mudanças, estes locais atendem, sobretudo, a uma necessidade de o indivíduo trocar, compartilhar e mais do que isto, se sentir pertencente e consciente dos seus direitos. E, segundo Bosi (1995) durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse remédio contra os danos do tempo.

A partir da análise dos dados da pesquisa realizada, 15 (quinze) seniores fazem parte de grupos de convivência, dentre eles, 12 (doze) mulheres e, conseqüentemente, 03 (três) homens. Os demais não participam efetivamente de grupos específicos de convivência, no formato para seniores, porém, 03 (três) deles, participam de grupos religiosos, tais como da (Maçonaria), da Igreja Católica, do Lions Clubs International (LIONS)⁵⁵, encontros na praça pública e grupos de encontros semanais com ex-colegas de profissão.

No quadro abaixo, especifica-se:

Quadro 13 – Entrevistados participantes em grupos antes/após aposentadoria

H/M	Grupos de convivência	Outros grupos	Não participam	Após aposentadoria	Antes da aposentadoria
Mulheres	12	03	06	11	04
Homens	03	01	05	04	0

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Esta pesquisa, conforme se observa no quadro acima, não se afasta das pesquisas já realizadas por especialistas do assunto. Seguramente, há mais mulheres frequentadoras dos grupos de convivência, sendo que, de 12 (doze)

⁵⁵ Lions Clubs International é uma das maiores organizações internacionais de clubes de serviço do mundo, voltada para serviços humanitários, fundada por Melvin Jones. Seus membros, denominados como "Companheiro Leão" ou "Companheira Leão" são associados aos Lions Clubes espalhados pelo mundo.

mulheres, apenas uma iniciou a participação nos grupos, antes da aposentadoria e as demais 11 (onze), após a aposentadoria.

Sim, comecei após a aposentadoria. Eu tenho o grupo do SESC, da mãe Rainha, o Grupo de Bocha das Dores, eu tenho o Grupo de Bocha daqui (AABB)⁵⁶, do Banco do Brasil, tenho 2 grupos de viagem, que já temos mais de 100 pessoas já e mais as viagens com os filhos (...) Antes de me aposentar eu não participava em nada, só dava aula. Eu mesma que fui buscar estes grupos, fui atrás. Hoje, sou muito mais participativa (02M, 65 anos).

É notório o envolvimento dos seniores, a partir da fala anterior, em que uma entrevistada, após a aposentadoria, foi em busca de ocupação do tempo livre de forma a ressignificar o modo de vida atual.

Logo que eu me aposentei eu queria abranger tudo, tudo o que eu não tive tempo de fazer (04M, 67 anos).

Sim, comecei após a aposentadoria do grupo SESC. Me traz tanto benefício físico, como mental e espiritual. É um benefício, grande, muito grande, geral. Eu já fui presidente do Grupo Maturidade Ativa (05M, 74 anos).

Sim, após a aposentadoria. Eu coordeno há 5 anos um grupo da Terceira Idade da Seicho-No-Ie. Muitos benefícios, porque a gente tem mais entusiasmo, alegria., pois os próprios adeptos já denominaram a 'tarde da alegria', quando tem reunião (07M, 76 anos).

⁵⁶ Associação Atlética do Banco do Brasil.

Após a aposentadoria e são muitos os benefícios que fica difícil enumerar. Bem estar físico, mental. Sempre saímos alegre dos encontros. É muito, mas muito bom (10M, 67 anos).

O grupo que eu participo é um grupo de colegas professoras aposentadas, então, uma vez por semana, a gente se reúne ou em uma cafeteria, ou no shopping, ou sai pra jantar, abriu um lugar novo, a gente está lá. Isso é religioso, toda a quinta-feira a gente se encontra, chova 'canivetes' a gente está lá. Então é o dia em que eu vou no salão de beleza, me arrumo. Esta parte social é muito importante, nos motiva a esperar toda a quinta-feira. Lá a gente brinca, conta causos, anedotas, onde quer que nós estivermos, a nossa mesa é sempre a mais alegre. É lindo de se ver. Sim, hoje sinto que sou mais participativa, ainda mais depois da aposentadoria, porque antes, era do trabalho pra casa, filhos, marido...agora todos criados e ajuizados, tem os netos, mas isso é responsabilidade dos filhos, ajudo, mas não sempre. Hoje, eu vivo pra mim e por mim. Não é egoísmo, é aproveitar e fazer por mim, o tempo que ainda resta, tu não concorda comigo? (16M, 67 anos).

Quanto a essa última fala, pode-se verificar que não apenas os grupos organizados de convivência trazem benefícios para os seniores, como também, a manutenção das redes de relações enquanto tinham suas atividades profissionais. São ações pouco comuns no universo do envelhecimento que, uma vez divulgadas, poderiam socializar mais os seniores que não participam efetivamente dos grupos de convivência.

Depois que eu me aposentei eu entrei no do grupo Mexe Coração. É o grupo mais antigo na cidade. Me faz um bem danado. Toda a semana, conforme a época, são 3 vezes na semana, os encontros, então estou sempre envolvida. Às vezes não sobra tempo nem pra ver televisão. Vejo que esta participação nos grupos de terceira idade é fundamental para o

bem estar e para uma melhor qualidade de vida para os idosos (...) quando se chega nesta etapa da vida, o que a gente precisa e o que faz bem é o contato com o outro, a alegria, a descontração. O relacionamento entre pessoas é fundamental, cura até doenças, pode ver que quem tá doente hoje, não tem muito isso. Então esses encontros não deixam nada a desejar, são combustível, a bateria que nos faz viver mais e melhor (18M, 71 anos).

Após a aposentadoria, tive que ocupar o meu tempo, só que agora, com o lazer, então, faz um ano que eu me aposentei e no mesmo dia que eu fui assinar os papéis, eu vim aqui no grupo me informar. Eu não tenho como descrever, pois os benefícios são muitos (22H, 65 anos).

Seguramente, afirmamos os inúmeros benefícios alcançados com a participação nos grupos, com o envolvimento dos seniores a partir das relações intrageracionais. Há a demonstração de satisfação, felicidade e alegria. Para Motta (2004), ao analisar a sociabilidade de uma associação de idosos, descobriu, através dos relatos que ali eles encontravam alegria, distração, mais saúde, companhia e, sobretudo o descompromisso emocional que restaurava, diferentemente das imposições da vida de família. Segundo Deps (1993), parece não haver relação entre o bem-estar dos idosos e a frequência com que convivem com seus filhos e demais parentes, assim, a atividade extrafamiliar pode constituir numa oportunidade de bem-estar emocional para o idoso pela convivência com outras pessoas que não fazem parte da família. Sendo que, a partir de algumas falas nesta pesquisa, a maioria das seniores mulheres disse que seus melhores amigos não são familiares, conforme consta em passagens deste capítulo.

Também, conforme Deps (1993), o desempenho de atividades e o suporte social podem contribuir para reforçar o sentimento de valor pessoal. Reforçam, pois, o autoconceito, a autoestima, que pode facilitar para o idoso a enfrentar as situações estressantes decorrentes do próprio declínio físico, perdas pessoais, etc. Para essa autora, a autodeterminação e a livre escolha contribuem para a satisfação pessoal.

Por esse motivo que, ao participarem desses grupos e associações, onde nenhuma obrigação lhe é imposta, aumentam a satisfação e felicidade.

Reforçando, desse modo, percebe-se a dimensão e a importância que os seniores atribuem as suas participações nos grupos de convivência, onde a partir da fala seguinte, do presidente da Associação dos Grupos de Pessoas Adultas Maiores Rurais (AGPAMAR), integrante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria, pode-se perceber com mais intensidade.

O trabalho começou assim: levávamos um enfermeiro lá fora [no meio rural], eles coletavam sangue de todos os integrantes do grupo, aí em seguida, levavam pra cidade, um mês depois, levavam o resultado e explicavam quem tinha colesterol alto, o que deveria fazer, que alimentação, isso cativou o pessoal para os grupo. Então com estas ações o nosso povo lá de fora, começou a se sentir bem melhor, mais saudável, outra coisa que melhorou muito nas comunidades foi a união da comunidade. Tem comunidades aí que tinham um salãozinho pequenininho, uma igreja do tamanho dessa sala ou um pouco mais e com esses grupos tiveram que fazer um salão maior, porque a comunidade começou a sair de casa. Um exemplo é que só os jovens participavam dos bailes, agora a maioria dos idosos participam, então tiveram que aumentar os salão da comunidade. Hoje, se não fosse a Terceira Idade, os baile já tavam terminado no interior. Também, todos os grupo fazem as domingueira uma vez por ano, e os grupo do interior visitam nas domingueira, então eles se reencontram e muitos dizem 'a tu é o fulano, sim, tu morou em tal lugar, sim, mas tu é o filho do...então isso é emocionante'.

Se não fosse esses grupo aí, muitas das pessoas que ainda vivem, já tinham partido, porque antes, só ficavam na frente da televisão. E o melhor de tudo é que com esses grupo, a gente conseguiu segurar mais o pessoal lá fora. Então, muitos assumiram a horta, que nem mais queriam e hoje também fazem isso como exercício, as palestras mudaram a forma das

peças de fora, pensarem. Ele vai ver um carneiro, uma galinha, tudo isso ele tá se exercitando. Se ele vem pra cidade, ele vai ficar só na frente da TV ele tá sujeito a sair na rua e ser assaltado, ser atropelado, então é muito melhor ficar lá fora. E o nosso grande objetivo aqui do Sindicato é fazer o pessoal permanecer lá na comunidade (26H, 66 anos).

Esse relato exemplifica o significado atribuído a esses grupos, que, além de serem importantes para o sênior, para o bem estar físico, mental e emocional, a sua funcionalidade e finalidade ultrapassam esses determinantes individuais e ressignificam a vida das comunidades, onde até mesmo, aqueles que não participam diretamente das atividades internas do grupo, foram beneficiados – conforme o relato – de forma a integrar mais a comunidade. Isso fez com que muitos ficassem residindo no meio rural, e não vindo para o centro urbano, ou seja, evitou de certa forma, o êxodo rural.

A seguir, a pedido da pesquisadora, uma foto com o presidente da AGPAMAR, senhor Valter Londero e da Presidente do grupo de uma das comunidades rurais – ambos entrevistados – neste caso, de Santa Flora, a senhora, Lisete Toniolo, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria.

Figura 08 – Representantes da AGPAMAR - Sindicato Trabalhadores Rurais



Fonte: Arquivo pessoal. Foto em 09/12/2013

Não apenas no âmbito rural, mas no urbano também, constata-se um determinante decisivo para que os seniores permaneçam nos grupos que é a solidariedade e a reciprocidade entre os participantes, a partir da fala:

“Eu fiz uma cirurgia de carótidas e sei que muitos amigos oraram por mim, isso é muito bacana. Sempre quando tem um ou outro que tem problemas de saúde, a gente reza pelos outros e eu acho que isso fortalece mais a amizade (24H, 71 anos).

Godbout (1999, p. 22) afirma que há uma lei fundamental que organiza todas as sociedades. Essa lei, segundo ele, opera de acordo com a ideia de reciprocidade, sem sentido mercantil, mas como troca generalizada que envolve seres sociais: “quando alguém recebe, contrai-se imediatamente uma dívida de relação social com o outro”. Não obstante, em sua abordagem, o mundo moderno não pode materializar tudo, pois há sempre um campo de significação cujo motor da vida social é justamente estar-se em relação.

Por conseguinte, parte-se do entendimento de que as práticas de reciprocidade, solidariedade e a afinidade, mesmo identificadas no sentido emocional e relatadas pelos seniores, estão diretamente ligadas às dimensões de sociabilidade nos participantes dos grupos.

“Sabe, quando eu cheguei aqui no grupo, eles me receberam tão bem, mas tão bem, que na primeira vez eu já me senti em casa, daí eles vem te abraçam, conversam, não tem aquela distância, sabe? Eu até pensei, antes de chegar, como será que vai ser, será que eu vou gostar, a gente nunca sabe como vai ser, mas foi muito bom, e daquele dia em diante eu decidi ficar, principalmente pela forma como eu fui recebida, sabe? (11M, 72 anos)

Entretanto, nota-se que a receptividade também é um fator determinante e importante nos processos de sociabilidade dos seniores que chegam aos grupos, pois se sentem acolhidos e aceitos no local e a partir de então, estabelecem uma

relação de confiança com os demais que, segundo Caillé (1998, p. 18), “somente através da confiança é possível construir e manter redes sociais”.

Em contrapartida, 11 (onze) seniores entrevistados disseram que não participam de nenhum grupo de convivência, sendo 06 (seis) mulheres e 05 (cinco) homens.

Olha, eu não participo de nenhum grupo, porque eu continuo trabalhando, mas todos os verões eu viajo com um grupo da terceira idade (01M, 68 anos).

Não participo. Eu tenho um problema nos joelho e isso me impede até de ir no mercado, que é aqui na outra quadra (08M, 72 anos).

Eu não participo de nenhum grupo, porque ainda me envolvo muito com a família, filhos, netos e sobrinhos. Também, sempre tem um ou outro da família doente, então a gente se envolve. A minha família é muito grande, somos em 14 irmãos (13M, 69 anos).

Como eu ainda trabalho, não dá pra participar, mas eu sei que é muito bom (23H, 66 anos).

Não participo de nenhum grupo de terceira idade porque eu não tenho muito tempo, me envolvo com tanta coisa e assim tá bem bom (27H, 70 anos).

Não participo de grupo não, mas conheço muitos amigos que vão e gostam muito. Até já me convidaram, mas ainda não deu no jeito. Já fui no Acampavida e gostei muito. (28H, 67 anos).

Não participo porque eu tenho uma chacrinha⁵⁷ pra fora e eu vou todos os dias pra lá, lá eu me envolvo o dia todo, só chego em casa a tardinha. Então não tenho tempo pra participar. A minha esposa participa e gosta muito (29H, 67 anos).

Eu não participo de nenhum, mas todos os dias eu me encontro com amigos no calçadão, somos um grupinho que 'marcamos ponto' todos os dias no Café da Galeria. Ali conversamos por mais de duas horas, não deixa de ser um grupo, não é mesmo? (...) Isso me faz muito bem esse contato com amigos, saber de um, de outro. Se algum fica doente, todos vamos ver. Aí tem os lojistas que já nos conhecem e sempre conversam. Sabemos de tudo o que se passa no calçadão de Santa Maria, quem passa, é lindo de ver! E o melhor de tudo, é que, quando um não aparece, ah, alguém já liga pra casa dele pra ver o que aconteceu, então somos muito amigos, temos afinidade. Nesta época da vida, é saudável, é vital, a atenção das pessoas. Se eu tenho um compromisso que não posso estar lá, tenho que ligar e avisar, porque senão eles ligam. Isso acontece com todos. Então assim: quando um tem consulta médica ou qualquer outro envolvimento, já avisa um dia antes, para não dá preocupação com os demais (26H, 68 anos).

A maioria dos seniores entrevistados justificou o porquê da não participação em grupos de convivência, subentende-se dessa forma, que os grupos são bem vistos pela sociedade, de forma positiva e contribuintes para uma melhor qualidade de vida. Não obstante, há aqueles que, efetivamente, não aderem a esses grupos formais, porém, se encontram ritualisticamente, seja em praças públicas, restaurantes, shoppings, etc, com o objetivo de compartilhar experiências, vivências

⁵⁷ Propriedade rural onde não há grandes produções, apenas para a subsistência. Comum no sul do Brasil. Há aqueles que residem no local e aqueles que têm o local apenas para descanso semanal, produção de hortaliças e até mesmo criação de pequenos animais.

e ressignificarem suas vidas, a partir do afeto, da solidariedade e das afinidades que os encontros propiciam.

Conforme relatado por um dos entrevistados (28H, 67 anos), embora esse sênior, assim como muitos que não participam assiduamente de grupos de convivência, têm a possibilidade de participar de um evento que é o “Acampavida”, organizado pelo Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade, vinculado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria (ACAMPAVIDA/NIEAT/UFSM)⁵⁸. Ele ocorre anualmente, durante o “Mês do Idoso”, que se inicia no dia 1º de outubro⁵⁹ nas dependências do Campus da instituição. Portanto, são dois dias intensos de atividades destinadas aos idosos e pessoas acima de 55 (cinquenta e cinco) anos. Para participar do evento é necessário contribuir com uma pequena taxa de inscrição⁶⁰ e não necessita ser apenas seniores dos grupos de convivência. Todas as pessoas têm livre acesso⁶¹. O objetivo do evento é oportunizar momentos de convivência, através de variadas atividades, tais como: atividades físicas, culturais e de lazer. Além disso, o “Acampavida” serve como um laboratório de ensino, tendo o apoio de 400 (quatrocentos) colaboradores de 13 (treze) cursos de graduação de diversas áreas de ensino, como também colaboradores de outras instituições. Além do mais, esse evento promove oficinas como atividades aquáticas, dança, ginástica recreativa e funcional, nutrição, direito do idoso, musculação, cultivos hidropônicos, cuidados com a saúde, mostra artística, fonoaudiologia, psicologia e direitos do idoso, e, ao final, o baile de encerramento.

⁵⁸ Em 2013, já estava na 15ª edição do evento.

⁵⁹ Mês de outubro, consagrado o mês do idoso.

⁶⁰ Em outubro de 2013 a taxa era no valor de R\$ 12,00, com direito à camiseta do evento e materiais informativos, folders, etc.

⁶¹ A edição de 2013, que aconteceu nos dias 19 e 20 de outubro, reuniu 1500 participantes dos diversos grupos de convivência da cidade e região, bem como idosos da comunidade em geral.

Figura 09 – Acampavida – Oficina de Direito (Os direitos contidos no Estatuto do Idoso)



Fonte: Arquivo pessoal. Outubro/2011

Figura 10 – Acampavida – Oficina de fisioterapia



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11 – Acampavida – Cuidados com a beleza e a saúde



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12 – Acampavida - Grupo da instituição “Lar das vovozinhas”



Fonte: Arquivo pessoal

Conforme figura acima, além de grupos de convivência, seniores da comunidade, instituições e lares também participam.

Figura 13 – Acampavida – Academia para musculação e atividades físicas



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14 – Acampavida – Atividades de recreação



Fonte: Arquivo pessoal

Dentro das atividades lúdicas está a escolha da Rainha e Rei do Estatuto, sendo que o critério da seleção é saber direitos contidos no documento.

Figura 15 – Acampavida – Atividades aquáticas



Fonte: Arquivo pessoal. Outubro/2012

Esse evento é uma referência no trabalho com os seniores, visto que contribui para uma maior socialização, como também incentiva os jovens monitores das oficinas a refletirem sobre o processo de envelhecimento. Analisa-se não apenas como um evento destinado aos seniores, mas um encontro entre gerações, uma oportunidade de contato dos jovens com idosos, além do intercâmbio e troca de informações entre os diversos cursos da Universidade, tratando da mesma temática, o envelhecimento. Essa aprendizagem interdisciplinar acredita-se ser fundamental para a formação de futuros profissionais.

Figura 16 – Acampavida – Atividades lúdicas



Fonte: Arquivo pessoal. Outubro/ 2012

Desse modo, o “Acampavida” é um evento específico da cidade de Santa Maria que significa envolvimento social, lazer e novos conhecimentos. Integra todos os grupos de convivência, bem como atrai pessoas da comunidade que, diretamente, não estão vinculadas a nenhum grupo. Muitos relataram que após a participação no “Acampavida”, decidiram-se por participar efetivamente dos grupos, já que o evento proporciona esse contato e essa interação.

Porém, ao analisar o grande atrativo dos grupos de convivência, como desse evento, afora, o envolvimento social entre os seniores, a busca por novos conhecimentos e atividades físicas, nota-se que se sobrepõe o lazer, como o “carro chefe” que possibilita a curiosidade de muitos seniores a aderirem, com a liberdade de usufruir o tempo livre, em busca de prazer. Esse entretenimento tão buscado pelos seniores os possibilita vivenciar experiências lúdicas, como forma de escaparem deles mesmos, dos sofrimentos advindos com a idade e de experimentarem novas sensações, buscar conhecimentos e acima de tudo, exercer o protagonismo nestas atividades propostas.

A partir da fala de uma das entrevistadas, constata-se:

Há mais alguma questão que você gostaria de dizer para contribuir nesta pesquisa?

Que o idoso tem que viver a vida, aproveitar o dia de hoje, porque o dia de amanhã a Deus, pertence. Então a gente tem que aproveitar a viver e ser alegre, só isso (04M, 67 anos).

Sempre saímos alegre dos encontros. É muito, mas muito bom (10M, 67 anos).

Contudo, talvez seja na aposentadoria o momento ideal de se recuperar o que se é. De “olhar para dentro” e estar aberto para novos olhares e experimentações, livre das exigências de corresponder ao papel desempenhado obrigatoriamente ao longo da vida.

4.3.3 Voluntariado

Outro elemento importante na reinserção social do sênior, após a aposentadoria e bastante incentivado pelos grupos de convivência é o trabalho voluntário⁶². Para tanto, “pode-se definir o trabalho voluntário como sendo qualquer atividade onde a pessoa oferta livremente o seu tempo, para beneficiar outras pessoas, grupos ou organizações, sem retribuição monetária”. (FIGUEIREDO, 2005)

De acordo com Silva (2003), no Brasil, o voluntariado existe há aproximadamente cinco séculos. A literatura indica como pioneira dessa atividade a fundação da Santa Casa de Misericórdia, na cidade de Santos (estado de São Paulo), no ano de 1532. Historicamente, esta prática sempre foi associada à assistência social e às religiões, principalmente a católica.

Para fins de comprovação, no Brasil, o trabalho voluntário é legislado pelo art. 1º da Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, que consta (BRASIL, 1998)⁶³:

Considera-se serviço voluntário, [...], a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Nesse contexto, observa-se que o SESC⁶⁴ foi pioneiro no desenvolvimento das atividades educacionais, esportivas, assistenciais e sociais com seniores no país, e seu papel inovador no campo do envelhecimento dá a ele um lugar de destaque entre as organizações representativas da velhice. Ele próprio se destaca como precursor dessa “nova tendência”, adotando a responsabilidade social como filosofia bem antes de se tornar “modismo”.

Com o surgimento de novos grupos, a tendência do comprometimento social se tornou corriqueiro, ao ponto de uma grande maioria de grupos proporcionarem o

⁶² Neste item não iremos discutir se as ações de voluntariado transferem a responsabilidade que seria do Estado para a sociedade civil, no enfrentamento das questões sociais. Percebe-se que estas ações reduzem, em certa medida, a ação do poder público em fundamentar uma política pública de Assistência Social, principalmente no que se refere ao envelhecimento. Para tanto, seria necessário realizar uma análise histórica a partir da constituição do estado de Bem-Estar ou Welfare State, o que não é o objetivo desta tese. Porém, nossa motivação é analisar o voluntariado como alternativa de sociabilidade e protagonismo dos idosos.

⁶³ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9608.htm Acesso em 07/01/2014.

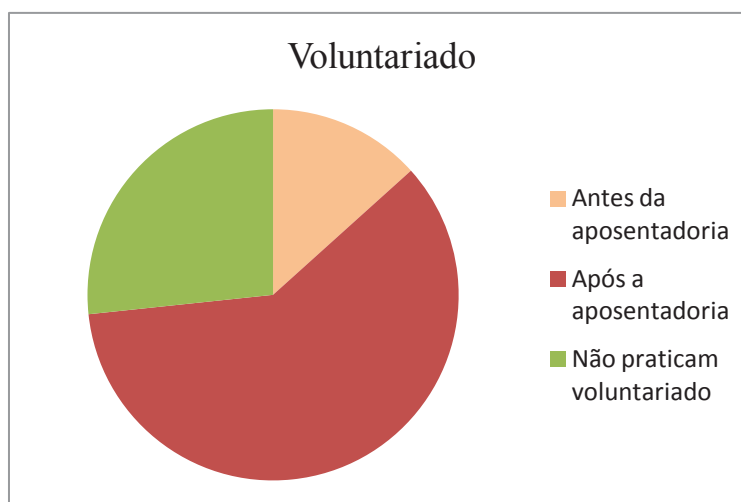
⁶⁴ Serviço Social do Comércio. Em 1963, o SESC/São Paulo, lança programa inédito destinado aos comerciários aposentados.

engajamento destes seniores no trabalho voluntário, como maneira de exercer a cidadania e a responsabilidade social. Segundo pesquisa realizada por Dal Rio (2004), a consciência crítica está presente nos trabalhos voluntários exercidos pelos idosos: veem-se como coadjuvantes das políticas sociais, mas não eximem o Estado das responsabilidades.

Entre os seniores, o momento pós-aposentadoria é um dos fatores que proporcionam o interesse pelo voluntariado, sendo que, nesta pesquisa, dos 30 (trinta) seniores, 18 (dezoito) iniciaram a praticar após a saída do mercado de trabalho, 04 (quatro) já eram voluntários ainda quando trabalhavam e 08 (oito) não voluntariam.

Conforme exemplificado no gráfico abaixo:

Gráfico 06 – Prática do voluntariado entre os entrevistados



Fonte: elaborado pela autora da tese

Dentre os 18 (dezoito) seniores que iniciaram a praticar o voluntariado após a aposentadoria, destaca-se que 13 (treze) deles foram motivados pelos grupos de convivência e os 08 (oito) seniores que não voluntariam, 04 (quatro) deles não participam dos grupos e os outros 04 (quatro), participam dos grupos, porém, suas limitações físicas e de saúde o impedem de praticar.

Destaca-se, portanto, entre os seniores – particularmente os aposentados – que o voluntariado é uma prática comum e em crescente expansão, servindo como mecanismo para manterem-se socialmente ativo e afastarem-se do preconceito advindo com a aposentadoria, entre outros benefícios.

Nesse sentido, a ONU⁶⁵ publicou, na 2ª Assembleia Mundial para o Envelhecimento através das propostas do Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (PAIE), inicialmente criado em 1982, em Viena e, cujo objetivo é garantir que as pessoas possam envelhecer com segurança, dignidade e saúde, participando ativamente da sociedade e do seu desenvolvimento (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003, p. 34). Segundo este documento:

Uma sociedade para todas as idades inclui o objetivo de que os idosos tenham oportunidade de continuar contribuindo para a sociedade. [...] A contribuição social e econômica dos idosos vai além de suas atividades econômicas, já que com frequência essas pessoas desempenham funções cruciais na família e na comunidade. Muitas de suas valiosas contribuições não se medem em termos econômicos, como no caso dos cuidados prestados aos membros da família, o trabalho produtivo de subsistência, a manutenção dos lares e a realização de atividades voluntárias na comunidade. [...] é preciso reconhecer todas essas contribuições, inclusive as de trabalhos não remunerados pelos idosos [...].

Assim sendo, coloca a participação dos idosos na sociedade, através da realização do trabalho voluntário, como um dos objetivos e compromissos a serem adotados pelos países preocupados em manter uma sociedade para todas as idades. Esse documento reconhece que a contribuição social dos idosos vai além de suas atividades econômicas, pois muitas de suas valiosas colaborações não se medem nos termos econômicos, como nos cuidados prestados aos membros da família e na realização de trabalhos voluntários na comunidade, servindo, estas e outras ações, para aumentar e manter o bem-estar pessoal e coletivo, portanto a OMS considera o voluntariado como elemento importante para a manutenção do bem estar e da qualidade de vida na velhice, além de ser uma proposta para o envelhecimento ativo.

Dessa forma, evidencia-se a relevância atribuída à participação dos seniores na sociedade, destacando, neste momento, o voluntariado como uma das ferramentas para que os mesmos continuem ativos. Porém, ao considerar o contexto social, principalmente por intermédio desta pesquisa, acredita-se que essa prática seja mais propensa, em seniores com poder socioeconômico maior, escolaridade, bom estado de saúde e religiosidade, ambos determinantes que levam a uma consciência e acesso ao voluntariado, como também, uma maior probabilidade de ser convidado a voluntariar.

⁶⁵ Organização das Nações Unidas.

A partir dos dados empíricos da pesquisa, pode-se aclarar a dimensão da sociabilidade pela prática do voluntariado:

As perguntas acerca do assunto, assim se apresentavam:

“Você participa de algum trabalho voluntário na comunidade? Em qual Instituição?”

“Quais os benefícios que o trabalho voluntário trouxe para a sua vida?”

Faço voluntariado no grupo de Mãe Rainha de Schoenstat, (costuro roupas para as crianças carentes que nascem nos hospitais da cidade); e o trabalho voluntário que o SESC proporciona.

Bah, maravilhoso. Só em tu pensar que tu ajuda o próximo, né? Principalmente os que necessitam. É o que todo mundo deveria fazer, ainda mais que hoje em dia o mundo tá muito difícil, pra nós, pessoas da terceira idade, então a gente nota que antigamente não tinha isso aí. Essa ganância, por dinheiro, por dinheiro, esses empresários que só pensam em dinheiro e não pensam nas criatura da classe média pra baixo. Então é uma ganância que quanto mais tem, mais quer e não sabem que o dinheiro é bom pra viver, mas não pra acumular. Quantas pessoas aí morrendo porque não tem dinheiro pra comprar remédio, não tem lugar nos hospitais e essa corja de políticos aí roubando e ninguém vê nada (02M, 65 anos).

Sim, ensino técnicas artesanais para dois grupos de artesãs: na Unifra e nas Gurias Arteiras. Maior conhecimento de saberes e fazeres (03M, 69 anos).

Sim, através do SESC onde a gente visita creches carentes, os asilos, e através do Abrigo Oscar Pitan eu faço trabalho beneficente, onde aos domingos eu cozinho, pois a gente cozinha, pois neste dia não tem empregados. Me traz muita tranquilidade, muita paz de espírito, muito bom viver (05M, 74 anos).

Figura 17 – Grupo de convivência MEXE CORAÇÃO em ação voluntária, no Asilo Vila Itagiba



Fonte: Arquivo pessoal. Feita em 19/09/2013

O meu trabalho voluntário é como coordenadora do grupo da Terceira Idade em Santa Flora, lá no interior. Eu me desdubro mesmo!

Ah eu adoro, eu amo, porque só a amizade que se faz, eu gosto muito disso, me faz muito bem (06M, 65 anos).

Sim, eu participo do Abrigo Espírita Oscar Pitan que é para idosos, sou voluntária e cozinho aos domingos, na folga da funcionária, então meu marido e eu estamos neste grupo e fora isso, aqui no Grupo da Maturidade a gente faz bastante trabalho social e particularmente tem uma creche que mensalmente a gente ajuda com leite e várias instituições que, na medida do possível a gente ajuda.

Com certeza, eu sempre digo que quando a gente ajuda alguém, o maior beneficiado somos nós (10M, 67 anos).

Figura 18 – Grupo de convivência do SESC em ação voluntária, no Abrigo Oscar José Pithan



Fonte: Arquivo pessoal. Feita em 26/08/2013

Sim. Dou aulas de culinária em instituições. Ajudo no Lar das Vovozinhas onde colaboro na confecção de fraldas geriátricas. Me preenche e me motiva a viver mais e melhor (13M, 69 anos).

Eu sou voluntária na APAE, onde colaboramos com dinheiro e campanhas de ajuda em épocas que mais precisam. Quando eu posso, também vou lá, brincar com eles e contar histórias da época em que eu era criança. Isso me faz um bem enorme. Eu vou levar ajuda e quem mais recebe sou eu. Sinto mais ânimo pra viver, mais vida, mais vontade de ajudar o próximo. É muito bom (17M, 69 anos).

Sim, faço trabalho voluntário incentivado pelo grupo. Vamos em várias instituições, casa mês é em uma. E lá a gente leva donativos, leva o nosso carinho e a nossa atenção. A gente conversa com os idosos, e quando sai de lá eles ficam até tristes. Nesta fase da vida é só isso que eles precisam, de atenção (18M, 71 anos).

Figura 19 – Grupo MEXE CORAÇÃO chegando com donativos nas instituições



Fonte: Arquivo pessoal. Feita em 27/08/2013

Sim, sou do LIONS e então estamos sempre fazendo campanhas para ajudar as instituições de Santa Maria. Gosto muito de ajudar a quem precisa, isso nos renova, nos dá motivação pra viver (20M, 73 anos).

No grupo, uma vez por mês eles nos levam nas instituições aqui de SM, então a gente leva o que eles precisam e também, a gente conversa com os idosos, ajuda em algo que for preciso. A impressão que dá é que eu saio mais jovem, mais animada, porque a gente vê idosos em condições piores que a nossa (21M, 71 anos).

Sim, aqui, como Presidente do COMID (Conselho Municipal do Idoso) que é um trabalho voluntário e na União Beneficente dos Praças Inativos (Presidente do Conselho Fiscal), também, e no Centro de Tradição e Folclore dos Inativos (Vice-Patrão) também.

Ah, trazem muitos benefícios, não tem como enumera. (24H, 71 anos).

Faço sim. Eu sou o ministro da eucaristia, há 33 anos. Então a gente leva a eucaristia para os doentes em casa, no hospital. Também faço um trabalho voluntário com a Terceira Idade, aqui no Sindicato Rural, coordeno os grupos, que começamos há 16 anos, são 20 grupos, pois esse é um trabalho que tocaria para o Poder Público, mas como o PP, não faz nada pra ninguém, e o nosso pessoal do interior tava muito abandonado, a gente inventou de começar este trabalho, que no início foi muito árduo, difícil e tinha gente que até nos criticava por isso, pois ele é um trabalho além do sindicato, ele não faz parte.

Também, Participo do COMID. Participo do Conselho Municipal do Transporte, Conselho Municipal da Saúde, Conselho das Águas do Rio Vacacaí e Mirim, Conselho de Assistência Social e COMID de São Martinho da Serra, Dilermando de Aguiar e Itaara e como Presidente do AGPAMAR, tudo isso de voluntário.

Quando eu vou nos grupos, eu levo os palestrantes, eu me sinto tão feliz quanto eles (26H, 66 anos).

Sim, meu trabalho como voluntário é em uma fazenda de dependentes químicos, onde toda a semana eu vou lá levar uma palavra de conforto e também ajudo naquilo que for preciso. Eu não sei o que seria da minha vida sem fazer isso. É o que dá sentido pra minha vida, entende?(27H, 70 anos).

Eu não faço um trabalho voluntário todos os meses, mas em datas como dia da criança e natal, nos reunimos em um grupo de pessoas e organizamos festas para as crianças. Então, durante o ano, arrecadamos brinquedos e doamos a alimentação. É lindo de ver aquela gurizada correndo feliz, com presentes novos, pode ser coisas bem simples, mas eles se contentam com pouco. Isso 'lava' a alma e a gente volta pra casa, deita no travesseiro e tem a certeza que cumpriu a missão naquele dia. É muito bom!(30H, 69 anos).

Conforme se percebe nas falas, todos os seniores que exercitam a ação do voluntariado são unânimes em relatar que se sentem bem ao praticar. Alguns o fazem em mais de uma instituição e isso os deixa felizes, sentem-se úteis e produtivos e conseqüentemente o retorno no bem estar e na qualidade de vida são garantidos.

A partir desta pesquisa, pode-se perceber que muitas instituições religiosas na cidade já incentivam a prática, comprovado nas falas:

Sim, a própria Seicho-No-Ie⁶⁶ proporciona fazer voluntariado, orações de benção nas residências, dar palestras.

Os benefícios são muitos, faz com que eu estude mais, esteja sempre buscando mais pra cabeça não parar. Isso é muito saudável (07M, 76 anos).

Sou voluntária e coordenadora da Pastoral da Pessoa Idosa, faço parte da Pastoral da Acolhida na Catedral, Catequese para Adultos, faço parte do Carisma do Amor Divino e trabalho na portaria, na recepção do Banco da Esperança, vou na Feira com as irmãs lá no Terminal Don Ivo Loscheiter, Os benefícios, são imensos né. [...]. (09M, 65 anos).

Sim, eu dou aula de trabalhos manuais na Catedral, nas quartas-feiras.

Ah, muitos benefícios, o que a gente conversa, o que a gente faz de amizades, sai na rua e dizem: “oi profe”, isso não tem preço (11M, 72 anos).

Nesse último comentário, notadamente se constata a satisfação dessa sênior ao ser reconhecida, na rua, como “professora”, por uma aluna. O senso de utilidade a deixou contente, refletindo, dessa forma, na sua satisfação de viver, no seu bem estar.

⁶⁶ Filosofia de vida oriental, fundada no Japão com preceitos do Budismo, Xintoísmo e Cristianismo.

No caso brasileiro verifica-se uma carência de estudos relacionados às implicações do trabalho voluntário na saúde e na vida dos seniores e, principalmente as implicações na sociedade, talvez pelo fato de que a discussão sobre essa atividade seja, ainda, recente (FRIAS, 1999; DAL RIO, 2004).

Segundo se verifica há casos de seniores que por problemas de saúde ou locomoção estão impossibilitados de visitar instituições e praticar o voluntariado, porém, optaram por contribuir financeiramente com estas instituições, o que, é bastante comum essa ação, até mesmo com idosos que voluntariam nos locais.

Já fiz muito trabalho voluntário, hoje apenas colaboro com duas instituições. O Lar Criança Feliz e a CACC. Sim, me faz bem ajudar (14M, 71 anos).

Eu colaboro com uma instituição AAPECAN⁶⁷, doando um certo valor por mês para compra de alimentos especiais aos doentes de câncer. Me beneficia muito porque posso repartir o que tenho, assim como Jesus Cristo nos ensinou (16M, 67 anos)

O trabalho voluntário que eu faço é ajudar financeiramente umas creches. Faço isso porque a minha saúde não está tão bem assim, que eu possa ir nos lugares, então ajudando com dinheiro, sei que também estou colaborando. É muito bom. Sinto que estou fazendo a minha parte como cidadão de verdade (28H, 67 anos).

Assim exposto, percebe-se que o voluntariado presente nas práticas dos seniores, colabora para transpor a tendência atual – que julga a velhice como um fardo social – para uma concepção que considere o sênior como sujeito participante e ativo, de uma sociedade com integração social e contribuição ativa. Nesse sentido, visualizar e incentivar como fundamental a atuação de seniores na sociedade de forma participativa e construtiva é uma das importantes metas dos profissionais ligados à área da gerontologia e da sociologia. Não se pode aceitar apenas a

⁶⁷AAPECAN: Associação de Apoio às Pessoas com Câncer.

longevidade do ser humano como a principal conquista contemporânea, mas sim, que ela venha acompanhada de uma ativa participação na comunidade, com felicidade, qualidade de vida e saúde (SILESTRE; COSTA NETO, 2003).

Assim, constata-se na pesquisa empírica a cerca dos benefícios do trabalho voluntário na vida dos seniores que praticam:

Eu não sei o que seria da minha vida sem fazer isso. É o que dá sentido pra minha vida, entende?(05M, 74 anos).

A convivência com as outras pessoas, eu amo trabalhar, me doar pelas outras pessoas (06M, 65 anos).

Preenchem totalmente o meu tempo (...) pra fazer feliz o maior número de pessoas (07M, 76 anos).

O maior beneficiado é a gente, com este trabalho. A gente pensa até que tá ajudando as pessoas, pode até ajudar, mas o maior beneficiado é a gente mesmo, porque a gente aprende muito com as pessoas, a troca de experiência, a gente aprende bastante (09M, 65 anos).

Me preenche e me motiva a viver mais e melhor (13M, 69 anos).

Eu vou levar ajuda e quem mais recebe sou eu. Sinto mais ânimo pra viver (17M, 69 anos).

(...) isso nos renova, nos dá motivação pra viver (20M, 73 anos).

A impressão que dá é que eu saio mais jovem, mais animada, porque a gente vê idosos em condições piores que a nossa (21M, 71 anos).

Eu não sei o que seria da minha vida sem fazer isso. É o que dá sentido pra minha vida, entende? (27H, 70 anos).

Silva (2003) considera imperativo se prestar especial atenção às perspectivas de envelhecimento presentes na sociedade, levando-se em consideração suas diferentes etapas de desenvolvimento e sua diversidade social, econômica e cultural. Segundo a autora, esse é o ponto de partida para a formulação de uma política não excludente para determinados segmentos populacionais preponderantes nos países em desenvolvimento. Para tanto, deve-se preparar e adaptar os idosos para que a realidade social não limite sua participação social. Há que se desenvolver alternativas de organização social e comunitária que permitam o idoso continuar sendo parte da estrutura social, participando ativamente dela. Nesse sentido, acredita-se no trabalho voluntário como uma das formas de sociabilidade e protagonismo, servindo, em grande medida, como um mecanismo de ajuda para romper esse afastamento social a que muitos estão submetidos.

Dessa maneira, faz-se necessário mencionar que não se deve intitular ou impor o voluntariado como uma solução para todos os seniores. Considera-se, então, a atividade como uma alternativa eficiente para alguns, e não para todos, pois se admite a heterogeneidade e a diversidade entre os seniores, que é ainda mais acentuada nesta faixa etária. Dessa forma, oferecer oportunidade para o desenvolvimento de programas que envolvam o voluntariado entre idosos é um desafio a ser enfrentado.

Enfim, avalia-se essa atividade como forma de ressocializar esses sujeitos seniores, a fim de contribuir e proporcionar mais sentido às suas vidas, contribuição à sociedade e como alternativa de protagonismo social.

4.3.4 As possíveis “tribos contemporâneas”

Com efeito, na análise empírica desta pesquisa, torna-se compreensível perceber que os seniores têm deles próprios, uma consideração cada vez mais distante da condição de vítima em forma de um corpo envelhecido. Há a construção de uma nova identidade, onde o estilo de vida privilegia a preservação da saúde, a

forma física e à socialização, os seniores se reúnem em grupos, espaços públicos como parques, praças e clubes.

Jogo bocha, faço alongamento, faço hidroginástica e ainda venho jogar vôlei (02 M, 65 anos).

Faço hidroginástica terças e quintas (04M, 67 anos).

Faço vôlei, ginástica, alongamento e dança (05M, 74 anos).

Faço hidroginástica, três vezes por semana. Deixo o carro na garagem e caminho mais de 20 quadras, já pra ir aquecendo (07M, 76 anos).

Faço vôlei, ginástica e dança (10M, 67 anos).

Faço musculação, caminhadas e ginástica (11M, 72 anos).

Eu caminho todos os dias, limpo a casa que também é um exercício, faço dança contemporânea e faço musculação três vezes por semana e não me canso e se tu chegar aqui e me convidar pra sair, se eu tô em casa, é só os minutinhos de me arrumar, passar um batonzinho e já to pronta (16M, 67 anos).

Olha, eu faço muita atividade, aliás, eu não paro nunca. Mas atividade física mesmo são as caminhadas, uns 5km por dia, faço também o pilates que é muito bom e danço uma vez por semana (18M, 71 anos).

Eu caminho duas horas por dia, de segunda a sábado, isso é religioso. Conheço toda a cidade. Se tiver chovendo, eu vou de guarda-chuva, mas não me acomodo. Nessa idade, não dá pra pará, se pará, enferruja (27H, 70 anos).

Por conseguinte, essas atividades vinculam à imagem do sênior, um efeito de sentido positivo, uma vez que destaca valores indiscutíveis – o interesse por estar saudável, a preocupação com a aparência, a vontade de aproveitar a vida como viajar e passear.

Eu adoro viajar, é o meu ponto fraco (10M, 67 anos).

Tendo em vista o exposto, importante mencionar a diversidade de programas para a “Melhor Idade”, bem como o crescimento do número de seniores que frequentam, o que também colabora para a formação e consolidação dessa nova identidade. Vale dizer, identidade essa que pode levar a reconhecê-los como sendo de “novos idosos”⁶⁸ – nesta tese, nomeados por seniores – que estão mais preocupados com hábitos saudáveis, a busca por manter-se em constantes atividades, como: dança, teatro, informática, viagens, atividades assistenciais, como o voluntariado. Enfim, há um leque de oportunidades oferecidas pelos programas que oferecem diferentes propostas de lazer e ocupação do tempo livre, ou seja, são espaços nos quais o convívio e a interação entre eles permitem a construção de laços simbólicos de identificação, e onde é possível partilhar e negociar os significados da velhice, construindo novos modelos, paradigmas de envelhecimento e a construção de novas identidades sociais.

Adoro bailes de terceira idade e vamos todos os domingos (01M, 68 anos).

Nas horas de lazer eu passeio, jogo bocha, hidroginástica, alongamento, o grupo do SESC, Mãe Rainha e ainda tenho uma casa lá em Itaara⁶⁹ (02M, 65 anos).

⁶⁸ Essas considerações referem-se ao sujeito idoso com saúde física e mental, que não foi afetado por enfermidades que limitem ou tirem sua autonomia, sua qualidade de vida, tornando-os fragilizados, pois nesta etapa de vida os limites e as enfermidades tornam-se mais freqüentes para esta faixa etária.

⁶⁹ Cidade serrana à 18km de Santa Maria.

Voluntariado, o Grupo do SESC, os bailes de Terceira Idade, hidroginástica, faço tricô, faço crochê, eu pinto, faço arte francesa (11M, 72 anos).

A partir dos relatos, entende-se que a atual postura dos seniores rompe com muitas das normatizações impostas pela modernidade. Visivelmente o momento contemporâneo desconstrói princípios e sistemas construídos, desfazendo as amarras da rigidez que foi imposta ao sujeito moderno. Portanto, o tema envelhecimento chega enfatizando a velhice como experiência heterogênea e necessita, dessa forma, de novas intervenções, novas explicações e novas análises.

Conforme Simone de Beauvoir (1990) preconizou há a necessidade de desmistificar a imagem da velhice, ou seja, despír a condição da velhice da condição de descartável e de insustentável, numa sociedade que se caracteriza pela agilidade, intensidade e provisoriedade de objetos e relações. Isso se torna um exercício necessário e arriscado, principalmente porque todo o estudo sociológico acerca da velhice necessita ter como pressuposto o fato desta ser, acima de tudo, uma construção social. Isso significa que, apesar dos aspectos biológicos que envolvem o fenômeno do envelhecimento, as classificações e identificações da velhice dependem essencialmente dos contextos sociais e históricos nos quais esta é vivenciada.

Por conseguinte, no contexto social desta pesquisa buscou-se transpor as representações primordialmente negativas atribuídas à velhice e se distanciar de ideias construídas socialmente, a fim de exercitar, *a priori*, a abertura para o novo, a qual consideramos a condição *sine qua non* para a realização desta análise. Nesse sentido, foi lançada como uma das hipóteses desta tese, a ideia de que os grupos de idosos, marcados pelos encontros frequentes, além de ressignificarem suas vidas possuem traços que os identificam como sendo as novas “tribos” da contemporaneidade.

Como parte dos recursos analíticos, emprega-se a obra de Michel Maffesoli (1995; 2008; 2010), porém, não discorreremos sobre a pós-modernidade – a qual Maffesoli aborda para elucidar acerca das tribos urbanas, no entanto, o contexto atual elege e opta por denominá-lo de contemporâneo.

Esse autor analisa, *a priori*, o caráter limitado da razão para entender as dimensões da vida humana, exercício esse que se reelabora para tratar do tema seniores e tribos urbanas.

De acordo com Maffesoli, (2008, p. 27):

É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida (...) É preciso, imediatamente, mobilizar todas as capacidades que estão em poder do intelecto humano, inclusive as sensibilidades.

Nesse sentido, Maffesoli (1995, p. 130-132), ao utilizar a metáfora da *tribo*, permite dar conta do processo de desindividualização e da valorização do papel de cada pessoa. Com efeito, enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa só existe na relação com o outro, ou seja, “o solidarismo ou a religião da humanidade podem servir de pano de fundo para os fenômenos grupais com os quais somos confrontados nos tempos que correm”. Nesse caso os idosos perpassam esta desindividualização para a individuação.

Nesse ínterim o autor assim reforça a característica da socialidade (MAFFESOLI, 1995, p. 133):

A pessoa representa papéis, tanto dentro da sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*.

O autor (MAFFESOLI, 1995, p. 140) referenciado em Simmel, propõe ver na forma socialidade “o laço de reciprocidade que se tece entre os indivíduos”. Trata-se, de algum modo, de um laço em que o entrecruzamento das ações, das situações e dos afetos forma um todo.

(...) quando um não aparece, ah, alguém já liga pra casa dele pra ver o que aconteceu, então somos muito amigos, temos afinidade. (...) (28H, 67 anos).

(...)Eu fiz uma cirurgia de carótidas e sei que muitos amigos oraram por mim, isso é muito bacana. (...) (24H, 71 anos)

Para Maffesoli (1995), a sociedade assim compreendida não se resume em uma mecanicidade racional qualquer. Ela vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações, das experiências no seio de diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Ao analisar a ideia do autor, percebe-se o quanto esses seniores da pesquisa, não estão limitados a apenas um grupo, mas a variados grupos com os quais mantêm estas relações e podem desempenhar diferentes papéis. Segundo o autor, (MAFFESOLI, 2010, 204), “somos próximos de todos, além disso, uma tribo não exclui a outra”, pois podemos pertencer a diversas tribos ao mesmo tempo, podemos ser surfistas, cinéfilos, publicitários, estudantes, baladeiros, leitores, etc., “dentro de um grupo particular, inúmeros de seus membros participam de múltiplas tribos”.

Eu ainda trabalho, vou aos bailinhos da terceira idade aos domingos e viajo com o grupo da terceira idade, nas minhas férias (01M, 68 anos).

Faço o voluntariado, tenho o grupo de bocha, o grupo do SESC, o grupo de orações da Mãe Rainha (02M, 65 anos).

Participo do grupo de Terceira Idade, o NUPEN, sou festeira, faço hidroginástica, cuido da minha mãe, viajo uma vez por ano com as amigas e colegas aposentadas e vou nas reuniões da Seicho-No-Ie (04M, 67 anos).

Coordeno o grupo da Terceira Idade de Santa Flora, trabalho aqui no Sindicato o dia todo, atendo casa e marido e sou ministra da eucaristia na Igreja (06M, 65 anos).

Eu vou ao teatro quando tem alguma coisa, eu gosto muito de cinema, eu gosto de ler, de ver TV, de escutar música também,

eu gosto de caminhar, gosto de vir na praça quando tem algum evento, adoro viajar, adoro sair (09M, 65 anos)

Nesse entendimento, baseado em diferentes papéis assumidos pelos integrantes dos grupos de convivência, Maffesoli, baseado no artigo “A sociedade secreta” de Georg Simmel, expõe o papel da máscara que tem por objetivo e a função de integrar a pessoa ao grupo. A máscara, nesse caso, são as características externas e identitárias dos indivíduos, a utilização de roupas e fantasias diferenciadas daquelas em que os seniores se apresentam no seio familiar.

“Em casa eu sou comportada, até me cuido no falar, sou aquilo que os filhos acham que eu sou, porque não quero briga (...) eles querem que eu seja velha, tenha jeito de velha, daí eu sou assim, deixo que pensem assim, mas minha filha, quando eu chego no grupo que frequento, eu me transformo, eu sou outra pessoa, na verdade, eu não sou outra pessoa, eu sou eu mesma, a verdadeira, sou outra pessoa lá em casa, porque filho não aceita mãe nessa idade, alegre, jovem (...) (Ana, 76 anos)⁷⁰

“Depois que eu viuvei, meus filhos que moram no Paraná e Rio de Janeiro, queriam muito que eu fosse pra lá, mas eu não quis e não quero ir. O que eles querem é me controlar e que eu fique com os netos. Eu já fiz muito por eles, agora tenho que fazer por mim, porque o tempo passa rápido demais. Então eu vou visita eles, mas fico no máximo uns 4 ou 5 dias e volto, porque eu não aguento muito tempo. Lá eles tem um ritmo que eu tenho que me adapta, não sou eu, não sou verdadeira, até as roupas que eu levo quando vou pra lá, são outras, mais sóbrias, até nem me arrumo muito, essas coisas que a gente

⁷⁰ Idosa entrevistada na pesquisa exploratória deste trabalho. Já mencionados no Cap. 3. Reapresentamos aqui para demonstrar as “máscaras” como forma de ações diferenciadas em função do contexto de interação.

faz pra não se atritar muito” (Neli, 69 anos. Professora aposentada⁷¹).

Nos grupos de convivência em Santa Maria, há uma preocupação com a estética, o ser para o outro identificado, há a necessidade de identificação da “tribo” a fim de conferir uma identidade e a afirmação de pertencimento àquele grupo.

Figura 20 – Tribos: Grupo Mexe Coração na Semana do Idoso, out/2013



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21 – Tribos: Grupo SESC na Semana do Idoso, out/2012



Fonte: Arquivo pessoal

⁷¹ Idem.

Figura 22 – Tribos: Grupo SESC Caminhada da Conscientização da Não Violência contra a Pessoa Idosa



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 23 – Tribos: Apresentação Coral UnATI



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 24 – Tribos: Caminhada a favor das vítimas da Boate Kiss⁷²



Fonte: Arquivo pessoal

Assim como os “surfistas” identificam-se usando bermudas, óculos escuros, camisetas regatas e cabelos compridos; os “skatistas” podem ser encontrados com roupas extremamente largas, cintos, tênis grande e boné e por sua vez, são considerados tribos, os seniores são identificados através de uniformes e camisetas, além dos laços emocionais e características como o imediatismo, a supervalorização do momento presente, em detrimento do passado, esses possuem traços que os identificam com as “novas tribos” da contemporaneidade. Constituindo-os assim, no que qualificamos como seniores.

Nesse contexto, claramente se observa nas entrevistas uma prioridade pelo presente, onde as condutas individuais e coletivas são imediatas. A efemeridade é vivenciada com extrema importância, os diversos papéis assumidos, as diferentes identidades⁷³ de ambas, a fim de se adaptarem aos diferentes universos que frequentam, traços próprios das tribos.

(...) o idoso tem que viver a vida, aproveitar o dia de hoje, porque o dia de amanhã a Deus, pertence. Então a gente tem que aproveitar a viver e ser alegre, só isso (16M, 67 anos).

⁷² Tragédia que ocorreu na cidade de Santa Maria, no dia 27 de janeiro de 2013, onde 242 jovens morreram em um incêndio na Boate Kiss e mais tantos outros jovens ficaram feridos.

⁷³ Discussão que consta no capítulo 3 desta tese.

Com isso, afirma-se que os seniores aderem aos grupos pela afinidade, pela troca de experiências, formando-se laços sociais entre os participantes, porém, estes são efêmeros, pois, ao participar de uma das atividades de grupo, como observação participante, um sênior assim relatou: *“a gente que é idoso vive mais, sabe viver melhor do que muita gurizada⁷⁴ aí, porque o idoso nunca sabe do dia de amanhã, hoje eu posso tá aqui, amanhã posso te passado pro outro lado, daí a gente vive cada dia como se fosse o último, é bem assim que acontece”* (25H, 65 anos). Não obstante, afirma Maffesoli (2010, p. 89) “o povo enquanto massa tem como responsabilidade essencial triunfar sobre a morte todos os dias”.

Quando se referem à efemeridade, traço marcante nas “tribos”, no caso dos seniores é a brevidade da vida, é a incerteza do futuro, e portanto, a potencialidade do presente, do hoje, do agora. Por conseguinte, Maffesoli (1998, p. 18) afirma que procuramos proximidade com aqueles que nos identificamos, procuramos a companhia “daqueles que pensam e sentem como nós”. O autor nos exemplifica que “cimento para o tribalismo é o vitalismo” (MAFFESOLI, 2010, p. 41) e, portanto, é nesse vitalismo que se exprime a afirmação da vida, “o querer viver em sociedade”, elemento identificador em todos os grupos de convivência.

Vale salientar que esse “querer viver em sociedade”, a partir da pesquisa empírica, confirma que os seniores querem estar perto daqueles com os quais eles se identificam, e essa identificação pode se dar pelos hábitos semelhantes, adquiridos com a idade avançada, a rigor, o estar junto os possibilita sentirem-se protegidos, contra as imposições (sociais, familiares, etc.), ou até mesmo as limitações da idade.

A partir da questão: “Você identifica os idosos que fazem parte dos grupos de convivência? Quais as características de um idoso que participa dos grupos de Terceira Idade?”

Sim, eles têm mais um motivo de vida, mais alegria (...). (01M , 68 anos)

⁷⁴ Expressão/gíria popular utilizada no estado do Rio Grande do Sul para denominar pessoas jovens.

Sim, eles têm opiniões, eles não tem medo de dar as suas opiniões, eles se salientam mais, são mais participativos (4M, 67 anos).

Sim, dá pra ver sim, são pessoas mais alegres, são pessoas mais realistas, mais de bem com a vida (5M, 74 anos).

Ah, muita diferença, eles são mais dinâmicos e alegres, dá a impressão que eles tem mais vida (7M, 76 anos).

São pessoas mais alegres, reclamam menos da vida, inclusive muitas pessoas chegam com problemas, com maiores dificuldades e à medida que eles vão participando eles se tornam bem melhores, são outras pessoas. Modifica pra melhor a vida das pessoas (10M, 67 anos).

Sim, a pessoa que participa é mais ativa, mais alegre, mais disposta, se diverte mais. Tem mais vida, mais disposição, não falam tanto em doença, são pessoas mais dispostas a viver de forma positiva(12M, 74 anos).

Isso é a melhor coisa que inventaram pro idoso, foi isso aí, esses grupos aí, antigamente não tinha, né? (23H, 66 anos).

Sim. São diferentes. São mais solícitas, não reclamam tanto. Até tem uns que se reúnem no calçadão e tem o grupo deles, mas estão sempre reclamando, é diferente de quem participa dos grupos da Terceira Idade (24H, 71 anos).

São pessoas mais alegres, se comunicam melhor e são desinibidas e a pessoa que não participa fica acanhado, só em casa, aquela pessoa que não tem comunicação e felizmente, pra nós, a gente adquire isso nos grupos da terceira idade. Faz

amizades, conversa, troca ideias, dança, é muito bom (25H, 65 anos)

Reiterando, para Mafessoli (2010) nós agimos em sincronia de forma inconsciente e a partir desta ideia, configura-se a socialidade. Assim, é aí que se representam papéis, e como tais, nossos figurinos, cabelos e linguagens, identificam nessa peça coletiva, tornando-se máscaras, onde, simbolicamente, a partir desta pesquisa, identificam-se os seniores que representam papéis variados, nessa efemeridade da vida, a supervalorização do momento presente, vivido com intensidade e emoção.

FESTAS E ENCONTROS DOS GRUPOS

Figura 25 – Tribos: apresentações grupais



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 26 – Tribos: Apresentação evento Santa Maria em dança



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 27 – Tribos: Apresentação evento Santa Maria em Dança



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 28 – Tribos: Apresentação grupal – Semana da Páscoa



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 29 – Tribos: Grupo de Convivência Igreja Seicho-No-Ie em dinâmicas



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 30 – Tribos: Grupo de convivência em apresentações artísticas



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 31 – Tribos: Grupo Igreja Seicho-No-Ie em excursão às Águas Termais



Fonte: Arquivo pessoal

Nessa concepção “tribal”, entende-se que a “vida pode ser considerada uma obra de arte coletiva”, e, para elaborar essa arte, para encenar a peça, o “estar-junto é fundamental” (MAFFESOLI, 2010, p. 114-115). Essa diversidade que compõe a arte ou a peça é um multiculturalismo, que nos identifica e nos atribui sentimento de pertença. Dessa forma, essa experiência compartilhada, o vivido “constitui o essencial de todas as agregações sociais” (MAFFESOLI, 2010, p. 53). Não obstante, a importância do contágio emocional, a “importância do afeto na vida social” (MAFFESOLI, 2010, p. 167), a busca do território, do pertencimento, são coisas que servem de matriz à sociabilidade nascente, coisas que constituem o caldo de cultura do qual a atualidade proporciona.

Maffesoli (2010), ao observar as tribos através de uma ótica otimista, as define como uma “comunidade emocional” em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. Nesse sentido, nas tribos, o que conta é estar junto, que promove o estar junto, isto é o que é buscado no engajamento. De certa maneira esse engajamento pode ser transitório e frágil, mas que no seu momento, há um forte envolvimento emocional, e justamente se observa nos grupos de idosos. Isso porque a preocupação não é a relação de laços eternos, pois os frequentadores, pela idade avançada, vivem com muito mais intensidade o dia atual do que a maioria dos jovens, que, segundo o autor, trata-se apenas de redes de amizade pontuais, que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo.

Convém ressaltar que nas atividades grupais há a existência de espaço temporal. Há passado individual e há o tempo constituído no próprio grupo, como Maffesoli (2010) expõe ao falar “o sujeito é o que ele está na tribo”. Há um engajamento muito forte, onde ressurgem no idoso a possibilidade de o futuro ocorrer, ficando presentes a expectativa e a possibilidade de novas conquistas. Esses grupos em certa homogeneização etária dos participantes resultam em espaço onde o indivíduo se sente respeitado como cidadão, pleno de direitos, e livre para expressar problemas, dificuldades, carências, como também sonhar e reviver.

Reviver, no sentido de compartilhar o vivido no passado e trazer para o presente de forma a possibilitar a eles, compreender antigas experiências e modificar formas atuais de sentir e lidar com o dia-a-dia. “Lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição”. (BOSI, 1994, p. 81)

Diante disso, como foi possível constatar a partir da análise empírica, de maneira especial, os grupos de convivência apossam-se de traços que podemos identificar como sendo formadores de um novo tipo de tribo social, que estão acessando a internet, participam das redes sociais, gostam de festas, de se socializarem, praticam atividades físicas, gostam de viajar, praticam o voluntariado como alternativa de ressocialização como também por prazer, por fazer o bem ao outro – pois esse ato causa sensação de bem estar – gostam de visitar os amigos, possuem religião, pretendem viver o dia atual com toda a intensidade. Sabe-se que quando unidos compartilham experiências, identificam-se visualmente quando estão juntos em locais públicos, a fim de afirmarem o pertencimento a determinado grupo.

Enfim, esses grupos de convivência e os encontros grupais entre seniores, são a saída para enfrentar o contraste entre o que foi estabelecido pela sociedade moderna, com a maneira de “encarar” o envelhecimento e o desafio de continuarem seniores de seus desejos. Acredita-se, portanto, que esses grupos, colaboram para que estes seniores ressignifiquem suas vidas, sejam protagonistas em cena e por sua vez, possuam traços que identificam como sendo uma nova tribo social. Neste sentido, o “tribalismo” pode ser pensado como uma das formas de expressão dos novos tipos de sociabilidade no universo do envelhecimento populacional.

Logo, não esquecendo que o envelhecer é um processo heterogêneo e está diretamente relacionado às condições sociais e econômicas dos seniores, talvez a primeira e mais importante missão, no momento atual, seja permitir lançar este novo olhar sobre o sênior, menos racional e mais emocional. O desafio de empreender esse olhar, relacionando a objetividade de cientista social e a imersão no vivido em suas emoções e pluralidades vividas foi o que se procurou fazer neste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual contexto, dados demográficos apontam que o Brasil é um dos países onde o envelhecimento populacional será mais rápido. Por isso o futuro, e as implicações do rápido processo do envelhecimento, é um tópico emergente e especial, tanto para as políticas sociais, como para a sociedade e para o meio acadêmico. Dessa forma, as mudanças demográficas estimulam o meio acadêmico à eleição do envelhecimento como objeto em suas especialidades, principalmente nas áreas de Ciências Sociais onde as pesquisas são incipientes, tanto no Brasil, como em Portugal, onde, majoritariamente as publicações concentram-se na área da saúde, dependências e cuidados.

Não obstante, a cidade de Santa Maria, local da realização desta pesquisa, os dados acompanham os parâmetros nacionais, principalmente no que se refere à feminização da velhice o que demonstra a grande participação de mulheres seniores nos grupos de convivência.

Nesse sentido, Veras (1994) relata que existem no Brasil, padrões sociais diversos nas diferentes regiões, pois, junto a um Brasil altamente industrializado e rico, vive outro muito pobre. Tanto em um caso quanto no outro podem ser observados “diversos brasis” e não raro, o processo do envelhecimento acompanha essa diversidade social, econômica e cultural. Para tal, pensar na situação do sênior no atual contexto, requer um exercício de transformação do olhar, de desapego, o que possibilitou, através desta pesquisa empírica, analisar criticamente a realidade que se apresenta, pois se busca desmistificar a velhice como um processo de perdas, solidão, individualismo e doenças. A partir de então, passa-se a reinventá-la no plano analítico, como os seniores entrevistados, que assim o fazem no plano das suas práticas. Essa nova percepção, esse “novo idoso” – denominado nesta pesquisa, de sênior – é, por conseguinte, ativo na desconstrução das idades cronológicas como marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida. *Desconstrução* pela qual passa também a pesquisadora e registrado em diário de campo: *“De repente, ao chegar a uma quadra de esportes a fim de entrevistar seniores que ali praticavam o voleibol, sentada em um banco observando a vivacidade, o dinamismo e a motivação daqueles sujeitos, procurei não ser etnocêntrica e relativizar aquele momento, em que, possivelmente será comum e normal para as futuras gerações ao presenciarem tal cena. Neste momento, quase*

que por um passe de mágica, a impressão foi que eu não estava nesse mundo, eles reinventaram suas vidas, ressignificaram a ideia do “velho idoso”, que a sociedade, a priori, construiu. Confesso que as experiências em campo, são as mais valiosas, as que detém maior significado, porque verdadeiramente destroem e desconstroem nossos antigos pré- conceitos e então, nos possibilita um mergulho no objeto de pesquisa e um “banho” de realidade. Foi então que, ao faltar um sênior no time, previamente organizado, o professor convida-me a participar e jogar com eles. Prontamente atendi ao seu pedido e adentrei ao mundo reinventado destes seniores...e o jogo começa, é um corre pra cá, um corre pra lá, até que a pesquisadora deixa a bola cair...atentos ao jogo e, logicamente querendo ganhá-lo, prontamente sou chamada à atenção: “mais cuidado, mais atenção”!! E a pesquisadora que foi jogadora profissional de voleibol no passado, terminou por concordar com a célebre frase de Sócrates –“só sei que nada sei”. Enfim, aprendi a lição e procurei não deixar mais a bola cair e ao finalizar o jogo, tive a oportunidade de interagir com os “colegas” de time e então saber que o senhor que chamou a atenção da pesquisadora tem 93 anos e pratica exercícios todos os dias, dentre eles, o voleibol, caminhadas, alongamento, e um tipo de musculação especial para a sua idade. Então me lembrei de uma música regional que assim fala: “só sei que muito pouco eu sei, ou nada sei”.

A partir desta pesquisa, parece necessário e urgente estar atento às diferentes formas de sociabilidades, permitir-se uma fértil flexibilidade na compreensão das participações sociais, interações e cooperação dos sujeitos idosos.

Notadamente, a partir da revisão bibliográfica, que enfatiza os aspectos históricos e conceituais, percebe-se claramente que as categorias de idade são construídas social e historicamente de acordo com a necessidade e os interesses dos grupos de poder, visto que, nas sociedades tradicionais a valorização dos velhos estava ligada à transmissão da tradição, à memória e às experiências da vida. Todavia, com o advento do capitalismo industrial, o valor dos indivíduos estava vinculado à posição ocupada nesse processo, ou seja, os velhos operários considerados inaptos ao trabalho eram excluídos. No entanto, aqueles pertencentes à classe burguesa, eram vistos com respeito e admiração e então chamados de “idosos”.

Nesse sentido, percebe-se que a partir da Revolução Industrial houve essa transformação nos valores morais e éticos, principalmente pelo aumento da divisão do trabalho e pela complexidade das relações sociais, caracterizada pela ruptura com o passado, enfatizando as mudanças e a inovação. Assim, segundo Debert (1999), há uma tendência contemporânea a rever estereótipos associados à velhice, de forma a procurar dissolver os conceitos negativos associados a esta etapa da vida.

Para tanto, esta pesquisa se propôs a buscar romper as definições socialmente construídas, principalmente no que se refere à categoria social “idoso”, visto que, o termo não tem consistência na medida em que à época, na França, onde surgiu, denominavam “idosos” os quais detinham maior poder econômico, e velhos os operários, os trabalhadores. Com isso, nota-se que no atual contexto da pesquisa o processo do envelhecimento requer outro olhar, não apenas baseado nas posições econômicas as quais os velhos ocupavam, mas ajustar-se às diversas variáveis que compreendem os “envelheceres humanos”. Na verdade, as diversas formas de manifestações das “velhices” contemporâneas suscita a reflexão de não apenas aceitar a existência de duas categorias “velho” e “idoso”, mas compreender que existe uma pluralidade no envelhecimento que perpassa a visão apenas dualista.

Atualmente, presencia-se seniores com a mesma idade e posições socioeconômicas distintas e com condições de saúde semelhantes, outros de classe média econômica que estão em melhores condições de saúde comparados com os de classe econômica superior e que estão em piores condições de saúde. Vale destacar que ao mesmo tempo em que um sênior de 93 anos está dependente fisicamente, há outro que pratica o voleibol; há seniores que não buscam a participação social, seja em grupos e atividades e há aqueles seniores que procuram a socialização; há seniores que se reúnem em espaços públicos, viajam, participam de ações sociais e há aqueles que preferem apenas o convívio familiar; há seniores de mesma faixa etária aposentados e há seniores que mesmo após a aposentadoria buscam a reinserção social através da mesma atividade profissional ou até mesmo outras atividades. Enfim, essa pluralidade que compõem esse universo e nos motiva a quebrar os paradigmas existenciais do termo “idoso”, perpassando as variáveis, rico/pobre, dependente/autônomo nos faz crer que este é o momento em que

podemos lançar um novo olhar sobre este “novo idoso”, denominado nesta pesquisa, portanto, de “sênior”.

Nesse contexto, a partir dos dados empíricos da pesquisa e como problema principal desta tese, em averiguar a *“participação dos idosos na definição das políticas públicas pós Constituição Federal de 1988 e, como estes, aderem ou formulam novas propostas de políticas e de espaços de sociabilidade. Há a tendência de serem mais protagonistas ou apenas expectadores? Sujeitos ou sujeitados?”*

Verificou-se que historicamente, no Brasil, não há uma participação e envolvimento dos seniores – agora denominados por essa tese – nas políticas públicas, visto que as instituições representativas tendem a acumular maior capital cultural e social e, portanto, adquirem maior confiança dos seniores. Eles se subtraem de estar à frente dos movimentos como representantes legais de seus direitos, não obstante, o protagonismo fica por conta das entidades representativas. Diante desse cenário, a partir dos dados coletados, reafirma-se o desinteresse dos seniores em relação à representatividade política sendo que essa geração não teve a oportunidade de ser protagonista ao longo de suas vidas, marcadas por golpes, guerras, revoluções e ditaduras. A partir da maioria feminina dos entrevistados, percebeu-se que a questão de gênero colabora para o nosso entendimento, na medida em que as mulheres ainda são fruto de uma sociedade machista e patriarcal, onde a política é sinônima de público e, portanto, representado pelos homens, em contrapartida, o privado representado por elas. Contudo, na pesquisa exemplifica-se no sentido de que das 21 (vinte e uma) mulheres entrevistadas, nenhuma delas faz parte de Conselhos ou Comissões representativas, enquanto dos 09 (nove) homens entrevistados, 02 (dois) deles são membros atuantes em Conselhos e órgãos ligados aos direitos dos seniores em Santa Maria.

Diante dessa questão, a maioria dos entrevistados não soube responder quem os representa em Santa Maria, ao mesmo tempo em que alguns não tinham noção que na cidade havia um Conselho Municipal do Idoso. Compreende-se, dessa forma, que até o momento, não houve uma pressão organizada proveniente dos seniores, ou seja, eles não estão na linha de frente, portanto, de forma a confirmar a hipótese da pesquisa, *“em contextos de sociabilidade com caráter político, os idosos não se constituem como protagonistas no processo de reivindicação, formulação e propostas de políticas públicas relacionadas ao processo de envelhecimento,*

tornando-se apenas expectadores". Assim, entende-se que, no universo do envelhecimento em Santa Maria, os seniores são meros expectadores no cenário político, e, logo, sujeitados às decisões das entidades representativas.

Em contrapartida, *"nos espaços de sociabilidades culturais, os idosos, em sua grande maioria, são os protagonistas "em cena"*". Percebe-se que durante a vida produtiva os seniores estão centrados no trabalho, família e secundariamente nas relações de amizades, vizinhança e por último, o lazer. No entanto, após a aposentadoria há uma disponibilidade maior de tempo livre, o que colabora para uma maior participação em espaços de sociabilidades culturais, tais como, grupos de convivência, viagens, festas, etc.

Além disso, quando se pensa na dimensão religiosa vê-se um Brasil permeado por uma diversidade de religiões, seitas, filosofias de vida, etc, e claramente se observa a relação íntima com a espiritualidade nos mais diferentes aspectos do envelhecimento, tendo impacto desde o envelhecimento bem-sucedido até os cuidados no fim da vida. Assim, dos 30 (trinta) entrevistados, todos afirmam pertencer a uma religião e a crença religiosa ocupa um papel importante no universo do envelhecimento, notoriamente percebida através da pesquisa empírica, onde os seniores desempenham papéis de protagonistas nesses locais, seja pela experiência de vida, seja pela disponibilidade do tempo livre que lhes permite dedicação voluntária.

Seguindo o contexto das dimensões das sociabilidades no universo do envelhecimento em Santa Maria, *"os grupos de idosos, marcados por encontros frequentes, ressignificam suas vidas e possuem traços que identificam como sendo as novas "tribos" da contemporaneidade"*. Nesse sentido, o SESC foi um dos pioneiros a consolidar o primeiro grupo de convivência na cidade de Santa Maria e, atualmente, 87 (oitenta e sete) grupos estão cadastrados no Conselho Municipal do Idoso.

Conforme se comenta no último capítulo deste estudo, o encontro de seniores em grupos organizados é um fenômeno marcante da contemporaneidade, como forma de sociabilidade intrageracional. Acredita-se que a crescente expansão deles, deve-se ao fato de que, após a aposentadoria, a viuvez ou à saída dos filhos de casa, há uma necessidade de buscar o convívio geracional, bem como o interesse e a necessidade por práticas de exercícios físicos e ocupação do tempo livre, que os grupos propiciam. Desse modo, dentre os 30 (trinta) entrevistados, 15 (quinze)

seniores fazem parte dos grupos de convivência, dentre eles 12 (doze) mulheres e 03 (três) homens, embora outros 03 (três) participam de grupos religiosos e Lions Clube.

Logo, percebe-se que a busca por esses grupos deu-se por conta dos próprios seniores, e explicam os inúmeros benefícios proporcionados pelo convívio com outros seniores, principalmente, a partir dos relatos, que ali eles encontravam “alegria”, “distração”, “mais saúde”, “companhia”, etc.

Entende-se que a oportunidade de participarem dos grupos suscita-os às práticas de reciprocidade, solidariedade e afinidade, que, mesmo identificadas no plano das falas, são motivadoras da permanência destes nos grupos. Também, o lazer, as atividades lúdicas são determinantes na busca pelo prazer de participarem. Acredita-se, contudo, que essas experiências os motivam a experimentarem novas sensações, esquecer os sofrimentos advindos com a idade e com as perdas, como também exercerem o protagonismo nas atividades propostas.

Com efeito, na análise empírica desta pesquisa, compreende-se que os seniores entrevistados reconstruíram seus *modus vivendi* a partir da participação nestes grupos, como também, reconhecem as características daqueles que frequentam os grupos, visto que a qualidade mais identificada é a alegria, ou seja, os que participam ativamente desses grupos, são sujeitos mais alegres, mais dispostos, mais saudáveis. Para tal, a partir da entrada para os grupos de convivência eles passam a ressignificar suas vidas e a fazer atividades antes não possíveis pelos inúmeros envoltimentos (como exercícios físicos, voluntariado, etc.), seja com trabalho, família, etc.

Notadamente se identifica, a partir dos relatos dos seniores participantes dos grupos, que a atual postura deles rompe com os padrões normativos impostos pela modernidade e que perduram como estigmas pela sociedade atual. Ao interagir com esses grupos busca-se compreender e desmistificar esse preconceito acerca da velhice. Entretanto, verifica-se a necessidade de transpor as representações negativas associadas à velhice de forma a não homogeneizar o processo do envelhecimento humano, tornando-se assim, o distanciamento necessário para incorporarmos a ideia, que, segundo uma das hipóteses desta pesquisa, nos fez pensar que esses encontros grupais, além de proporcionarem uma ressignificação na vida desses seniores, eles possuem traços que os identificam como as novas “tribos” da contemporaneidade.

Para tanto, a partir da obra de Michel Maffesoli, são identificados os laços fortes que unem os integrantes das diversas tribos, principalmente no que se refere à reciprocidade entre eles. Analogamente, identifica-se a reciprocidade como uma característica marcante entre os membros, tanto no que se refere ao plano da amizade como ao plano dos cuidados uns com os outros, seja na hora de fazer orações, na ajuda financeira, etc. Nesse sentido, são fortes os laços que os unem, há uma supervalorização do momento presente em detrimento do passado, por vezes marcado por grandes sofrimentos e vivência para o outro. Portanto, a efemeridade é vivenciada de forma presente e diversos papéis são assumidos por estes seniores, seja no lar, nos grupos de convivência, nas atividades voluntárias, nas atividades físicas, viagens, etc. Essa efemeridade, traço marcante nas tribos e característica apontada por Maffesoli (1998), no caso dos seniores, se refere à brevidade da vida, a incerteza com o futuro e a potencialidade do presente, do agora: *“a gente que é idoso vive mais, sabe viver melhor (...) porque o idoso nunca sabe do dia de amanhã, hoje eu posso tá aqui, amanhã posso te passado pro outro lado, daí a gente vive cada dia como se fosse o último, é bem assim que acontece”* (25H, 65 anos).

Também, a partir da constatação empírica, constata-se que os seniores que integram os grupos de convivência identificam-se com camisetas e uniformes dos grupos, como um triunfo de qualidade de vida, de mostrarem para a população, nas ruas, que são “jovens idosos”, que participam de grupos e que não se enquadram naquele modelo de “idoso” que a sociedade, *a priori*, construiu. Percebe-se, assim, que estar vestindo uma roupa que o identifique como membro de um grupo de convivência é um troféu nessa etapa da vida, uma necessidade de identificação da “tribo” a fim de conferir, desta forma, uma identidade e afirmar o pertencimento a um determinado grupo.

Por conseguinte, esses grupos colaboram para que os seniores ressignifiquem suas vidas, sejam protagonistas, reconstruam suas identidades, a partir do convívio intrageracional o que os suscita a serem respeitados, livres para expressarem seus problemas, dificuldades e carências semelhantes, como também, sonhar, fazer plano, reviver e conseqüentemente, continuarem senhores de seus desejos.

Ao buscar compreender a forma de inserção de seniores nos diferentes grupos de convivência, constata-se que várias são as razões da participação ou

ausência destes⁷⁵. A necessidade de interação social, mais especificamente com indivíduos da mesma faixa etária é um dos motivos apontados por eles. Quando participam dos grupos, percebem que sua vida mudou, não apenas fisicamente, mas, sobretudo a sua relação e presença no mundo. Grupos de convivência têm por objetivo compartilhar alegrias, afeto, amor, tristezas e conhecimentos, criar oportunidades para desenvolvimento de novas habilidades e competências, trabalhar a autonomia e a independência, propiciando suporte bio-psico-emocional e motivador para essa etapa da vida.

Dessa forma, a partir dessas constatações empíricas, identificaram-se os grupos de convivência como sendo as novas “tribos” do contexto contemporâneo, na medida em que o engajamento pode ser transitório pela brevidade da vida, mas que no momento em que vivenciam o estar junto, há um forte envolvimento emocional.

Com relação às diversas sociabilidades, destaca-se entre os seniores – particularmente os aposentados – o voluntariado, como uma prática comum e em crescente expansão. Porém, com o surgimento dos grupos de convivência, a tendência do comprometimento social se tornou uma prática comum com o intuito de proporcionar aos seniores o engajamento nessas ações, a fim de que esses possam exercer a cidadania, a responsabilidade social e não obstante, o protagonismo em suas vidas.

Notoriamente, dentre os 30 (trinta) seniores entrevistados, 22 (vinte e dois) praticam o voluntariado, sendo que 18 (dezoito) iniciaram a participação após a aposentadoria, assim sendo, a OMS considera o voluntariado como elemento importante para a manutenção do bem estar e da qualidade de vida na velhice, servindo como mecanismo para se manterem socialmente ativos e se afastarem do preconceito advindo com a aposentadoria, entre outros benefícios. Conforme se observou nas falas, todos os seniores que praticam a ação são unânimes em relatar que se sentem bem, úteis e produtivos ao ajudar o próximo.

É importante ressaltar que, ao considerar o contexto social, esta pesquisa revelou que a prática de voluntariar é mais propensa em seniores com maior poder socioeconômico, com nível de escolaridade, bom estado de saúde e religiosidade, fatores esses determinantes e que levam a uma consciência e acesso ao voluntariado, como também a uma maior probabilidade de serem convidados a

voluntariar. No entanto, percebeu-se que a prática do voluntariado, incentivada pela OMS, pelos grupos de convivência e pelas instituições religiosas ainda são ações muito tímidas frente aos benefícios relatados pelos seniores, visto que, no contexto atual, não se encontram políticas públicas que incentivem a prática, notoriamente identificada como ação relevante para a vida dos entrevistados: *“eu não sei o que seria da minha vida sem fazer isso (voluntariado). É o que dá sentido pra minha vida, entende?”* (05M, 74 anos).

Enfim, considera-se essa atividade como forma de ressocializar esses sujeitos seniores, a fim de contribuir e proporcionar mais sentido a suas vidas, porém, conforme Silva (2003) que considera imperativo se prestar especial atenção às perspectivas de envelhecimento presentes na sociedade, ou seja, esse é o ponto de partida para a formulação de uma política não excludente para determinados segmentos populacionais preponderantes nos países em desenvolvimento. Por isso, salienta-se a importância de incentivar o voluntariado nessa etapa da vida, considera-se essa atividade como uma alternativa para alguns seniores, pois se admite a heterogeneidade e a diversidade entre eles.

Nesse sentido, verifica-se a ausência de políticas públicas que envolvam o voluntariado entre seniores e, portanto, há urgência de que a sociedade se estruture plenamente, pois, dentro das grandes transformações, parece ser necessária a inclusão do planejamento para os milhões de seniores que não têm sido considerados. Isso exige políticas públicas específicas com o objetivo de integrar o sênior ao meio social e também, oportunidades ocupacionais produtivas, como a referida prática. O que se nota é que falta ao país um projeto de desenvolvimento nacional e talvez os seniores tenham que estar na ponta dessas preocupações e projeções. Este é um dos nossos problemas!

Outro desafio constitui na construção do direito que tem o sênior às informações para que possa adaptar-se às transformações sociais e consiga, assim, ajustar-se a um mundo distinto daquele em que foi criado e educado, pois que as mudanças são espantosamente dinâmicas e ocorrem em períodos cada vez menores na escala do tempo.

Assim sendo, diversos fatores nos motivam a continuar com pesquisas na área do envelhecimento populacional, visto a necessidade de demandas e a tímida repercussão dessas pesquisas e publicações na área da Sociologia. Conforme se anuncia a seguir, a partir de algumas falas dos entrevistados:

Só dizer que é muito importante este teu trabalho, parabenizar você por estar fazendo este trabalho porque, pra mim, é um trabalho inédito, ninguém ainda havia questionado este assunto (02M, 65 anos).

Ah, o meu desejo é que mais pessoas se envolvam, assim como você que está fazendo um trabalho fantástico, acho que precisamos mais pessoas sim, porque nós vamos ter cada vez mais pessoas idosas, cada vez menos jovens, então a gente precisa de pessoas que cuidem da vida, das pessoas idosas, porque quem mais deveria cuidar que são os familiares, não cuidam, né. As pessoas precisam ter consciência que a pessoa idosa pode contribuir muito na sociedade com todo o conhecimento que tem, que ela não é um fardo. Que ela seja respeitada como ser humano, como vida cuidada (10M, 67 anos).

Ah, essa pesquisa é muito interessante, e é um meio de quando publicada, informar muitas pessoas dos seus direitos e que possa melhorar muito para todas as pessoas idosas e a conscientização de que a vida pode ser vivida por muito mais tempo e muito bem aproveitada (07M, 76 anos).

Dessa forma, a pesquisadora enquanto ser humano tem a percepção de que, sem os seniores, poder-se-ia esquecer que estamos envelhecendo, embora o ‘envelhecer’ esteja intimamente ligado ao medo e ao sofrimento. Talvez a sociedade esteja indo pelo caminho de silenciar a voz daqueles que se lembram do próprio destino e que se tornam críticos implacáveis, pela sua simples presença e existência em nosso meio.

Por conseguinte, a primeira e mais importante missão seja permitir que o sênior seja nosso mestre novamente e, a partir desse olhar, restaurar a comunicação interrompida entre as gerações. Entende-se que é imperioso deixar que os seniores nos auxiliem a entrarmos num contato mais íntimo como o nosso próprio processo de envelhecer já que este não é um destino ao qual temos de nos

submeter, mas uma chance preciosa de crescimento a ser intensamente vivida. E que a forma como o envelhecimento ocorre na atualidade é um novo fato social e, portanto, há a necessidade de reconceituar a velhice, nas dimensões das Ciências e dos viveres.

BIBLIOGRAFIA

ALBA, Victor. **Historia social de La vejez**. Barcelona: Laertes, 1992.

ATLAS Geográfico. Editora Ciranda Cultural, 2007.

ALENCAR, M. do S. S.; CARVALHO, C. M. R. G. de. O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Botucatu-SP, v.13,n.29, abr./jun.2009, p.435-444.

ARRETCHE, Marta. **Estado federativo e políticas sociais**: determinantes da descentralização. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Revan/FAPESP, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECK, Ulrich. **Liberdade ou capitalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4ª ed, São Paulo: Hucitec, 1999.

BELO, Isolda. **Vejez y acción política**: surge un nuevo movimiento social? Tese [Doutorado em Ciências Sociais e Saúde]. Universidade de Barcelona, 2002.

BENEVIDES, Maria V. A questão Social no Brasil: os direitos econômicos e sociais como direitos fundamentais. **Videtur**, v. 3, 2001, p. 7-14.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UNB, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.

BORGES, C. M. M. Gestão participativa em organização de idosos: instrumento para a promoção da cidadania. In: FREITAS, E. V. de ET AL. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002. Cap. 124, p. 1037-1041.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. P. **Razones prácticas**. Barcelona .Editorial Anagrama 1997.

_____.P. **La domination masculine**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. n. 84, p. 2-31. Barcelona. Editorial Anagrama, 1990.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n. 20, de 15-12-1998. 21. Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Estatuto do Idoso – **Lei Federal n. 10.741**, de 1º de outubro de 2003. São Paulo: Sugestões literárias, 2003.

BRASIL. Política Nacional do Idoso – **Lei Federal n. 8.842**, de 04 de janeiro de 1994. Disponível em < [http:// www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8842.htm) > Acesso em 04 de julho de 2011.

BRITO, M. N. C. Gênero e cidadania: referenciais analíticos. Florianópolis. **Rev. Estudos. Feministas.**, 2001, vol.9, nº.1, p.291-298.

CABECINHAS, Rosa. Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise. In Baptista, M.M. (ed.) **Cultura: Metodologias e Investigação**. Lisboa: Ver o Verso Edições, 2009, p.51-66.

CAILLÉ, A. **Nem holismo nem individualismo metodológico**: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. In: RBCS, v. 13, n. 38, 1998, p. 37-51.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza (2008). **Envelhecimento funcional e suas implicações para a oferta da força de trabalho brasileira**, IPEA, RJ. (Texto para Discussão, nº 1326).

CARVALHO, V.de F.C.; FERNANDEZ, M.E. D. Depressão no idoso. In: PAPALÉO NETO, M. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 1996. p.160-173.

CAVALCANTE, A. M. Psiquiatria on line Brasil: **a psicologia do idoso**. Acesso em 11 fev 2009] .Disponível em:<http://www.polbr.med.br/arquivo/mour0502.htm>

CENEVIVA, W. Estatuto do Idoso, Constituição e Código Civil: a terceira idade nas alternativas da lei. **A Terceira Idade**, v.15, n.30, 2004, p.7-23.

CHAMPAGNE, Patrick et all. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CIAMPA, A. C. **A estória de Severino e a história de Severina**. São Paulo: Ed: Brasiliense, 1987.

CÍCERO, Marco Túlio. **A velhice Saudável. O Sonho de Cipião**. São Paulo: Ed. Escala, 2006.

CODO, W. **Educação: trabalho e carinho**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, L.V.A. "Política Nacional do Idoso: perspectiva governamental". In: *Anais do I Seminário Internacional – "Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século"*. Brasília: MPAS, SAS, 1996. p.46-63.

CRUZ, Roberto. Formação profissional e formação humana: os (des)caminhos da relação homem-trabalho na modernidade. In: AUED, Bernadete (org). **Educação para o (des)emprego**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CRUZ SILVA, Marina da. **O processo de envelhecimento no Brasil**: desafios e perspectivas. *Textos Envelhecimento* [online]. v.8, n.1, p. 43-60, 2005. Disponível em: http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282005000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 de março de 2011.

DAL RIO, M. C. **O trabalho voluntário**: uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado. São Paulo: SENAC, 2004.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade**: enfoque psicodinâmico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DEBERT, Guita. Grin. Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, nº. 33, 1992.

_____. **A reinvenção da velhice**: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo Fapesp, 1999.

_____. Gênero e envelhecimento: os programas para a terceira idade e o movimento dos aposentados. **Revista Estudos Feministas**, 2, 3. 1994, p.33-51.

_____. G. G. "A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas", in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 12, n. 34, 1997.

_____. G. G. Envelhecimento e curso de vida. In: MOTTA, Alda Brito (org.). "Dossiê Gênero e Velhice". **Revista Estudos Feministas**. V.5, Nº. 1 – UFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, 1996.

_____. G. G. As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In: **Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século**, 1996, Brasília. Anais. Brasília, 1996.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS BARROS, M.M. (Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67. (Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política).

DEBERT, G. G. & SIMÕES, Júlio. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. In: DEBERT, Guita (org). **Antropologia e velhice**. Textos Didáticos IFCH-UNICAMP, n. 13, jan/1998, p. 29-44.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Ed. Afrontamento, 2006

DEPS, V. L. (1993). Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: A. L. Neri (Org.), **Qualidade de vida e idade madura** (pp. 52-87). Campinas: Papirus.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo. 11ª ed. Ed. Nacional, 1978.

_____. Divisão do trabalho e suicídio. In: ORTIZ, Renato (org). **Os grandes cientistas sociais – Durkheim**. São Paulo: Ática, 1993, p. 73-143.

_____. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Da Divisão do Trabalho Social**. Trad. De Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUSSEL, E. **20 teses de política**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FIGUEIREDO, N.C.M. **Interfaces do trabalho voluntário na aposentadoria** [dissertação]. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FOLLMANN, J. I. Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais Unisinos**. Vol. 37, nº 158, 2001, p. 43-66.

FONSECA, Cláudia. **Quando Cada Caso Não é um Caso: o método etnográfico e educação**. Trabalho apresentado na ANPED, Caxambu. 1998.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FRANÇA, L. H.; STEPANSKY, D. V. Educação permanente para trabalhadores idosos: o retorno à rede social. **Boletim Técnico Senac**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, 2005, p. 46-55.

GAIGER, Luiz Inácio. Por uma sociologia dialógica. **Revista Estudos Leopoldenses** – Revista do Centro de Ciências Humanas da UNISINOS, São Leopoldo – RS, v. 35, n. 155. 1999, p. 21-37

GARCES, Solange Beatriz Billig. **Movimentação dos atores idosos na esfera pública e na sociedade civil: sociabilidades presentes no território dos idosos**. 2012. Tese [Doutorado em Ciências Sociais] - Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

GÁSPARI, Jossett Campagna; SCHWARTZ, Gisele Maria. O idoso e a ressignificação emocional do lazer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 21, n. 1, p. 69-76.

- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma** - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOLDMAN, S.N. "As dimensões sociopolíticas do envelhecimento". In: PY, L. et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004. Cap.3, p.61-81.
- GOLDSTEIN, L.L.; SOMMERHALDER, C. Religiosidade, Espiritualidade e Significado Existencial na vida adulta e velhice. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 950-956
- GODBOUT, Jacques T. **O Espírito da Dádiva**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GUIDI, M. L. M.; MOREIRA, M. R. de L. P. (orgs.) **Rejuvenescer a velhice: novas dimensões de vida**. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- HADDAD, Eneida G. de Macedo. **Velhice de Velhos trabalhadores: o cenário, o movimento e as políticas sociais**. 1991. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.
- _____. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.
- HALBWACHS, M. A. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 19 de agosto de 2013.
- JULIÃO, Sandra de O. Uma nova Lei: o Estatuto do Idoso. Promotoria de Defesa do Idoso e Portador de Deficiência do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, **Revista Reviva**, v. 01, n.01, 2004, p. 12-13.
- LAWLER, Steph. **Identity: Sociological perspectives**. England: Polity Press, 2007.
- LESBAUPIN, I. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, F. **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003

LOPES, Andrea. **Os desafios da Gerontologia no Brasil**. Campinas/SP: Alínea, 2000.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Trad. de Francisco Santos. Porto Alegre: Artes e Ofício Editora, 1995.

_____. **Elogio da razão sensível**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MARQUES, Eduardo; ARRETCHE, Marta; HOCHMAN, Gilberto (org). **Políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2007.

MARX, Karl. 1818 -1883. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Trad.: Rubens Enderle e Leonardo de Deus; supervisão e notas Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **O Capital**. Marx: uma biografia. Tradução Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. da versão inglesa de Talcott Parsons. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MATOS, Alice M. D. A. de. Entrevista concedida a Jornal local. https://www.youtube.com/watch?v=SyCtAhWCj_Q . Acesso em 14 de janeiro de 2014.

_____. **Cohabitation, "intimité à distance" ou isolement familial? Les relations familiales intergénérationnelles aux âges élevés dans la société portugaise**. 2007. Tese. [Doutoramento em Ciências Sociais (Demografia)] – Universidade Católica de Louvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica.

MELCHERS, Ronald. **Début de l'ère industrielle et rapports intergénérationnels dans le milieu de travail**. In: GUILLEMARD, Anne M. (org), 1995, p. 105-120.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. Ed. Unisinos, São Leopoldo, 2004.

MINAYO, M. C. S; COIMBRA JUNIOR C. E. A. (orgs). Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ; 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. “**A vida e a saúde do idoso na sociedade global e pós-industrial**”. Arquivo de geriatria e gerontologia, v.4, n.2, 1997, p.169-181.

_____. (org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis : Vozes, 1994.

_____. M. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURÃO, L.; ANDRADE, J. E. B. Significado do trabalho, caminhos percorridos e sinalização de tendências. In **Anais do XXV ANPAD** (p. 306). Salvador: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2001.

MORAGAS, M. R. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

MOREIRA, M. M. Determinantes demográficos do envelhecimento brasileiro. **Anais do XII Encontro de Estudos Populacionais**. ABEP, v. 1, Caxambu, 2000.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTTA, A. B. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: Peixoto, C. E. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

NAVARRO, P. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In: NAVARRO, P. (Org.). **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Claraluz, 2008.

NÉRI, A. L. “As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressa no Estatuto do Idoso”. **A Terceira Idade**, v.16, n.34, 2005, p.7-24.

NÉRI, A. L.; DEBERT, G. G. (orgs). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

NERI, A. L; CACHIONE, M. *Velhice Bem-sucedida e Educação*. In: **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999, p.113-140.

NUNES, M. J. R. **A sociologia da religião**. In USARKI F. (org). O espectro disciplinar da ciência da religião. São Paulo: Paulinas; 2007.

NUNES, Alzira T. G. L. Serviço social e universidade da terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. **Textos sobre envelhecimento**. Rio de Janeiro, 2001, v. 3, n. 5, p. 01-11.

_____. **Qualidade de Vida e Idade Madura**. Ed. Papyrus, Campinas SP; 1993.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis**, Ed. Paulinas, SP, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento – 2002**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Organização Pan Americana de Saúde (OPAS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília; 2005.

PACHECO, Jaime Lisandro. As Universidades Abertas à Terceira Idade como espaço de convivência entre gerações. In: VON SIMSON, O. R. M. et al. **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

PALMA, Lúcia Saccomori; CACHIONI, Meire. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional para o adulto maduro e com o idoso. In: FREITAS et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996.

PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R.; BETTINELLI, L. A. (Orgs.) **Envelhecimento humano: desafios e perspectivas**. Passo Fundo: Ed. UPF: Grupo de Pesquisa Vivencer/CNPq, 2004.

PAZ, Serafin Fortes. **A situação de fóruns e conselhos do idoso no Rio de Janeiro**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Guita Grin Debert.

PEIXOTO, C.A. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS BARROS, M.M. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84. (Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política).

PEREIRA, J. K. **As representações sociais da velhice e terceira idade: um estudo de caso sobre um “grupo de terceira idade” de Caratinga/MG**. 2006. Dissertação. [Mestrado. em Meio Ambiente e Sustentabilidade] – Centro Universitário de Caratinga.

PEREZ, Marcos A. de Castro. **Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social**. 2007. Tese [Doutorado em Educação] – Universidade de São Paulo.

PERROT, M. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PESAVENTO, S.J. **História do Rio Grande do Sul**. 7.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PERUFO, Katusce F. **Idosos no Mercosul: uma análise da efetividade do Estatuto do Idoso suas implicações frente ao processo de envelhecimento populacional**. 2008. Dissertação. [Mestrado em Integração Latino-Americana] – Universidade Federal de Santa Maria.

PORTELLA, M. R. **Grupos de Terceira Idade: a construção da utopia do envelhecer saudável**. Passo Fundo - RS: UPF, 2004.

RAMOS, Marise. **O direito à velhice**. 2001. Tese [Doutorado em Direito Constitucional] PUC – SP.

SAFONS, Marisete Peralta Contribuições da atividade física para a melhoria da auto-imagem e auto-estima de idosos. Buenos Aires: **Lecturas: Educación Física y Deportes**<http://www.efdeportes.com>. Revista Digital Ano 5 - N° 22, Junho 2000.

SALGADO, M.A. Envelhecimento, um desafio para a sociedade. **Revista A Terceira Idade**. São Paulo: SESC, 1998, p. 4-8.

_____. Envelhecimento populacional: desafio do próximo milênio. **Revista A Terceira Idade**, ano X, n. 14, 1997, p. 31-37.

SÁNCHEZ, Lucía & MARTÍNEZ, Luz. Psicologia, identidade e política nas tecnologias de governo neoliberais. In: **Psicologia & Sociedade**, 18 (1), 2006, p. 7-14

SANTANA, M.C. **Significados de religiosidade segundo idosos residentes na comunidade; dados do PENSA**. [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SANTIN, J. R.; VIEIRA, P. S, (Org). **Envelhecimento humano: saúde e dignidade**. Passo Fundo: UPF, 2005.

SANTOS, Laura. **As políticas públicas de atenção à velhice**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. PUC/SP, 1998.

SANTIN, J. R.; VIEIRA, P. S, (Org). **Envelhecimento humano: saúde e dignidade**. Passo Fundo: UPF, 2005.

SARBIN, Theodore R., KITSUSE, John I. A Prologue to Constructing the Social. In: SARBIN, Theodore R. & KITSUSE, John I., eds. **Constructing the Social**. London: Sage, 1994, cap.1, p.1-18.

SAYEG, M. A., MESQUITA, R. A. V. **Políticas públicas de saúde para o envelhecimento**. In: FREITAS, E. V. de et alii (orgs.). Tratado de geriatria e gerontologia, 2002.

SAWAIA B. B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, 9(2). São Paulo, 1995.

SELIG, G. A.; VALORE, L. A. imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para a orientação profissional. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. V. 13, n. 1, 2010, p. 73-87.

SESC. **Boletim do Centro de Referência do Envelhecimento**, n. 09, Ano II, 2000.

SETTERSTEN, Jr. Richard A; ANGEL, Jaccqueline L. (ed). **Handbook of Sociology of Aging**. London: Springer, 2011.

SCHÜTZ, Alfred. **Senso Comum e a interpretação científica da ação humana**. Tradução: Cristina W. Andrews, v. XIV, n. 1, p. 1-30, 1953. Disponível em: http://cienciassociaisunifesp.files.wordpress.com/2011/07/alfred_schutz_senso_comum.pdf Acesso em 31 de março de 2014.

SILESTRE, J. A; NETO, M.M. C. Abordagem do idoso em um programa de saúde da família. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2003.

SILVA, J.C. “Da Velhice e assistência social no Brasil”. **A Terceira Idade**, v.17, 2006, 54-64

SILVA, H. **O voluntariado entre idosos no município de São Paulo** [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 2003.

SILVEIRA R, Stigger MP, BLESSMANN, E. J. Atividades de lazer e envelhecimento: estudo etnográfico na Sociedade Esportiva e Recreativa Recanto da Alegria – SOERAL. In: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/ Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; 2005.

SIMMEL, George. **George Simmel: Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Ed.: Jorge Zahar, 2006.

_____. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: Moraes Filho, E. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOMMERHALDER, C., NOGUEIRA, E.J. As relações entre gerações. In: NERI, A.L., FREIRE, S.A. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000.

SOUZA, Celina. “Estado de campo” da pesquisa em políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2003, vol.18, n.51,p.15-20.

STROPPIA A, Moreira-Almeida A. Religiosidade e Saúde. In: Salgado MI, Freire G. **Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina**. Belo Horizonte: Inede; 2008.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

UVO, R. T.; ZANATTA, M. de L. A.L. “O Ministério Público na defesa dos direitos do idoso”. **A Terceira Idade**, v.16, n.33, 2005.

VALLIN, J. **Mortalidade, sexo e gênero**. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/Demographicas2/demographicas2arti%20go1_15a54.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2014.

VERAS, R.P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 1994.

WEBER, M. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. In: CONH, G. (org.). Weber. São Paulo: Ática, 1989.

WEBER, M. 1864 – 1920. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva/Max Weber. Trad.: Régis Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 3ª edição, Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

_____. **Ensaio de Sociologia**. RJ: Zahar, 2002.

WINKIN, Y. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998.

WRIGHT, Kevin B. 2000. Computer-Mediated Social Support, Older Adults and Coping. In: SETTERSTEN, Jr. Richard A; ANGEL, Jacqueline L. (ed). **Handbook of Sociology of Aging**. London: Springer, 2011.

ANEXO A

Roteiro de Entrevista

- 1) Como o sr/sra. se auto-identifica?
 - a) Idoso;
 - b) Velho;
 - c) Na Terceira Idade;
 - d) Na melhor Idade;
 - e) Na Idade da Sabedoria;
 - f) Na Maturidade.
 - g) Acredita que esteja na Melhor Idade?
 - h) Outra forma: _____

- 2) Fale um pouco da sua família:
 - a) Onde nasceu? [Breve trajetória biográfica]

- 3) Como é o seu dia a dia, desde o momento de despertar? [Conte-me o que o sr/sra faz durante o dia: M, T, N]; [familiar ou na instituição].
 - a) Em dias de semana?
 - b) Em finais de semana?
 - c) Qual o passatempo preferido?
 - d) O que mais gosta de fazer?
 - e) O que menos gosta de fazer?
 - f) Recebe visitas ou visita pessoas?
 - g) Participa de algum grupo de Melhor Idade?
 - h) Participa de algum grupo de voluntariado? Qual?
 - i) Faz algum curso?

- 4) Qual foi/era sua profissão?
 - a) Ainda atua na profissão?
 - b) Ajuda financeiramente a família? É ajudado(a)?
 - c) Viaja com frequência? Quais os lugares que mais gosta de visitar? Por quê?
 - d) Quais os seus planos para este ano, e ano que vem?
 - e) Tens algum projeto de viagem?
 - f) Qual a idade em que se aposentou?
 - g) O seu rendimento é suficiente? Antes da aposentadoria, ganhava mais? houve defasagem no salário?

- 5) O sr/sra entende que hoje a vida dos aposentados está melhor ou pior? Por quê?
- a) Como se sente com esta idade?
 - b) Como os jovens vêem as pessoas mais velhas? Existe respeito?
 - c) Acredita que hoje uma pessoa de 65 anos ou mais é diferente de uma pessoa com esta mesma idade , 20 anos atrás?

Outras anotações durante a entrevista (observações quanto à postura do/da entrevistado/a: alegre, falante, triste, silencioso? Demonstrava ou não nervosismo impaciência?) – **Sentimentos da pesquisadora quanto à situação de entrevista.**

ANEXO B

Roteiro de Entrevista

Nome: _____ Sexo: ()F ()M

Idade: _____ Estado Civil: _____ Profissão: _____

Escolaridade: _____ Telefone para contato: _____

RELAÇÕES SOCIAIS

01. Quantas pessoas vivem em sua residência? Quem são ela(e)s?
02. Quem são seus melhores amigos?
03. Você participa de alguma religião, seita ou filosofia de vida? Qual? Há quanto tempo? O que o(a) levou a participar? Esta traz benefícios a sua vida?
04. Você participa de algum trabalho voluntário na comunidade? Em qual Instituição?
05. Quais os benefícios que o trabalho voluntário trouxe para a sua vida?
06. Quanto às novas tecnologias: você tem acesso à internet? Participa de redes sociais? Quais?
07. Você tem email? Está nas redes sociais? Qual(is)? Você conheceu pessoas através da internet?
08. Quantas horas por dia costuma ficar na internet?
09. Quantas vezes encontra seus amigos por semana?
10. Você recebe algum tipo de ajuda, de familiares, amigos ou terceiros?
11. Você precisou de atendimento médico nos últimos 12 meses?

LAZER

12. O que você faz nas horas de lazer? O que mais gostas de fazer?
13. Você costuma ir a festas? () ()
14. Você faz alguma atividade física? () () Qual(is)?
15. Tens telefone celular? () ()
16. Costuma ir no cabeleireiro? () ()
17. Você gosta de viajar? () ()

18. Já foste para o exterior? () ()
19. Com quem costuma viajar?
20. Assiste televisão? () () Qual(is) o(s) programa(s) que mais gostas?
21. Você vai a festas?
22. Você costuma visitar pessoas ou receber visitas? Onde? Quem?

GRUPOS DE SOCIABILIDADE

23. Você participa em algum grupo ou movimento comunitário (Associações, Conselhos, etc)
24. Começou a participar após a aposentadoria ou já participava antes?
25. Acredita que após a aposentadoria o(a) sr(a) está mais participativo(a) na sociedade?
26. Você participa de grupos de convivência? Há quanto tempo? Por quê? Quais os benefícios que eles trazem? Você tem alguma função ou cargo no grupo o qual participa?
27. Você identifica os idosos que fazem parte dos grupos de convivência? Quais as características de um idoso que participa dos grupos de Terceira Idade?
28. Tens namorado(a)?

POLÍTICAS/DIREITOS

29. Você é capaz de me indicar quais os direitos contidos no Estatuto do Idoso? Utiliza algum destes direitos?
30. Você acha que os idosos defendem ativamente os seus interesses? Você participa de algum grupo que defende ativamente os direitos e interesses dos idosos?
31. Pode indicar-me que medidas (ou ações) foram tomadas em Santa Maria a favor dos idosos que o senhor/a lembre nos últimos 5 anos?
32. Em que medida os idosos contribuem para as ações que são tomadas em Santa Maria a favor dos idosos?
33. Em Santa Maria, quem representa os idosos? Quem luta pelos direitos dos idosos?

TRABALHO/RENDA

34. Ainda atua na sua profissão? Se ainda atua, por quê? Quais os motivos que o(a) levam a atuar?

35. Qual a sua renda mensal?

a. () entre R\$ 678,00 e R\$ 1.356,00

b. () entre R\$ 1.356,00 à R\$ 2.712,00

c. () entre R\$ 2.712,00 à R\$ 5.424,00

d. () mais que R\$ 5.424,00

36. Há outras rendas, exceto a sua aposentadoria?

37. Seus familiares dependem da sua renda? Você depende da renda deles? Você destina parte do valor para alguém?

38. Tens poupança?

39. Há mais alguma questão que você gostaria de dizer para contribuir nesta pesquisa?